



DONS ESPIRITUAIS E MINISTERIAIS

Servindo a Deus e aos homens com
poder extraordinário

Elinaldo Renovato

ELINALDO RENOVATO

DONS ESPIRITUAIS E MINISTERIAIS

Servindo a Deus e aos homens com
poder extraordinário

2ª Edição



CPAD

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Como em todos os livros que tenho a graça de escrever, em primeiro lugar, agradeço a Deus, por mais uma oportunidade de ser útil à sua Igreja. Agradeço a meus pais, José Martins de Lima (*in memoriam*) e Milza Renovato de Lima, que me encaminharam na fé em Cristo Jesus.

À minha esposa, Íris, que, nos 48 anos de casados, sempre está ao meu lado, ajudando no meu ministério. Ela é minha leitora número um, e cuida da revisão dos livros e textos que escrevo. Com sua ajuda, meu trabalho literário é aperfeiçoado. Com suas orações, apóia-me espiritualmente, dando-me tranquilidade para servir ao Senhor com alegria.

A meus filhos: a Ilana e seu esposo, Kennedy, a Liana Rebeca e Ana Beatrice (netas); a Ilene e seu esposo, Joel e Jônatas (netinho); a Elieber e sua esposa, Talita, a Taminha (neta), a Elieber Filipe (netinho) e a Tãmara (a netinha mais nova); a Raquel, a filha mais nova e a seu esposo, Renielton; agradeço-lhes pelo incentivo que me dão com suas vidas nos caminhos do Senhor, dando-me a alegria de dizer “eu e minha casa servimos ao Senhor”.

À Assembleia de Deus em Parnamirim, e a meus irmãos e amigos, que oram por mim e pelo meu ministério e me estimulam a trabalhar em prol do Reino de Deus.

À CPAD, na pessoa de Dr. Ronaldo Rodrigues, seu ilustre diretor, que tem valorizado o autor nacional; à sua diretoria, formada por homens, que colaboram para a melhoria da educação cristã, e a todos os que fazem a nossa Casa Publicadora.

Aos queridos irmãos, leitores, pelo Brasil afora, que têm prestigiado nosso trabalho literário. Que este livro seja uma bênção para edificação de suas vidas. A Deus, toda a glória!

Parnamirim, 30 de outubro de 2013
Elinaldo Renovato de Lima — Pastor

APRESENTAÇÃO

Deus se compraz em dar presentes. É da natureza divina a generosidade para com sua criação, e o mesmo pode ser dito no que concerne ao relacionamento de Deus para com sua Igreja. Nesse caso específico, a Bíblia nos apresenta a expressão “dom” como uma capacitação dada pelo próprio Deus para que seus servos possam atuar de forma adequada nas esferas da igreja local.

Este livro fala dos presentes que Deus dá à sua Igreja. Esse assunto tem atravessado séculos de discussão dentro da igreja cristã, e não é sem motivos. As duas grandes temáticas referem-se à contemporaneidade dos dons espirituais e sobre a sua utilização. Outras temáticas são tratadas também, como a classificação dos dons, definições modernas de cada um, os dons ministeriais e a importância da utilização dos dons com sabedoria, humildade e submissão a Deus.

Como pentecostal, creio na atualidade dos dons. Não há na Palavra de Deus qualquer texto que nos remeta à ideia de que os dons espirituais foram apenas dados para a época dos primeiros apóstolos. Não consigo entender que tipo de hermenêutica é feita para que teólogos entendam que presentes especiais dados por Deus para a edificação da Igreja têm prazo de validade vencida.

Creio também na correta e amorosa utilização dos dons do Espírito. Temos visto que abusos na utilização dos dons têm gerado confusão na igreja, e esta obra mostra a necessidade de um estudo aprofundado não apenas sobre a definição dos dons, mas também sobre a forma bíblica de sua utilização.

Os dons ministeriais e de serviço também são abordados de forma clara nesta obra. Ministério e serviço devem andar juntos, e Deus proporciona à Igreja líderes que certamente somarão grandes valores ao povo de Deus na administração e no ensino.

Que Deus possa abençoar a sua vida e a sua compreensão dos dons descritos na Bíblia Sagrada e na prática congregacional dos mesmos.

Em Cristo Jesus,

Alexandre Claudino Coelho
Gerente de Publicações da CPAD

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
E Deu Dons aos Homens.....	9
CAPÍTULO 2	
Os Propósitos dos Dons	22
CAPÍTULO 3	
Dons de Revelação	32
CAPÍTULO 4	
Dons de Poder	43
CAPÍTULO 5	
Dons de Elocução	53
CAPÍTULO 6	
O Apóstolo	70
CAPÍTULO 7	
O Profeta	82
CAPÍTULO 8	
Evangelista	94
CAPÍTULO 9	
O Pastor.....	105

DONS ESPIRITUAIS & MINISTERIAIS

CAPÍTULO 10	
O Doutor ou Mestre	118
CAPÍTULO 11	
O Presbítero, Bispo ou Ancião	128
CAPÍTULO 12	
O Diácono	139
CAPÍTULO 13	
A Multiforme Sabedoria de Deus	148
BIBLIOGRAFIA	159

Coleção Lições Bíblicas



FORMATO : PDF / DIGITAL

CPAD

★★★★★ 4.34 Avaliação 1

Agora você tem à sua disposição este rico e profundo conteúdo das Lições Bíblicas

110 988-980-000

Por: R\$ 47,00

Promoção Por Tempo Limitado

Saiba mais

Capítulo 1

E DEU DONS AOS HOMENS

“Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativoiro e deu dons aos homens” (Ef 4.8).

Deus, o Criador de todas as coisas, do universo, dos seres vivos e do homem, compraz-se em ser um doador de bênçãos. Faz parte de sua natureza divina, do seu caráter e de sua essência, conceder dádivas ou dons ao ser criado à sua imagem, conforme a sua semelhança. Ao criar o ser humano, homem e mulher, deu-lhes o sopro divino, o primeiro dom, o dom da vida. Não apenas a vida biológica, mas a vida espiritual, a vida eterna, com a qual o homem poderia desfrutar para sempre da gloriosa presença do Criador, sem sofrer os males decorrentes do pecado.

A Queda foi a tragédia de dimensão espiritual, humana e cósmica. O homem não soube aproveitar a grande dádiva da existência e da vida, propiciada pelo Ser Supremo. E desperdiçou a grande oportunidade de viver com Deus, no paraíso, que se estenderia por todo o planeta, num ambiente plenamente adequado para uma vida especial. Perdeu a vida eterna, restando-lhe o dom da vida na dimensão biológica, sujeito às fraquezas e desordens naturais.

Mas Deus provou que tem um plano especial para o homem, na face da Terra. E propiciou a redenção da humanidade, com a promessa da “semente da mulher” (Gn 3.15), que haveria de ferir a cabeça da serpente, o Diabo e seus seguidores. Jesus, a maior dádiva de Deus à

humanidade, nasceria de uma mulher (cf. Is 7.14), para ser morto, em sacrifício pelo homem perdido, e tornar-se o vencedor do pecado, da morte e do Diabo. A salvação foi o maior dom de Deus ao mundo (Jo 3.16). O dom da vida eterna, em Cristo Jesus.

No plano de Deus para o planeta Terra, Ele previu a formação de um povo especial, que deveria representar os interesses do seu Reino. Foi o povo de Israel (Êx 19.3-6).

O Senhor deu a Israel todas as condições para ser um “reino sacerdotal e povo santo”. Mas Israel não entendeu os sublimes propósitos de Deus para sua história. Ao longo de séculos, alternou-se em servir a Deus e a desobedecer a sua vontade. Bênçãos e castigos fazem parte de sua história. Culminando em sua rejeição por um tempo, para que Deus escolhesse outro povo para servir aos interesses dos céus no universo. Esse povo é a Igreja de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Cumprindo a promessa feita no Éden, de redenção da humanidade, Jesus veio ao mundo, no tempo de Deus (*kairós*), “na plenitude dos tempos” (Gl 4.4), para congregar a sua igreja, como “... um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

Na Antiga Aliança, Deus concedeu a Israel líderes extraordinários para guiá-los como povo eleito. Alguns tinham dons especiais, como Moisés, Arão, Miriã, Josué; outros eram profetas ou mensageiros, que tinham dons especiais, concedidos por Deus para a operação de sinais e maravilhas. Mas aqueles dons não estavam à disposição de toda a comunidade. Moisés fazia sinais ante Faraó, e o povo apenas tomava conhecimento e era beneficiário dos milagres de Deus. Eliseu fazia sinais, multiplicando o azeite da viúva; ou tornando doces as águas estéreis (2 Rs 3.20-22), e o povo era apenas espectador, ou nem tomava conhecimento de tais maravilhas.

Entretanto, na Nova Aliança (Novo Testamento), como parte do plano de Deus, em Cristo Jesus, Ele resolveu dar “dons aos homens” (Ef 4.8), após sua vitória sobre a morte e sobre todos os poderes do mal. Indo além dos “dons naturais”, Jesus resolveu capacitar seus servos, integrantes de sua Igreja, dando-lhes dons (*carismas*), que são postos à disposição de todos os salvos, no seio da comunidade cristã.

Os dons são “ferramentas”, por assim dizer, à disposição da igreja, para que essa exerça sua missão profética, de proclamadora do evangelho de Cristo, de modo eficaz, contra “...os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12), usando a “armadura do salvo”,

na guerra espiritual sem tréguas a que todo salvo é submetido. Neste estudo, veremos o que são os dons, seu propósito e sua classificação, e como são postos à disposição dos salvos em Cristo Jesus.

Nunca foi tão necessária a manifestação dos dons do Espírito Santo, como nos dias atuais visto que estamos vivendo numa sociedade corrompida pelo pecado e enganada por falsos milagres e ensinamentos que contradizem o verdadeiro evangelho de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Existe em toda a Bíblia Sagrada pelo menos quatorze palavras para referir-se a dons, cinco delas em hebraico e nove em grego. Porém o apóstolo Paulo emprega a palavra *charisma*, para indicar os dons do Espírito Santo, as suas graças, gratuitamente conferidas para a obra do ministério (1 Co 12.4,9,28,30,31). A Palavra *Charisma* é usada por dezessete vezes no Novo Testamento, com certas variedades de aplicação.

As habilidades dadas a cada pessoa pelo Espírito Santo são chamadas de dons espirituais. E capacita a quem os recebe para ministrar às necessidades principalmente do Corpo de Cristo que é a Igreja. Nesta análise, de natureza introdutória, chamamos de “dons de Deus” a todos os carismas concedidos por Deus, de diversas formas, como recursos de origem divina, que têm o propósito de capacitar os salvos em Cristo Jesus, como membros da Igreja, para que esta alcance sua Missão e seus objetivos, definidos pelo seu Senhor, Cabeça e Mestre.

I – OS DONS NA BÍBLIA

1. NO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra “dom” tem vários significados no texto bíblico. No Antigo Testamento, escrito em hebraico, há várias palavras que traduzem o sentido de “dom”. Dentre elas, destacamos os termos *mattan*, com o sentido de alguma coisa oferecida gratuitamente, ou “um presente”, como em Provérbios 19.6; 21.14; ou como dote, dádiva (Gn 34.12). Há o termo *maseth*, que também significa “presente”, “dádiva” (Et 2.18; Jr 40.5); a mais usada, no entanto, é *minchach*, que ocorre duzentas e nove vezes, com o significado de “oferta”, “presente” (Sl 45.12; 72.10). Em todas as ocorrências, o sentido é sempre o de algo que é dado ou oferecido gratuitamente. No Antigo Testamento, os dons eram

concedidos a pessoas específicas, chamadas por Deus para cumprir determinadas missões. Os dons não estavam à disposição de todo o povo de Deus.

2. NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, escrito em grego, a palavra “dom” assume de igual modo significados diversos. O termo “*dōma*” indica a oferta de um “presente”, “boa coisa” (Mt 7.11); o “pão nosso” é uma dádiva de Deus (Lc 11.13); “dons”, concedidos por Deus aos homens (Ef 4.8), com base no Salmo 68.19. A palavra *cháris* indica “dom gratuito”, ou “graça” (2 Co 8.4). O termo *charisma* é muito utilizado em estudos bíblicos, pois tem o significado de “dons do Espírito”, concedidos pela graça de Deus, com propósitos muito elevados; é relacionado ao termo *ta charismata*, utilizado em 1 Coríntios 12.4,9,28,30,31, que tem o sentido de “dons da graça”. Há o termo grego *ta pneumática*, usado por Paulo, em 1 Coríntios 12.1; 14.1, que se refere a “dons espirituais”. Em o Novo Testamento, os dons de Deus estão à disposição de todos os que creem, com a finalidade de promover graça, poder e unção à Igreja no exercício de sua missão, de forma que Cristo seja glorificado.

3. DONS NATURAIS

O objetivo deste capítulo é enfatizar os dons no sentido espiritual. No entanto, incluímos rápida referência aos “dons naturais”, visto que eles são também dádivas ou concessões de Deus a todos os homens. Eles podem ser dados através de dois meios, e não devem ser confundidos com dons espirituais.

1) *Através da natureza*

Em sua infinita bondade, Deus “...é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (At 17.25). Além da vida humana, infundida no ato da criação, e na geração de cada novo ser vivo, Deus concede, através da natureza, o ar, a água, o sol, a chuva, a germinação das plantas, os frutos, os alimentos e tudo o que é necessário à sobrevivência no planeta. São “dons” ou dádivas naturais. É fruto da graça de Deus.

Para o naturalista, tudo isso é resultado de um processo ecológico, fruto do acaso cego. É a suprema ignorância sobre a verdadeira origem da Terra e do universo em geral. Mas os cristãos verdadeiros, que conhecem a Palavra de Deus, como revelação divina, sabem que todo o funcionamento dos ecossistemas são fruto da criação de Deus e de sua bondade para com o homem, face o seu plano glorioso para o planeta Terra, que é propriedade de Deus (Sl 24.1).

2) *Através das aptidões humanas*

De modo geral, cada pessoa tem algum tipo de habilidade para realizar determinadas coisas. A psicometria, que usa o Quociente de Inteligência (QI) como parâmetro, indica que há pessoas com nível de inteligência maior ou menor que outra. Numa outra linha de entendimento, o psicólogo Howard Gardner (1980) entende que existem 7 tipos de inteligência:¹

Inteligência linguística. As pessoas que possuem este tipo de inteligência tem grande facilidade de se expressar tanto oralmente quanto na forma escrita. Elas além de terem uma grande expressividade, também têm um alto grau de atenção e uma alta sensibilidade para entender pontos de vista alheios. É uma inteligência fortemente relacionada ao lado esquerdo do cérebro é uma das inteligências mais comuns.

Inteligência lógica: Pessoas com esse perfil de inteligência têm uma alta capacidade de memória e um grande talento para lidar com matemática e lógica em geral. Elas têm facilidade para encontrar solução de problemas complexos, tendo a capacidade de dividir estes problemas em problemas menores e ir resolvendo até chegar à resposta final. São pessoas organizadas e disciplinadas. É uma inteligência fortemente relacionada ao lado direito do cérebro.

Inteligência Motora: Talento para os esportes e para a dança. Pessoas com este tipo de inteligência possuem um grande talento em expressão corporal e tem uma noção espantosa de espaço, distância e

¹ **Os 7 tipos de Inteligência.** Disponível em <http://www.rius.com.br>. Acesso em 23/06/2013.

profundidade. Tem um controle sobre o corpo maior que o normal, sendo capazes de realizar movimentos complexos, graciosos ou então fortes com enorme precisão e facilidade. É uma inteligência relacionada ao cerebelo que é a porção do cérebro que controla os movimentos voluntários do corpo. Presente em esportistas olímpicos e de alta performance. É um dos tipos de inteligência diretamente relacionado à coordenação e à capacidade motora.

Inteligência Espacial. Pessoas com este perfil de inteligência têm uma enorme facilidade para criar, imaginar e desenhar imagens 2D e 3D. Elas tem uma grande capacidade de criação em geral, mas principalmente tem um enorme talento para a arte gráfica. Pessoas com este perfil de inteligência têm como principais características a criatividade e a sensibilidade, sendo capazes de imaginar, criar e enxergar coisas que quem não tem este tipo de inteligência desenvolvido, em geral, não consegue dominar esses assuntos.

Inteligência Musical: É um dos tipos raros de inteligência. Pessoas com este perfil têm uma grande facilidade para escutar músicas ou sons em geral e identificar diferentes padrões e notas musicais. Eles conseguem ouvir e processar sons além do que a maioria das pessoas consegue, sendo capazes também de criar novas músicas e harmonias inéditas. Pessoas com este perfil é como se conseguissem “enxergar” através dos sons. Algumas pessoas têm esta inteligência tão evoluída que são capazes de aprender a tocar instrumentos musicais sozinhas. Assim como a inteligência espacial, este é um dos tipos de inteligência fortemente relacionados à criatividade.

Inteligência Interpessoal: É um tipo de inteligência ligada à capacidade natural de liderança. Pessoas com este perfil de inteligência são extremamente ativas e em geral causam uma grande admiração nas outras pessoas. São os líderes práticos, aqueles que chamam a responsabilidade para si. Eles são calmos, diretos e tem uma enorme capacidade para convencer as pessoas a fazer tudo o que ele achar conveniente. São capazes também de identificar as qualidades das pessoas e extrair o melhor delas organizando equipes e coordenando trabalho em conjunto.

Inteligência Intrapessoal: Liderança indireta para influenciar as pessoas. É um tipo raro de inteligência, também relacionado à liderança.

Quem desenvolve a inteligência intrapessoal tem uma enorme facilidade em entender o que as pessoas pensam, sentem e desejam. Ao contrário dos líderes interpessoais que são ativos, os líderes intrapessoais são mais reservados, exercendo a liderança de um modo mais indireto, através do carisma e influenciando as pessoas através de ideias e não de ações. Entre os tipos de inteligência, este é considerado o mais raro.

Numa análise teológica, podemos dizer que esse ou aquele tipo de inteligência ou habilidade humana é dom natural de Deus, manifestado através de talentos, virtudes, capacidades inatas, ou vocações para determinadas tarefas.

Inteligência Espiritual. O apóstolo Paulo, em sua visão ampla acerca da vida espiritual, incluiu, em seus ensinamentos o conceito de “Inteligência Espiritual” (Cl 1.9). Sem dúvida alguma, é a inteligência concedida por Deus para os crentes compreenderem, discernirem e praticarem a vontade de Deus, em todas as áreas e situações de sua vida. A inteligência espiritual transcende os dons naturais e situa-se na esfera da ação do Espírito Santo na vida do crente. Certamente, podemos dizer que também é um dom de Deus.

II – DONS ESPIRITUAIS (1 CO 12.1-11)

Como consta do item I, tanto no Antigo como no Novo Testamento, a palavra “dons” sempre se refere à dádiva, ofertas ou presentes, concedidos graciosamente. Os dons espirituais ou carismáticos são manifestações espirituais ou poderes, concedidos pelo Espírito Santo com o propósito maior de glorificar a Cristo. O Novo Testamento faz uso da expressão pneumática (gr. derivada de pneuma, “espírito”), indicando que a expressão “dons espirituais” refere-se às manifestações sobrenaturais concedidas como dons da parte do Espírito Santo, e que operam através dos crentes, para o seu bem comum (vv. 1,7; 14.1). A expressão pneumatikon, usada por Paulo (1 Co 12.1), refere-se a “coisas espirituais”, entendidas como os dons espirituais.

Após a ressurreição de Cristo, Ele se credenciou, diante de Deus, dos anjos e dos poderes do mal, para dar “dons aos homens” (Ef 4.8). Indo além dos “dons naturais”, Jesus resolveu capacitar seus servos, integrantes de sua Igreja, dando-lhes dons (carismas), que são postos à disposição

de todos os salvos, no seio da comunidade cristã. Esses dons não são privilégio ou exclusividade dos líderes, dos pastores, evangelistas, presbíteros, ou dos ensinadores da igreja. Eles estão à disposição dos santos, para que, por eles, o Senhor realize seus propósitos especiais. Ele os reparte “particularmente a cada um como ele quer” (1 Co 12.11).

A Igreja de Jesus é “...a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para” anunciar “as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9). Esse povo é “o seu Corpo”, do qual Ele é a cabeça (Cl 1.18). A Igreja é a “...universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.23). E não pode ser confundida com “igrejas e igrejas”, que existem, cuja origem não é divina, mas humana e criadas com propósitos humanos. Os dons espirituais contribuem para estabelecer e demonstrar a diferença entre “igrejas” e a Igreja de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

1. O CONHECIMENTO DOS DONS ESPIRITUAIS

Os salvos em Cristo Jesus não podem ser ignorantes acerca dos dons espirituais (1 Co 12.1-3). É interessante, ainda que no aspecto negativo, como há falta de ensino, em muitas igrejas, acerca do batismo com o Espírito Santo e mais ainda sobre os dons espirituais. Essa omissão contribui para a ignorância acerca dos dons, e dá lugar a comportamentos estranhos, de origem carnal e emocional, como expressões falsas de espiritualidade. É o caso do “cair no espírito”, quando certos pastores ou pregadores, sem base bíblica, dão palavras de ordem a pessoas incautas e carentes de ensino, e elas caem desmaiadas. E isso é visto como “elevado sinal de espiritualidade”. Quanto mais pessoas o pregador “derrubar”, é visto como muito espiritual. Se não derrubar crentes não é espiritual!

2. A NECESSIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

A Igreja, como “Corpo de Cristo”, precisa de poder, de unção e de manifestações espirituais, que se expressam genuinamente através dos dons espirituais. Esses dons são indispensáveis à unidade e à ação da Igreja, por diversas razões.

1) Na espera pela vinda de Jesus. Em toda a sua história, desde sua fundação por Jesus Cristo, a Igreja tem sido a instituição mais atacada pelas forças do mal. Ela nasceu debaixo da perseguição. Impérios humanos tentaram destruí-la, apagando seu nome da face da terra. Filosofias humanistas e materialistas tentaram sufocá-la, abafando sua mensagem; sistemas políticos totalitários e ateístas, a serviço do Diabo, tentaram eliminar sua influência no mundo.

Os ataques contra a integridade espiritual da Igreja continuam, ao longo dos séculos. Como Noiva do Cordeiro, Ela precisa de poder para vencer às mais diferentes investidas malignas, na longa espera pelo Noivo. Ainda que, no século XXI, haja, no meio das igrejas locais, recursos que os primeiros cristãos não possuíam, em termos teológicos, educacionais ou tecnológicos, o único recurso que lhe dá condições de suplantar o império do mal é o Poder do Espírito Santo. E este poder se manifesta na operação sobrenatural dos dons espirituais.

2) Os dons espirituais fazem a diferença. Na parábola das Dez Virgens (Mt 25.1-13), Jesus demonstrou a seus discípulos que a chegada do Noivo poderia demorar. As cinco virgens loucas representam a parte da Igreja que não estará preparada para esperar a Volta de Jesus. As virgens prudentes representam os crentes salvos, que, além de terem o “azeite” nas lâmpadas, ou em suas vidas e testemunho, têm “azeite” nas vasilhas de reserva.

O “azeite” representa a presença e o poder do Espírito Santo na vida dos crentes que vão subir ao encontro do Senhor Jesus Cristo (cf. 1 Ts 4.16,17). Os dons espirituais é que fazem a diferença, atuando no meio da igreja, nesses “tempos trabalhosos” (2 Tm 3.1), em que a pecaminosidade e a rebeldia contra Deus estão aumentando. Há milhares e milhares de “igrejas”, mas só vão subir ao encontro do Noivo os crentes salvos, santos e irrepreensíveis para a vinda de Jesus (1 Ts 5.23).

3) Os dons podem ser abundantes. A igreja de Corinto é um exemplo eloquente de que uma igreja cristã pode experimentar a ocorrência de uma variedade enorme de dons espirituais. Na introdução à sua primeira Carta aos Coríntios, Paulo tece considerações elogiosas àqueles crentes, acentuando que nenhum dom (espiritual) lhes faltava, “esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 1.7), que os haveria de confirmar até o fim para serem” irrepreensíveis no Dia de Nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 1.8).

4) *Os dons são indispensáveis à evangelização.* A missão da Igreja, levada a efeito através das igrejas locais, é de proclamar o evangelho. Nos tempos pós-modernos, a incredulidade, a frieza e a indiferença pelo evangelho de Cristo é tão grande e tão latente, que, sem a manifestação espiritual de forma evidente, as pessoas não vão saber discernir entre os falsos evangelhos e o verdadeiro evangelho de Jesus. Sempre houve essa necessidade.

Nos primórdios da evangelização, através de Jesus Cristo, as pessoas criam nEle, a ponto de multidões segui-lo, não só pela sua mensagem que tinha autoridade, e fazia diferença (Jo 7.46), mas, principalmente, por causa dos sinais e prodígios que Ele fazia.

III - A GENUIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

Os dons espirituais devem ser utilizados na igreja, respeitados os requisitos e condições estabelecidos na palavra de Deus. Fora disso, há o risco de haver manifestações espúrias ou falsas em relação ao verdadeiro caráter dos dons.

1. OS DONS DEVEM SER EXERCIDOS COM AMOR

A divisão da Bíblia em capítulos só ocorreu em 1227 e, em versículos, em 1551.² Quando se lê o capítulo 12 de 1 Coríntios, sobre os dons espirituais e se passa para o capítulo seguinte, sobre o amor cristão, tem-se a impressão de que são temas distintos. Na verdade, originalmente, antes da divisão da Bíblia em capítulos, o texto dos capítulos 12 a 14 trata do mesmo tema dos dons.

Paulo termina o capítulo 12, com sua belíssima dissertação sobre os dons espirituais, com uma exortação por demais relevante, dizendo: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente” (1 Co 12.31 — grifo nosso). Que “caminho ainda mais excelente” é esse? A resposta vem de imediato, na ligação entre o último versículo do capítulo 12 e o primeiro versículo do capítulo 13, quando o apóstolo dá sequência ao seu precioso

² LIMA, Elinaldo Renovato de. **Deus e a Bíblia**, p. 141,142.

so ensino sobre os dons espirituais. E afirma de modo peremptório: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria” (1 Co 13.1,2).

Fica bem claro que, se os crentes tiverem dons espirituais em abundância, mas não tiverem amor, o exercício desses carismas de nada adianta diante de Deus. Nesses dois versículos Paulo mostra a síntese da inutilidade dos dons, quando usados sem amor.

2. OS DONS DEVEM SER USADOS DE ACORDO COM A PALAVRA

A Palavra de Deus deve ser a referência número um para qualquer atividade ou manifestação na igreja? “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105). É o Espírito Santo quem inspira a Palavra de Deus e a seus escritores. Logo, não há nenhuma justificativa para que um dom seja exercido em desacordo com os preceitos da Palavra de Deus.

3. OS DONS NÃO DÃO ORIGEM A DOUTRINAS

A fonte primordial e única de qualquer doutrina, na igreja cristã, é a Palavra de Deus. É altamente danoso para a integridade espiritual de qualquer igreja, quando um líder, ou um outro membro da igreja, apresenta como doutrina aquilo que não tem fundamento na Bíblia. Determinado obreiro ensinou que os crentes que possuem internet estão em pecado. Para se dizer que algo é pecado é necessário fundamentar na Palavra de Deus. Na realidade, tal ensino é fruto de opinião pessoal do líder. Do contrário, é imposição autoritária, que só traz prejuízo à obra do Senhor. Ensinar que quem usa a internet de maneira ilícita, para visualizar coisas que não agradam a Deus, está pecando, é correto, mas afirmar que possuir internet é pecado é abuso de autoridade ministerial.

Não há necessidade de outra fonte de doutrina além da Palavra de Deus (Gl 1.8,9).

4. QUEM TEM UM DOM DEVE SER MAIS HUMILDE

Os dons espirituais são parte das riquezas sobrenaturais, concedidas pelo Espírito Santo aos servos do Senhor, com o objetivo de servir à igreja. Jamais o portador de um dom deve orgulhar-se e portar-se de modo arrogante ou autoritário. Deve agir, sabendo que “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4.7). Nunca devemos esquecer de que o Espírito Santo glorifica a Cristo e não ao homem (Jo 16.14). Se o que tem o dom não tiver essa consciência de humildade, poderá perder a graça para usá-lo. Deus não admite que o seu louvor seja transferido para ninguém.

IV - DONS MINISTERIAIS (Ef 4.11)

Ministérios são serviços ou funções exercidos na igreja local, como parte do Corpo de Cristo, que é a sua Igreja. No âmbito cristão, ministérios são serviços que devem ser exercidos por pessoas que tenham a mentalidade de servas de Cristo. Quem não pode ser servo não pode ser ministro na Igreja de Cristo. Ele disse que não veio para ser servido, mas para ser servo (Mt 20.28).

1. O LADO ESPIRITUAL DA IGREJA

Igreja de Jesus Cristo é espiritual e humana. No lado espiritual, precisa de poder espiritual, de sabedoria espiritual, de capacitação espiritual. Daí, a necessidade dos dons espirituais, como foi visto no item anterior. O lado espiritual reflete a natureza da Igreja como organismo, ou o Corpo de Cristo, Paulo discerniu bem o aspecto espiritual da Igreja, como organismo espiritual ao dizer: “Antes, seguindo a verdade em caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Ef 4.15,16).

2. O LADO HUMANO DA IGREJA

No lado humano, a Igreja precisa de liderança. E esta não pode ser exercida apenas pela capacidade humana, intelectual, teológica, por mais que tais capacitações sejam importantes. A liderança eclesial deve ser espiritual, ministerial e administrativa. Os ministérios ou serviços (gr. diakonion), indispensáveis ao ordenamento e o funcionamento da igreja dependem da graça de Deus. Os dons ministeriais fortalecem a unidade da Igreja, atuando de modo equilibrado ao lado dos espirituais.

Os líderes cristãos podem ter formação secular ou teológica, mas não podem prescindir da legitimação através dos dons que os capacitam para liderar o Corpo de Cristo na Terra. Antes de tudo, precisam ter convicção da chamada de Deus para serem servos-líderes.

Jesus, o Dono e Senhor da Igreja, só dá dons a homens que têm esse perfil de homens-servos. Os dons espirituais estão à disposição de todos os crentes, de todos os salvos. Mas os dons ministeriais são específicos para homens que têm a chamada de Deus para o ministério de servir à Igreja.

CONCLUSÃO

A Igreja de Cristo Jesus, nestes tempos que antecedem à sua Vinda, precisa mais do que nunca do exercício e da experiência concreta dos dons espirituais e ministeriais. Espiritualidade sem organização ministerial pode levar a práticas fanáticas de falsos exemplos de espiritualidade. O exercício dos ministérios, sem a demonstração do poder de Deus, atuando pelos dons espirituais, seguramente leva à frieza institucional, transformando igrejas em meras instituições religiosas.



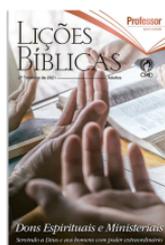
Ensinador Cristão Edição 85

Formato: **PDF - DIGITAL**

Valor: 11,99

Prazo de entrega: Imediatamente
Apos o sistema identificar o pagamento

MAIS INFORMAÇÕES > CLIQUE AQUI



2º Trimestre 2021 Lições Bíblicas Adultos

Formato: **PDF - DIGITAL**

Valor: 9,77

Prazo de entrega: Imediatamente
Apos o sistema identificar o pagamento

Saiba mais

Capítulo 2

OS PROPÓSITOS DOS DONS

“Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1 Co 14.12).

A experiência da vida cristã indica que grande parte das pessoas, nas igrejas pentecostais, não sabe lidar muito bem com os recursos espirituais que Deus coloca à disposição dos crentes. A começar pelo batismo com o Espírito Santo, há uma confusão de ideias sobre sua natureza, a forma de receber, e, mais ainda, quanto à sua finalidade ou propósito. Há quem pense que o cristão é batizado para falar línguas. Quando, na verdade, o falar em línguas, em princípio, é um sinal da experiência do recebimento do batismo com o Espírito Santo, e este, uma bênção distinta da salvação, concedida para que o cristão tenha poder para testemunhar com eficácia a mensagem do evangelho (At 1.8).

O falar em línguas também pode ser evidência do recebimento do “dom de variedade de línguas”, como um dom, ou carisma do Espírito Santo, entre outros, tão importantes, que Deus concede “a cada um como Ele quer”, mas sempre com propósitos ou finalidades especiais, visando a edificação, a unidade e o fortalecimento da sua igreja, tanto no sentido Universal, quanto no sentido da igreja local. Com esse entendimento, podemos dizer que, se o batismo com o Espírito Santo e o uso dos dons espirituais não forem bem compreendidos, no seio da igreja local, certamente haverá a manifestação estranha de comportamentos inadequados de espiritualidade.

Em certa ocasião, este escritor foi pregar numa igreja, no interior de um Estado brasileiro. O templo estava lotado. Mas, na hora da pregação, ficou inviável discorrer sobre o tema a que o pregador se propôs, porque os irmãos, quase sem parar, falavam línguas o tempo todo. Era uma comunidade bem animada, avivada, por assim dizer, mas pareceu claro que havia faltado ensino quanto ao uso dos dons espirituais, especialmente o dom de línguas.

Eles não o faziam com o intuito de prejudicar a transmissão da mensagem. Mas estavam muito mais interessados em mostrar que eram batizados com o Espírito Santo, ou que falavam línguas, do que com o entendimento do que lhes seria transmitido. Tivemos que encerrar a prédica mais cedo, pois éramos interrompidos o tempo todo, com brados em alta voz de louvor. A falta de ensino resulta no mau uso dos dons espirituais e dá lugar a meninices no meio da igreja. A igreja de Corinto, na Grécia, possuía praticamente todos os dons espirituais (cf. 1 Co 1.7), mas o apóstolo Paulo, em sua primeira carta àquela igreja, fez uma referência nada desejável àqueles irmãos. “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo” (1 Co 3.1).

Um verdadeiro paradoxo à primeira vista. Uma igreja que possuía todos os dons, com crentes batizados com o Espírito Santo; uns falavam línguas, outros profetizavam; outros interpretavam; outros tinham dons de curas e milagres; outros possuíam muito conhecimento espiritual, mas Paulo lhes escreve, demonstrando que, em sua avaliação, eles não eram tão espirituais quanto pareciam ser, pelo fato de terem tantos dons! Foi mais contundente, dizendo que eles eram “carnis” ou “meninos em Cristo”! Seria motivo para perguntarem a Paulo: “Como pode, pastor Paulo, uma coisa dessas? O senhor diz, no início de sua carta (1.7), que nenhum dom falta à igreja, e, poucos parágrafos depois, diz que esta igreja é formada de carnis e meninos em Cristo?”

Talvez, nem tal pergunta foi feita, pois a resposta sobre sua avaliação da igreja de Corinto foi dada logo a seguir, naquele trecho da missiva do apóstolo, para não deixar dúvida quanto à sua afirmação desagradável: “porque ainda sois carnis, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnis e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; porventura, não sois carnis?” (1 Co 3.3,4). Não poderia haver uma igreja mais espiritual do que aquela, mas, infelizmente, não poderia haver crentes mais carnis do que aqueles. Se fosse nos

dias atuais, algum “apóstolo” ou “bispo” se sentiria muito vaidoso em ser pastor de tal congregação.

Entre eles havia crentes invejosos, outros que promoviam contendas e dissensões, lançando irmãos contra irmãos. Certamente, eles não entendiam bem a natureza e o propósito dos dons espirituais para a igreja. Imaginavam, como acontece hoje, que possuir um dom espiritual é motivo para considerar-se superior aos outros; era razão para ser consagrado ao ministério, para ser presbítero ou ministro; quem sabe, havia irmãs de oração, que viviam profetizando, com a finalidade de dirigir a vida do pastor ou de outras pessoas; quem sabe, ainda, havia quem sapateasse na igreja, ou saísse marchando ou correndo, para lá e para cá, a fim de chamar a atenção para sua espiritualidade.

Havia algo pior. Divisão dentro da própria igreja. Havia grupos, partidos, “igrejinhas”, “panelinhas” e grupinhos de partidários de Apolo, de Pedro, de Paulo e até “de Cristo”. Aliás, este último grupo ou partido era o mais carnal de todos. Eram do tipo de crente que, hoje, diz: “Eu não dou satisfação a ninguém. Eu não obedeco ‘a homem’, mas só a Cristo”. São os que não obedecem aos pastores, ao dirigente da igreja, principalmente quando esses querem corrigir excessos de manifestações ditas espirituais no uso de dons.

Como Paulo não era o pastor titular da igreja, mas seu fundador, e vivia distante por força de seu ministério missionário, deve ter tomado conhecimento através de informações consistentes quanto ao comportamento da igreja. E por carta precisou exortá-los a que não continuassem na prática de comportamentos contrários à sã doutrina e ética no uso dos dons espirituais. Assim, é importantíssimo que os líderes de igrejas promovam o ensino bíblico quanto à origem, a natureza e o propósito dos dons espirituais. Este comentário tem essa finalidade, fornecendo análise e subsídios para o ensino sobre o propósito dos dons espirituais.

I – HÁ DIVERSIDADE DE DONS

Deus quer “que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Ef 3.10). Esta é uma das elevadíssimas missões da igreja: além de ser portadora da mensagem de salvação, na Terra, deve ser portadora do conhecimento

e da sabedoria divina até mesmo perante os principados e potestades espirituais. Essa sabedoria é tão profunda, que Paulo teve de exclamar de modo eloquente: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.13).

Diante de tão grande sabedoria, a ser conhecida na esfera celestial, e na esfera dos homens, Deus quis propiciar à igreja o acesso a recursos espirituais, tanto para conhecer a ciência de Deus, quanto para demonstrar o seu poder no meio dos homens. Se não fossem os dons espirituais, a igreja seria apenas uma instituição meramente humana, uma “associação religiosa sem fins econômicos”, por exigência legal. Assim, Deus capacitou a igreja com características e recursos que transcendem à esfera humana.

Diz Paulo, acerca desses recursos e manifestações espirituais: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1 Co 12.4-6). A “multiforme sabedoria de Deus” nunca poderia ser demonstrada através de um só dom. A mente humana jamais abarcaria a grandeza e a profundidade do saber divino. Assim, quis Deus que houvesse uma diversidade de dons espirituais, para que, de modo equilibrado, os crentes pudessem compreender e atuar na esfera da vida espiritual.

Dessa forma, Paulo registra que há nove tipos de dons (não nove dons). Numa igreja bem edificada, os dons são abundantes. Há palavra de sabedoria, ciência de Deus, existe a fé; há os dons de curar, que são variados; há operação de maravilhas; há profecia autêntica e não “profetadas”; porque há “dom de discernir os espíritos”; e também há línguas e interpretação de línguas (cf. 1 Co 12.7-10).

Horton diz que “O Espírito Santo quer honrar Jesus, não só chamando-o de Senhor, mas distribuindo uma ‘diversidade’ (diferentes tipos) de dons espirituais (gr. *charismata*, dons da graça livremente dados; cf. *charis*, ‘graça’). O único Espírito Santo é a fonte de todos eles”.¹ Esse autor acrescenta que os diversos ministérios ou serviços (gr. *diakoniôn*) têm sua fonte no “único Senhor Jesus e os tipos de operações e atividades (gr. *energematôn*) vêm do único Deus, que opera efetivamente em todos eles e em todos os crentes”.²

¹ HORTON, Stanley. **I e II Coríntios — os problemas da igreja e suas soluções**. p. 112.

² *Ibidem.*, p. 112.

Na realidade, dons, ministérios e operações formam o arsenal espiritual que equipam a igreja para o cumprimento de sua missão, ante as forças que se opõem a ela. O que seria da igreja se não houvesse esses recursos sobrenaturais? Certamente, já teria desaparecido da face da terra há muito tempo. Mas, como Corpo de Cristo, ela é indestrutível. Perseguida, sofrida, ameaçada, mas vitoriosa! Todos os impérios que se levantaram contra ela já sucumbiram. E os que ainda existem também hão de ser aniquilados. “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

II – OS PROPÓSITOS DOS DONS

Os propósitos dos dons podem ser compreendidos a partir de sua natureza. Myer Pearlman diz que os dons do Espírito “...descrevem as capacidades sobrenaturais concedidas pelo *Espírito* para ministérios especiais...”³ Para esse teólogo, o propósito principal dos dons do Espírito Santo é “edificar a Igreja de Deus, por meio da instrução aos crentes e para ganhar novos convertidos”.³

1. SEREM ÚTEIS À EDIFICAÇÃO DA IGREJA

A Igreja é comparada a um “edifício”. Paulo toma a figura da edificação de um prédio, que, desde tempos imemoriais, possui a ideia ou o projeto; os alicerces ou suas bases ou fundamentos; sua estrutura vertical e horizontal; e sua superestrutura. “Vós sois.... edifício de Deus” (ver 1 Co 3.9). E adverte: “veja cada um como edifica sobre ele” (1 Co 3.10). Os dons espirituais, sejam quais forem, têm propósitos elevados para a edificação da igreja, e não devem ser usados de qualquer maneira, mas segundo a orientação da Palavra de Deus.

Os dons do Espírito Santo são manifestações espirituais que devem ser úteis à edificação da igreja local. Diz Paulo: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil” (1 Co 12.7). Por exemplo: se, numa mensagem radiofônica, um pregador fala línguas, qual a utilidade para o ouvinte, se ele não entende nada do que está ouvindo? Numa rede de televisão de determinada igreja, o pregador

³ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. p. 317.

dizia que todos, naquele momento, deveriam falar em línguas. E ele próprio começou a balbuciar: “balá, balá, balá; ialamá, ialamá...”. O que os telespectadores aproveitaram de tais “línguas”? Tornou-se ridículo. Talvez “os meninos” espirituais apreciaram muito, mas os que têm um pouco de maturidade e discernimento acerca da natureza e da finalidade dos dons devem ter desligado o televisor para não perder tempo com tamanha baboseira.

Mesmo que sejam línguas autênticas, o dom de línguas, assim como os outros dons, tem que ter utilidade prática, concreta e oportuna para a edificação da igreja local. Ensinando sobre o dom de línguas, Paulo diz que o crente que ora em línguas pode fazê-lo, em ação de graças a Deus, mas não edifica “o outro”. “Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado” (1 Co 14.17). “O único propósito do Espírito Santo ao outorgar esses poderes aos cristãos é sempre o de glorificar a Cristo (12.3), para o benefício e o bem de todos (12.7)”.⁴

No capítulo 14 da primeira epístola aos coríntios, Paulo procura corrigir o abuso e o descontrole no uso dos dons espirituais, principalmente o dom de línguas. Exortando a mesma igreja de Corinto, diz: “Que fareis, pois, irmãos? *Quando vos ajuntais*, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. *Faça-se tudo para edificação*” (1 Co 14.26 — grifo nosso). Aqui, temos o modelo de um verdadeiro culto pentecostal. Em primeiro lugar, a prioridade é da palavra: “salmo”, “doutrina”. Depois, vêm as manifestações espirituais de “revelação” (ciência), “língua” e “interpretação”. Mas tudo deve ser feito para a edificação da igreja. Se não for, não faz sentido demonstrações vazias de espiritualidade, por mais espontâneas e interessantes que elas sejam.

A *Bíblia de Estudo Pentecostal* tem uma nota interessante sobre o uso dos dons, ressaltando que tais recursos espirituais devem ser para a edificação da igreja. “O propósito principal de todos os dons espirituais é edificar a igreja e o indivíduo (vv. 3,4,12,17,26). “Edificar” (gr. oiko-domeo) significa fortalecer e promover a vida espiritual, a maturidade e o caráter santo dos crentes. Essa edificação é uma obra do Espírito Santo através dos dons espirituais, pelos quais os crentes são espiritualmente transformados mais e mais para que não se conformem com este mundo (Rm 12.2-8), mas edificados na santificação, no amor a Deus, no bem-estar do próximo, na pureza de coração, numa boa consciência

⁴ PFFEIFER, Charles F. *et al.* **Dicionário bíblico Wicliff**, p. 582.

e numa fé sincera (ver 1 Co 13; Rm 8.13; 14.1-4,26; Gl 5.16-26; Ef 2.19-22; 4.11-16; Cl 3.16; 1 Ts 5.11; Jd 20; ver 1 Tm 1.5 nota).⁵

Por isso, quando o crente fala línguas com interpretação, além de edificar a si mesmo, também edifica a igreja. “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja. Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar” (1 Co 14.12, 13). Neste caso, as línguas com interpretação equivalem à profecia, pois “o que profetiza edifica a igreja” (1 Co 14.4).

A edificação da igreja, acima de tudo, é da competência do supremo edificador que é o Senhor Jesus Cristo. Ele afirmou, de modo solene e eloquente, ante seus discípulos, quando Pedro teve o discernimento de quem Ele era “Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra *edificarei a minha igreja*, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18 — grifo nosso). A edificação da igreja é como a edificação da vida do crente. Se Deus não edificar, todo o trabalho será vão, como diz o salmista: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam...” (Sl 127.1). Segundo Boyd, “A origem dos dons espirituais, ‘charismata’, é de Deus, o Pai (outorgante), e Jesus Cristo, o Filho, é quem distribui (1 Co 12.4-6)”.⁶

2. A EDIFICAÇÃO DO CRENTE

Diz Paulo que “O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja” (1 Co 14.4). É um aspecto muito interessante do propósito dos dons. O membro da igreja, em particular, precisa ser edificado, para que a coletividade, a igreja, também o seja. Não pode haver igreja edificada, se os membros não tiverem edificação espiritual. Quando o crente fala línguas, sem que haja intérprete, não edifica a igreja, porque o que fala fica sem entendimento para os demais. Mas não se deve proibir que o crente fale língua para si próprio (1 Co 14.39). Tão somente, deve ser ensinado que ele se controle e não eleve a voz, numa mensagem ininteligível. Há irmãos que, ao falar línguas, querem chamar a atenção para si, para mostrar que são espirituais. Isso é falta de maturidade.

O apóstolo ensina: “E, agora, irmãos, se eu for ter convosco falando línguas estranhas, que vos aproveitaria, se vos não falasse ou por meio

⁵ BEP - Tudo para edificação. Nota sobre 1 Coríntios 14.26.

⁶ BOYD, Frank M. **Introdução e comentário — Carta aos coríntios**, p. 60.

da revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina?” (1 Co 14.6). Ele quer dizer que, se falar língua sem interpretação, é ótimo para si próprio, pois “edifica a si mesmo”. Mas, se não houver interpretação, não haverá revelação, ciência, profecia ou doutrina. E a igreja fica sem edificação, sem aproveitamento. Daí, porque, no mesmo capítulo, ele exorta: “Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar. Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto” (1 Co 14.13,14).

Quem fala línguas, sem interpretação, “edifica-se a si mesmo”, mas “... não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios” (1 Co 14.2). Naturalmente, quando o crente ora em línguas, mesmo que ele não saiba o sentido das palavras, Deus o entende. O crente, batizado com o Espírito Santo, deve procurar desenvolver uma adoração individual, plena da unção do Espírito Santo. Há ocasiões em que as palavras do seu idioma nativo não conseguem expressar o que sua alma deseja dizer a Deus, seja glorificando, intercedendo ou suplicando ao Senhor.

É nessas horas, quando o crente não sabe orar, que o Espírito Santo intercede por ele de maneira especial. “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). Esses “gemidos” do Espírito, pronunciados em línguas estranhas, são incompreensíveis ao que ora, mas perfeitamente entendidos por Deus, pois há línguas estranhas que são linguagem do céu, ou “línguas dos anjos” (1 Co 13.1).

3. OS DONS DEVEM SER PROCURADOS

Os dons espirituais são tão importantes e necessários à edificação da igreja, que Paulo diz que devemos procurá-los. Um dos maiores problemas da igreja, no sentido denominacional, nos dias atuais, é a superficialidade doutrinária, especialmente, nas igrejas ditas pentecostais ou neopentecostais. Em lugar da busca genuínas dos dons, há uma busca pela “prosperidade material”. Pregadores “famosos”, pregoeiros da tal “teologia da prosperidade”, esbaldam-se em ensinar que “todo crente tem que ser rico” e nunca adoecer. Mas esquecem de ensinar sobre a busca dos dons espirituais, que levam os crentes a aprofundarem-se no “rio da graça de Deus”.

Diz o apóstolo: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente” (1 Co 12.31). Os dons devem ser procurados com zelo, com interesse real, e não apenas passageiro, em eventos “de avivamento”. A exortação é para que experimentemos os dons de maneira sobeja, abundante. “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, *procurai sobejar neles, para a edificação da igreja*” (1 Co 14.12 — grifo nosso). Os dons têm um objetivo primordial: a edificação da igreja.

III - OS EDIFICADORES DA IGREJA

1. SÁBIOS ARQUITETOS

Deus levanta homens, ministros, pastores, ensinadores e líderes, para que se encarreguem da edificação espiritual, moral e doutrinária da igreja. Eles precisam de dons espirituais. A igreja é, em seu conjunto, “... edifício de Deus” (1 Co 3.9). Após afirmar que os crentes são “edifício de Deus”, Paulo demonstra que foi comissionado, pela graça de Deus, “como sábio arquiteto”, para estabelecer “o fundamento” da igreja, com seus ensinamentos, exortações, pregações e discipulado; e diz que “outro edifica sobre ele”, ou seja, ele não seria único, como obreiro, a cuidar da edificação da igreja; haveria outros que tomariam parte na edificação espiritual da igreja, segundo a mesma graça que lhe fora concedida. Mas fez solene advertência: “mas veja cada um como edifica sobre ele” (1 Co 3.10); “Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.11).

Paulo teve coragem de dizer que era um “sábio arquiteto”, na edificação da igreja. Nem todo obreiro pode dizer isso, nos dias presentes. Os terrenos em que a igreja está sendo edificada são tão instáveis, que desafiam a capacidade de todos os engenheiros ou arquitetos. Os ventos fortes de falsas doutrinas e movimentos heréticos, disfarçados de genuínos movimentos cristãos conspiram contra a estabilidade e a unidade da Igreja de Cristo. Os edificadores de hoje têm tantos ou maiores desafios do que os do tempo de Paulo, mesmo que tenham mais recursos humanos e técnicos que o apóstolo dos gentios.

Mas a missão dos obreiros do Senhor é cuidar da evangelização, buscando as almas que se integram à igreja, e o cuidado delas, através do discipulado autêntico, que se fundamenta na sã doutrina, esposada por Jesus Cristo, e interpretada e aplicada pelos seus apóstolos e discípulos, ao longo da História. Os cristãos devem ser edificados para serem templos do Espírito Santo (1 Co 6.19,20). E os dons são indispensáveis nessa edificação espiritual.

2. DESPENSEIROS DOS DONS

O apóstolo Pedro exortou a igreja sobre como o dom de Deus deve ser administrado. E usou a figura do despenseiro, que, antigamente, era o homem que cuidava da despensa. Tinha que ser homem de total confiança do patrão. Ele cuidava da aquisição dos mantimentos; zelava pela sua guarda, para que não se estragassem e distribuía-os para a alimentação da família. Ele tinha a chave da despensa.

Dessa forma, os despenseiros de Deus, ministros ou membros da igreja, que é a “família de Deus” (Ef 2.19), precisam ter muito cuidado no uso dos dons concedidos pelo Senhor para provisão, alimentação espiritual e edificação. Diz Pedro: “Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém” (1 Pe 4.10,11).

CONCLUSÃO

A Igreja de Jesus Cristo é a representante dos céus na terra. Ela tem uma missão que transcende a esfera humana, pois recebeu a incumbência de fazer com que a “... multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Ef 3.10). Sua missão, na terra, é a proclamação do evangelho, num mundo hostil às verdades de Cristo; um mundo que rejeita a Palavra de Deus. Diante dessa realidade, a igreja precisa de poder sobrenatural. Os dons espirituais são um arsenal à disposição da igreja para o cumprimento eficaz de sua missão na terra.

Capítulo 3

DONS DE REVELAÇÃO

“Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (1 Co. 14.26).

Os dons de revelação constituem parte da revelação de Deus, concedida ao homem salvo, para que, por eles, a “multiforme sabedoria” divina seja manifestada no meio da Igreja, e os crentes em Jesus sejam protegidos das sutilezas do Adversário e das maquinações humanas contra a fé cristã.

Sem a presença física de Cristo, após sua Ascensão aos céus, os salvos, reunidos em igrejas locais, precisam, de maneira indispensável, dos dons espirituais, tanto para cumprirem a Missão confiada por Cristo, quanto para lutar e vencer “as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais” (Ef 6.12). Sem eles, a igreja local não passa de uma comunidade humana, uma associação religiosa, como um “vale de ossos”, transformados em corpos com tecidos humanos, mas sem vida. Tem estruturas humanas, ministeriais, denominacionais, intelectuais, políticas e administrativas, mas não tem o poder de Deus em sua vida institucional. Os dons espirituais propiciam a provisão divina para a igreja cumprir a sua missão, concedida por Cristo, de proclamar o evangelho por todo o mundo e a toda a criatura.

Dentre esses, os chamados “dons de revelação” aparecem como categoria de grande valor e necessidade, no meio das igrejas locais. No tempo

de Paulo, havia confusões, mistificações doutrinárias, ensinamentos heréticos e tantos outros tipos de informações, que chegavam aos ouvidos dos crentes, que muitos se desviaram, iludidos pelos “ventos de doutrina” (Ef 4.14). O gnosticismo ameaçava a integridade da fé cristã. Os judaizantes queriam impor seus ensinamentos legalistas e ultrapassados. A igreja precisava de recursos espirituais sobrenaturais para não ser esmagada pelas heresias, muitas delas travestidas de verdades absolutas. Só a revelação de Deus, manifestada de forma incisiva, poderia evitar a derrocada do cristianismo.

E, nos dias presentes, será que não há necessidade da revelação especial de Deus, através de sua palavra e de dons ou carismas que façam a diferença, para que os cristãos saibam discernir o “joio do trigo”? Certamente hoje, mais do que nunca, a igreja de Jesus, em toda a parte, necessita desses recursos. Os dons de revelação podem identificar a origem, os meios e os propósitos de muitas falsas doutrinas que surgem a cada dia, no meio evangélico. Pela revelação sobrenatural, pode-se desmascarar os falsos pastores, os “obreiros fraudulentos”, “de torpe ganância”.

I – PALAVRA DA SABEDORIA (1 CO 12.8)

É parte da sabedoria de Deus, com a finalidade de propiciar entendimento, na ministração da palavra ou pregação; é de grande valor na tarefa de aconselhamento, em situações que demandam uma orientação sábia, notadamente no ministério pastoral. É de fundamental importância no exercício da liderança, da administração eclesiástica, na separação de obreiros, ultrapassando os limites do saber intelectual ou humano. Jesus agradeceu ao Pai por essa revelação: “Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprouve” (Lc 10.21).

“Esse dom proporciona, pela operação do Espírito Santo, uma compreensão (cf. Ef 3.4) da profundidade da sabedoria de Deus, ensinando a aplicá-la, seja no trabalho seja nas decisões no serviço do Senhor, e a expô-la a outros, de modo a ser bem entendida”.¹ Quando os que dirigem a igreja local contam com esse dom, dispõem de uma

¹ BERGSTÉN, Eurico. **Teologia sistemática**. p. 10.

diversidade de serviços ou ministérios que dinamizam o trabalho da igreja (1 Co 12.28) e a edificação da igreja é feita com sabedoria (1 Co 3.10). Quando surgem problemas, no meio da congregação, as soluções são encontradas com a ajuda do Espírito Santo (At 6.1-7; 15.11-21).

Paulo recebeu essa visão, de que há uma sabedoria sublime, quando escreveu aos coríntios, dizendo: “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1 Co 2.9-11).

Essa sabedoria é de altíssimo nível, e transcende os limites da sabedoria natural ou humana. Não se adquire nas escolas seculares, nem também nas escolas teológicas ou filosóficas. Ela é concedida por Deus, a quem Ele quer, visando atender à necessidade da igreja, ou individual, de algum servo ou serva sua, principalmente em ocasiões em que o saber natural é insuficiente para a tomada de decisões, ou resoluções difíceis.

No Antigo Testamento, temos alguns exemplos marcantes dessa revelação da sabedoria de Deus. Vemos tal sabedoria na construção do Tabernáculo (Êx 36.1,2).

José, filho de Jacó, teve momentos especiais em sua vida, em que demonstrou ter a sabedoria concedida por Deus, em situações extremamente significativas. Na prisão, interpretou sonhos de servos de Faraó, os quais se cumpriram plenamente. Chamado ao palácio real, diante de todos os sábios, adivinhos e conselheiros do rei, interpretou os sonhos proféticos que Deus concedera ao monarca egípcio, e, ainda por cima, deu instruções e consultoria gratuita sobre planejamento, economia, contabilidade e finanças a Faraó. Se não fosse a sabedoria do Espírito de Deus, jamais o jovem hebreu teria tamanha capacidade para interpretar os misteriosos sonhos das vacas gordas e das vacas magras, e foi elevado à posição de Governador do Egito (cf. Gn 41.14-41).

A proverbial sabedoria de Salomão era, sem dúvida alguma, manifestação da sabedoria de Deus, para a resolução de “causas impossíveis”. O caso das duas mulheres, que disputavam a mesma criança demonstra tal capacidade, proveniente do Espírito de Deus (1 Rs 3.16-28). Antes de desviar-se dos caminhos do Senhor, em sua velhice, Salomão foi um

exemplo como beneficiário da sublime sabedoria de Deus. “E deu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar. E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios” (1 Rs 4.29,30).

Em o Novo Testamento, há diversas referências quanto à aplicabilidade dessa sabedoria divina. Paulo exorta aos colossenses a que saibam transmitir a palavra aos ouvintes, dizendo: “Andai com sabedoria para com os que estão de fora, remindo o tempo. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um” (Cl 4.5,6). A falta dessa sabedoria de Deus pode causar graves prejuízos à pregação do evangelho. Há pregadores, que usam o púlpito, em eventos evangélicos, de maneira arrogante e prepotente. Houve um que dizia, para uma grande multidão, que os pastores eram um bando de trambiqueiros; e que a igreja (denominação da qual fazia parte) estava ultrapassada. E dizia, diante de pessoas não crentes; “Não sei por que Deus não tira essa velharia de cena”. A sabedoria desse tipo de pregador não é do Espírito Santo. “Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica” (Tg 3.15).

Na vida de Jesus, como o “Filho do Homem”, por diversas vezes, ele demonstrou essa sabedoria vinda do Alto. Ao chegar à sua pátria, causou profunda admiração em seus conterrâneos, por causa da sabedoria como que ministrava a mensagem. “E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: *Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas?* Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? *Donde lhe veio, pois, tudo isso?*” (Mt 13.54-56 — grifo nosso).

Essa mesma sabedoria tem sido identificada, na vida de irmãos humildes, ao longo da História da Igreja. Há casos em que pessoas de pouca instrução formal, usadas por Deus, transmitem mensagens de profundo significado e conteúdo espiritual, que provocam admiração nos que o ouvem. Em Natal, décadas atrás, o folclorista Luís da Câmara Cascudo, um dos ícones da literatura nacional, estava num culto, na Assembleia de Deus. Foi dada oportunidade a um crente muito humilde, que, cheio do Espírito Santo, entregou a mensagem na unção de Deus. O ilustre visitante não se conteve, e exclamou: “Esse homem prega e mostra o céu por dentro!”.

Na vida da igreja local, há casos interessantes, do exercício da sabedoria divina, pois Deus é o mesmo. Um novo convertido, homem do campo, recebeu a visita de um neto, que era formado em Medicina, em faculdade famosa. Sabendo que o avô houvera aceitado a Cristo, passou a criticá-lo com arrogância, dizendo que, em seus estudos houvera aprendido muitas coisas, inclusive que Deus não existe, que o homem proveio de um macaco, e, depois de desfilarem outras informações do que aprendera, perguntou ao velho crente: “E, nessa crença, o que o senhor aprendeu?”. O novo convertido, que nem sequer tivera tempo de conhecer bem a Bíblia, respondeu ao neto ateu: “Eu aprendi a dizer: para trás de mim, Satanás!”. O materialista despediu-se, dizendo que não adiantava lutar “contra esses crentes...”.

É interessante que anotemos que o dom da palavra da sabedoria não faz do seu portador uma pessoa mais sábia do que as outras. Diz Horton: “O Espírito não torna a pessoa sábia por meio deste dom, nem significa que a pessoa mais tarde não possa cometer erros (cf. o exemplo do rei Salomão que, no fim da vida, não só errou, mas pecou)”.²

II – PALAVRA DO CONHECIMENTO (1 CO 12.8)

É manifestação da ciência ou do conhecimento de Deus, concedido ao homem salvo. Pode ser dado por sonho, por visão, por revelação especial, operando na esfera humana, no seio da igreja; sendo um conhecimento sobrenatural propiciado por Deus. Podemos dizer que a palavra da sabedoria é a aplicação da “ciência” de Deus, na vida prática pessoal ou da igreja. Escrevendo aos coríntios, sobre as “armas de nossa milícia”, Paulo diz que essas “armas” destroem “...os conselhos e toda altivez que se levanta contra o *conhecimento de Deus*, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10.5 — grifo nosso). Paulo fala de “todos os mistérios e toda a ciência” (1 Co 13.2), que só têm valor se for sob a graça do amor de Deus. Através desse dom, o crente penetra nas profundezas do conhecimento de Deus (cf. Ef 1.17-19).

Em Cristo — “o mistério de Deus [...] em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.2,3), é que os dons

² HORTON, Stanley M. **I e II Coríntios — Os problemas da igreja e suas soluções**, p. 114.

devem ser exercidos, no meio da igreja cristã. Pois Deus quer que esse conhecimento profundo e sobrenatural esteja à disposição dos seus servos, que o amam. “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus” (1 Co 2.9).

A Palavra de Deus mostra exemplos desse dom. Quando Jesus pregava para a mulher samaritana, soube detalhes da vida dela, que o conhecimento humano não teria condições de alcançar naquela circunstância de um encontro inesperado. Ele disse à mulher que chamasse seu marido. A mulher respondeu que não tinha marido e Jesus lhe disse que ela tivera “cinco maridos” e aquele com quem vivia não era seu marido. A mulher ficou admirada, e disse: “Senhor, vejo que és profeta” (Jo 4.16-19). A palavra da ciência não é adivinhação nem expressão de tentativa de erro e acerto. É dada pelo Espírito Santo.

O profeta Eliseu sabia os planos de guerra do rei da Síria, mesmo à distância. Quando o rei pensava em atacar o exército de Israel de surpresa, em determinado lugar o profeta de Deus alertava ao rei de Israel dos planos do inimigo, por diversas vezes. O rei sírio ficou intrigado e desconfiou de que haveria um traidor no meio de suas tropas. Mas um dos servos do rei o fez saber o mistério: “E disse um dos seus servos: Não, ó rei, meu senhor; mas o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que tu falas na tua câmara de dormir” (2 Rs 6.8-12).

Era um conhecimento muito mais aperfeiçoado do que todos os atuais sistemas de informação, com uso de tecnologia de ponta, usados no mundo atual. Eliseu não tinha informantes, nem sonhava com equipamentos de comunicação ou de satélites. Era a mensagem divina, diretamente do Espírito Santo ao seu coração. Quando o profeta Samuel disse a Saul que as jumentas do pai já haviam sido encontradas, foi pela ciência ou conhecimento de Deus (1 Sm 9.15-20).

A revelação dada a Daniel acerca dos impérios mundiais demonstra quão grande é a sabedoria de Deus, como recurso divino para ocasiões especiais, em que de nada adianta a sabedoria humana, ou os conhecimentos adquiridos pela experiência de quem quer que seja. Quis Deus utilizar-se de um rei estrangeiro ao seu povo para revelar segredos sobre acontecimentos que teriam lugar na História, na ocasião, e para o futuro. A visão de Nabucodonosor é uma referência para a

Escatologia, com base nas interpretações dadas pelo Altíssimo a Daniel, seu servo, que estava vivendo naquele País, com uma missão do mais alto significado.

Trata-se de um caso bem emblemático do que significa receber o conhecimento, ou a revelação de Deus. O rei tivera um sonho muito estranho, que o perturbara sobremaneira. Pela manhã, reuniu “os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e se apresentaram diante do rei. E o rei lhes disse: Tive um sonho; e, para saber o sonho, está perturbado o meu espírito” (Dn 2.2,3). Tudo em vão. Ninguém soube interpretar o sonho, por uma razão muito óbvia: o rei não se lembrava do sonho! Furibundo, o rei mandou matar todos os sábios da Babilônia, pelo fato de não saberem interpretar um sonho de que não tiveram sequer o relato de sua visão.

Mas Daniel, que estava no reino, em posição de destaque, pediu ao mensageiro do rei que desse um tempo para que buscassem a interpretação. Seu pedido foi atendido, e, contando o grave problema a seus três companheiros, foram orar ao Deus dos céus. Diz a Bíblia: “Então, Daniel foi para a sua casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, e pediu que orassem a Deus, “para que pedissem misericórdia ao Deus dos céus sobre este segredo, a fim de que Daniel e seus companheiros não pusessem com o resto dos sábios da Babilônia. Então, foi revelado o segredo a Daniel numa visão de noite; e Daniel louvou o Deus do céu” (Dn 2.17-19). De maneira didática, com precisão histórica, Daniel interpretou o sonho, mostrando ao rei o desenrolar dos acontecimentos de sua época e de eventos futuros. Foi o conhecimento de Deus e não humano, lógico ou natural.

Esse dom revela coisas que não são percebidas pela visão natural (ver 1 Sm 16.7; Jo 2.24,25). Na vida prática da igreja, algumas experiências demonstram que o dom da palavra da ciência pode ser dado nos tempos presentes. Num Círculo de Oração, em Natal-RN, as irmãs estavam tranquilas, orando e louvando a Deus, numa congregação, anos atrás. Apresentou-se um homem, muito bem vestido, de paletó de tecido fino, sapato lustroso, gravata e Bíblia debaixo do braço. Ao ser interpelado, para ser apresentado, disse que era um servo de Deus, que estava de passagem por ali, e que viera visitar o trabalho. Acrescentou que era “filho do Ministro da Educação, Sr. Jarbas Passarinho”. A apresentação do “ilustre” visitante foi feita, e as irmãs de imediato quiseram ouvir uma palavra por ele.

Uma humilde serva de Deus, num lampejo divino, disse à dirigente: “Não dê oportunidade a ele. É um mentiroso, falso e procurado pela polícia...!”. Foi um mal-estar, pois a dirigente já ia anunciar a oportunidade ao visitante. Mas, diante da advertência, não o fez. Foi criticada por um santo irmão, que achou uma falta de respeito a um “servo de Deus”, “filho de uma autoridade pública”. Esse também convidou o visitante para ir à sua casa, num gesto de desagravo e de hospitalidade. No caminho, dizia ao visitante: “Essas irmãs não têm sabedoria”. E pediu desculpas pelo constrangimento. Recebeu-o em casa, apresentou à família, e ofereceu dormida ao desconhecido.

Pela madrugada, alguém bateu à porta. O anfitrião foi abrir, e deparou-se com policiais federais, apontando metralhadoras para sua casa, e dizendo que ele estava preso, pois dera acolhida a um criminoso, estelionatário, que vinha sendo rastreado em sua viagem. Quem revelaria tal coisa a uma simples serva de Deus? Sem dúvida, foi a operação do dom da ciência, num momento crucial. Este exemplo é prova de que Deus não muda. Agiu nos tempos antigos. E age em todos os tempos.

É preciso entender a diferença entre o dom da sabedoria e o dom da palavra da ciência. A ciência é o conhecimento profundo, concedido por Deus, em relação às coisas divinas ou às coisas dos homens, que estão além do conhecimento natural. O dom da sabedoria refere-se à utilização do conhecimento em questões práticas da vida. Conhecimento sem sabedoria é puro exercício intelectual infrutífero e diletante. O cristão deve ter conhecimento de Deus para viver o cristianismo de forma concreta, no seu dia a dia.

III – DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS (1 CO 12.10)

Mais adiante, na epístola em apreço, encontramos o “dom de discernir os espíritos” (1 Co 12.10b). Refere-se à capacidade sobrenatural, concedida por Deus, com a finalidade de identificarem-se as origens e natureza das manifestações espirituais. Tais manifestações podem ter basicamente, três origens: De Deus, do homem (da carne) ou do maligno. Em determinadas ocasiões, uma manifestação espiritual pode apresentar-se, no meio da congregação, ou diante de um servo de Deus, com aparência de genuína,

e ser uma mistificação diabólica, ou artimanha de origem humana. Pelo entendimento e pela lógica humana, nem sempre é possível avaliar a origem das manifestações espirituais. Mas, com o dom de discernir os espíritos o servo de Deus ou a igreja não será enganada.

Segundo Boyd, “a palavra ‘discernir’ (grego “diakrisis”) significa *julgado através de, distinguir*, e tem o sentido de penetrar por baixo da superfície, *desmascarando e descobrindo* a verdadeira fonte dos motivos e da animação”.³ Através desse dom, em suas diversas manifestações, a igreja pode detectar a presença de demônios, no meio da comunidade ou congregação, a fim de expulsá-los, no nome de Jesus. Na ilha de Pafos, Paulo defrontou-se com uma ação diabólica declarada com o objetivo de impedir a pregação do evangelho ali, e a conversão de uma autoridade pública. Mas o apóstolo, cheio do Espírito Santo, percebeu as artimanhas do Adversário, e, na autoridade de Deus, declarou que o opositor do evangelho ficaria cego por algum tempo, o que de pronto aconteceu. Diante de tamanho sinal, “Então, o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor” (At 13.12).

Myer Pearlman diz que se pode saber a diferença entre uma manifestação espiritual legítima e uma falsa manifestação, através desse dom. “Pelo dom de discernimento que dá capacidade ao possuidor para determinar se um profeta está falando, ou não, pelo Espírito de Deus. Esse dom capacita o possuidor para ‘enxergar’ todas as aparências exteriores e conhecer a verdadeira natureza duma inspiração.”⁴ A manifestação espiritual precisa passar por duas provas de sua legitimidade: A prova doutrinária e a prova prática.

A prova doutrinária pode basear-se no ensino do apóstolo João, que diz:

“Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo. Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido, porque maior é o que está em vós do que o

³ BOYD, Frank M. **Cartas aos coríntios**, p. 69.

⁴ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**, p. 322.

DONS DE REVELAÇÃO

que está no mundo. Do mundo são; por isso, falam do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro.” (1 Jo 4.1-6)

A prova prática tem base no ensino de Jesus, quando advertiu acerca dos falsos profetas, que podem ser conhecidos pelos “seus frutos”, ou seja, pelo seu caráter, demonstrado em seu testemunho, na vida prática:

“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.15-20).

Jesus tinha esse dom. Quando seus adversários queriam apanhá-lo em alguma palavra ou alguma falta, Ele já sabia o que se passava no interior das pessoas. “Mas o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem” (Jo 2.24, 25). O apóstolo Pedro teve a percepção de que Ananias estava mentindo, quando sonegou parte da oferta que prometera a Deus, por esse dom especial de discernir os espíritos (At 5.3).

No ministério de Paulo, temos o exemplo notável do uso desse dom (At 16.12-18). Ao lado de seu companheiro, Silas, chegou à cidade de Filipos, na Macedônia, para onde se dirigiram por orientação do Espírito Santo. Após um período de oração e evangelização pessoal, foi acolhido por Lídia, a vendedora de púrpura, que aceitou a Cristo e foi batizada com toda a sua família. Era patente o sucesso da missão dos apóstolos naquele lugar. O Adversário não ficaria satisfeito de forma alguma e resolveu atacar de uma forma muito sutil, usando uma jovem para tecer um dos mais elevados elogios que um pregador poderia receber publicamente.

Ela era bem conhecida na cidade, pois era usada por comerciantes inescrupulosos que obtinham grande lucro, usando-a em seu proveito, pois possuía “espírito de adivinhação”. Quando os dois apóstolos saíram para a oração, a jovem os seguiu, dizendo em alta voz: “Estes homens,

que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo” (At 16.17). E fez essa declaração elogiosa, durante vários dias. Pregadores são seres humanos, sujeitos às falhas próprias de sua natureza. Elogios em geral sempre fazem bem ao ego, à parte emocional, ainda mais, quando o elogio é verdadeiro, como era o que a moça propagava acerca dos dois servos de Deus.

Jamais alguém poderia imaginar que aquele elogio não seria de origem legítima. Podemos entender até, que, a princípio, os apóstolos devem ter ficado pensativos com aquela declaração. De fato, eles eram servos do Deus Altíssimo! O que haveria de errado ou repreensível ouvir tal elogio? Não teria a jovem percebido que eles eram cristãos autênticos? Acontece que Paulo e Silas eram homens de oração, tinham comunhão com o Espírito Santo. Depois de alguns dias, ouvindo aquela declaração, Paulo discerniu a sua origem.

Não era nada da parte de Deus. A afirmação era verdadeira, mas a origem e a intenção eram malignas. O Diabo queria iludir os apóstolos, com bajulação e lisonja, para que o demônio continuasse livre para agir, após a saída dos servos do Senhor. Assim, “Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E, na mesma hora, saiu” (At 16.18).

CONCLUSÃO

No mundo atual, a Igreja de Jesus necessita, mais do que nunca, da revelação profunda das coisas divinas, para discernir entre o certo e o errado; entre o legítimo e o falso, no que respeita às manifestações espirituais. Em determinados programas de TV, de responsabilidade de igrejas ou de determinados pregadores, existem heresias absurdas, como a chamada teologia da prosperidade; o “cair no espírito”; “maldição hereditária” para o salvo em Cristo; “teísmo aberto” e outras manifestações heréticas, que, a princípio, têm aparência de serem genuínas, e levam muitas pessoas incautas, que não leem a Bíblia, a interessarem-se por tais ensinamentos espúrios. Que o Senhor conceda à sua igreja os dons de revelação a muitos crentes, incluindo líderes, para presidirem a igreja local com segurança espiritual e doutrinária.

Capítulo 4

DONS DE PODER

“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (1 Co 2.4,5).

Paulo, maior intérprete do evangelho de Jesus Cristo, doutrinando através de sua Carta aos Romanos, declarou: “Porque não me envergonho do *evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus* para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16 — grifo nosso). Na época em que se tornou discípulo de Jesus, após sua dramática conversão, no caminho de Damasco, já havia muitos “evangelhos” estranhos, apócrifos, que pregavam “outro Jesus” (2 Co 11.4). Mas o evangelho genuíno tinha que ser um evangelho que demonstrasse ao mundo que era a mensagem de Deus aos homens, através de sinais, prodígios e maravilhas, que o diferenciava dos “outros evangelhos”.

Jesus, em seu ministério terreno, demonstrou que não viera trazer mais uma corrente filosófica para o mundo. As nações já conheciam as filosofias gregas, de Platão, Aristóteles, Heródoto, e outros. O Budismo, o Hinduísmo, o Xintoísmo e outras religiões dominavam o Oriente. O Judaísmo era a religião consagrada na Palestina. Mas não se viam sinais de poder impactante e transformador na vida dos seus adeptos nem daqueles a quem pregavam seus ensinamentos. Mas Jesus começou, transformando “água em vinho” (Jo 2.10). Curou cegos,

paralíticos, ressecados, lunáticos, e fez o que nenhum líder de religião fizera ou haveria de fazer: ressuscitou mortos, inclusive Lázaro, cujo corpo já entrara em estado de decomposição avançada (Jo 11.43). O cristianismo apresentou-se como um movimento do Espírito Santo para a salvação de almas e libertação dos males resultantes do pecado.

Além de demonstrar o poder sobre as forças das enfermidades, Jesus demonstrou que tinha poder sobre as forças da natureza. Acalmou a tempestade, repreendendo o vento e o mar (Mt 8.23-27); andou por cima das águas e fez passar a tormenta (Mt 14.22-34). E, para provar que tinha suprema autoridade sobre todos os poderes, expulsou demônios, libertando os oprimidos do Diabo (Mt 8.28-34 e referências). A História da Igreja é uma história de pregação e de poder de Deus. Neste capítulo, meditaremos sobre os dons de poder, tão necessários à igreja, nestes tempos trabalhosos a que se referiu Paulo (1 Tm 3.1).

I – O DOM DA FÉ (1 CO 12.9)

1. SIGNIFICADO DE FÉ

A palavra fé (gr. *pisteuō*; lat. *Fides*) “É a confiança que depositamos em todas as providências de Deus. É a crença de que Ele está no comando de tudo, e que é capaz de manter as leis que estabeleceu. É a convicção de que a sua palavra é a verdade”.¹ A melhor definição de fé é enunciada pelo autor do livro aos Hebreus, que recebeu uma profunda inspiração para a descrição dessa virtude cristã; “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11.1). Vemos, nessa definição, três elementos essenciais à fé:

- 1) Ela é fundamento ou base para a confiança em Deus;
- 2) Ela envolve a esperança ou expectativa segura do que se espera da parte de Deus;
- 3) Ela é “a prova das coisas que não se veem”, mas são esperadas, ou significa convicção antecipada.

¹ ANDRADE, Claudionor de. **Dicionário de teologia**, p. 132.

2. A FÉ COMO DOM

É a capacidade concedida pelo Espírito Santo para o crente realizar coisas que transcendem à esfera natural, visando o benefício e a edificação da igreja. Podemos entender melhor o significado do dom da fé, através de declarações negativas em relação a outros tipos de fé. Não é a *fé salvífica*, que é despertada pela proclamação da Palavra de Deus (Rm 10.17; Ef 2.8); não é a *fé como doutrina*, que denota a permanência do crente, vivendo de acordo com a Palavra de Deus, ou a sã doutrina (2 Co 13.5); não é a *fé como fruto do Espírito*, que consiste nas virtudes, que devem ser cultivadas pelo crente, na comunhão com o Espírito Santo. Não é dada, é buscada e desenvolvida (Gl 5.22); o dom da fé também não é a *fé natural*, que resulta da observação da natureza. Se tudo existe, de maneira organizada e com propósito, há pessoas que creem no Criador (Rm 1.19,20).

O dom da fé “Pode ser considerado como um dom especial da fé para uma necessidade particular. Alguns o definem como ‘a fé que remove montanhas’, trazendo manifestações incomuns ou extraordinárias do poder de Deus”.² Esse dom é concedido, num momento especial, quando só um milagre resolve algo que não tem solução, no meio da igreja, ou na vida de um servo de Deus, que atende a seus propósitos. Podemos entender que esse dom foi usado por Moisés, quando o povo de Israel percebeu que Faraó estava no seu encalço após a saída do Egito. De um lado e do outro, as montanhas; pela frente, o Mar Vermelho; por trás o exército egípcio com carros e cavalos.

A resposta do líder do Êxodo foi uma demonstração de uma fé fora do comum. “Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis” (Êx 14.13,14). Ele “viu” o livramento de Deus antes que acontecesse. Se tivesse falhado em sua fé, teria havido uma tragédia contra a sua liderança.

Vemos esse dom operando na vida de Daniel. Quando soube do decreto do rei, proibindo que alguém fizesse qualquer pedido ou súplica a qualquer pessoa ou a qualquer Deus, e não unicamente ao rei, seria lançado na cova dos leões famintos, Daniel continuou orando ao Senhor,

² M. HORTON, Stanley. *I e II Coríntios — Os problemas da igreja e suas soluções*, p. 115.

como o fazia três vezes ao dia. Foi acusado pelos seus adversários, e foi lançado na cova dos leões. O próprio rei viu que Daniel tinha fé em seu Deus (Dn 6.16). Daniel foi salvo da morte (Dn 6.23).

Certamente, o exemplo do profeta Elias, diante dos profetas de Baal e de Asera, no Monte Carmelo, também envolveu o dom da fé. Ele fez um desafio aos profetas dos deuses falsos. Propôs que o Deus que respondesse com fogo seria o verdadeiro Deus. E Deus honrou sua fé, fazendo cair fogo do céu sobre o altar encharcado de água (1 Rs 18.22-39).

Em sua viagem a Roma, o apóstolo Paulo foi vítima de um grande naufrágio. Escapando na Ilha de Malta, ele e os demais naufragos foram acolhidos com hospitalidade. Ali, experimentou um milagre extraordinário. Ao colocar alguns pedaços de madeira numa fogueira, foi picado por uma cobra venenosa, conhecida na região. Os nativos logo imaginaram que Paulo iria perecer dentro de poucas horas, pois sabiam que o efeito do veneno era mortal. Mas o servo de Deus, simplesmente, sacudiu a mão e a víbora cai no fogo, e nada lhe aconteceu (At 28.1-6).

Esse dom da fé não se desenvolve. É concedido, em ocasiões especiais, para a resolução de algum problema insolúvel aos meios normais, racionais, ou naturais. E só é dado a quem já tem fé em Deus e em suas promessas. “Esse dom em ação gera uma atmosfera de fé, que dá convicção de que agora tudo é possível (cf. Jo 11.40-44; Mc 9.23). [...] Esse dom é um impulso poderoso à oração da fé (cf. Tg 5.17), pois impõe a certeza de que para Deus tudo é possível (cf. Lc 1.37; Mc 10.27).”³ Quando se diz que tudo é possível deve-se ter em mente que se tem em mente tudo o que é de acordo com a vontade de Deus.

II – DONS DE CURAR (1 CO 12.9)

Os dons de curar são recursos espirituais, de caráter sobrenatural, que atuam na cura de enfermidades físicas, psicossomáticas ou emocionais. Sua concessão à igreja deve-se ao fato de que Deus quer dar saúde a seu povo. No Antigo Testamento, Ele se manifestava ao povo de Israel como o “Jeová Rofeca”, ou “Jeová Rafá” — O Senhor que Sara (Êx 15.26; Sl 103.3). São dons de grande valor na pregação do evangelho. As pessoas em geral são descrentes do poder de Deus. Mas, quando

³ BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**, p. 112.

veem uma cura de impacto, como a cura de câncer, de diabetes, de paralisia, ou de doenças degenerativas, com Alzheimer, doença de Parkinson, e outras, são compelidas a ter sua fé despertada para o poder de Deus em suas vidas. Milagres de cura, sem transformação de vidas, pelo poder do evangelho de Cristo, tornam-se apenas elementos de “shows” para glorificação do pregador. Mas quando as curas contribuem para a glorificação a Deus, têm grande valor para a divulgação do evangelho.

É promessa de Jesus à sua igreja a delegação de poder para curar enfermidades, como parte da missão de pregar o evangelho (Mc 16.15-18).

Como os sinais devem seguir “aos que crerem”, pode-se entender que pode haver curas, ministradas por uma pessoa, que não tem o dom ou dons de curar. Num momento, um evangelizador, num hospital, ou em outro lugar, pode dizer para um doente: “Em nome de Jesus seja curado”, e o enfermo levantar-se sadio para glória do Senhor. No entanto, no meio da congregação local, em qualquer lugar, é necessário que se busquem os dons de curar, que poderão ser usados, em momentos ou situações em que Deus queira manifestar o seu poder curador, para glória de Jesus Cristo.

É interessante notar que todos os outros dons estão no singular. Mas os dons de curar estão no plural. Não há, portanto, um “dom de curar”, mas uma variedade deles. Os estudiosos não são unânimes na interpretação desse assunto. Há quem acredite que um crente, que possui tais dons, tenha capacidade para curar qualquer enfermidade. A pluralidade dos dons de curar parece indicar que há pessoas que têm o dom de orar por determinadas enfermidades; e outras, para orar por outros tipos de doenças.

Stanley Horton diz “que ninguém pode dizer: ‘Eu tenho o dom de curar’, como se este dom pudesse ser possuído e ministrado ao bel-prazer da pessoa. Cada cura necessita de um dom especial, não à pessoa o dom, mas por meio daquela pessoa para o indivíduo doente, de forma que Deus receba toda a glória. Ele é quem cura (At 4.30)”.⁴ Infelizmente, o que se vê, em muitos programas de TV, de determinadas igrejas, é o endeusamento do pastor, do bispo ou apóstolo, que ministra curas de maneira cotidiana. Não ousamos dizer que pessoas não são curadas, em tais igrejas. Mas a exaltação do ministrante de curas ofusca a glória que só pertence a Deus.

Diz Boyd acerca desses dons: “Não concordamos com a opinião de que este dom garante a libertação do enfermo, independente da

⁴ HORTON, Stanley M. *I e II Coríntios — Os problemas das igrejas e suas soluções*, p. 116.

soberania divina ou das condições espirituais e morais do enfermo”.⁵ De fato, há ensinamentos heréticos, desde o século passado, no seio de igrejas evangélicas, notadamente das neopentecostais, que entendem que o possuidor do dom ou dos dons de curar têm poderes ilimitados. Não é bem assim. Se uma pessoa está doente, pode buscar a cura, através da oração da fé. No entanto, Deus não está obrigado a atender todos os pedidos ou súplicas pela cura de nenhuma pessoa. Pr. Eurico Bergstén corrobora esse entendimento, quando afirma: “Esse dom não significa uma capacidade de curar quando e como a pessoa quer, porém é sempre uma transmissão de poder do Espírito Santo. Por isso, é indispensável que o portador do dom esteja ligado a Cristo e siga a sua direção...”.⁶

É desejável que os crentes em Jesus procurem “com zelo os melhores dons” (1 Co 12.31). Certamente, os dons de curar são muito necessários, num mundo em que as enfermidades têm-se multiplicado assustadoramente, a despeito dos notáveis avanços da medicina. Esses dons são recursos especiais à disposição da igreja do Senhor Jesus Cristo, para, sob a soberania de Deus, e segundo a fé, os crentes sejam beneficiados com a cura das enfermidades físicas ou emocionais.

III – OPERAÇÃO DE MILAGRES (1 CO 12.10)

Milagres (gr. *sēmeion*) são a intervenção sobrenatural na ordem normal da natureza. O dom de milagres provoca “o desprendimento da energia divina, a fim de operar grandes mudanças na ordem natural das coisas. Um milagre é uma manifestação de poder sobrenatural no reino natural”.⁷ Esse dom também é chamado de dom de operação de maravilhas (gr. *energēmata dunameōn*). Desses termos gregos derivam as palavras “energia” e “dinamite”. São palavras plurais, no idioma original. Isso dá a entender que pode haver uma variedade enorme de milagres, operados pelo poder do Espírito Santo.

Assim como a dinamite explode rochas consideradas impenetráveis, o dom de milagres anula a ordem natural das coisas. Muitas vezes, é uma verdadeira explosão do poder de Deus, no mundo natural ou na

⁵ BOYD, Frank M. **Cartas aos coríntios**, p. 66.

⁶ BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**, p. 112.

⁷ BOYD, Frank M. **Cartas aos coríntios**, p. 66.

esfera espiritual. Na travessia do Mar Vermelho, temos um exemplo extraordinário de um milagre, operado por Deus. O povo de Israel, com cerca de 3 milhões de pessoas, jamais teria condições de adentrar as águas à sua frente, acossado pelo exército de Faraó. Mas Deus fez o impossível, alterando o curso dos elementos da natureza. “Então, Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas lhes foram como muro à sua direita e à sua esquerda” (Êx 14.21,22).

Em meio a uma grave crise climática, em Israel, uma viúva clamou ao profeta Eliseu para que seus dois filhos não fossem levados cativos para pagar dívidas deixadas pelo seu esposo. Eliseu indagou o que ela tinha em casa, e, em resposta, a mulher disse que só tinham “uma botija de azeite” (2 Rs 4.2). Algo como meio litro ou um pouco mais. Mas isso não significava nada diante do grande problema da dívida que a mulher tinha que pagar, para não perder a guarda de seus dois filhos. A ordem normal das coisas, à luz dos costumes e leis de seu tempo, exigia que ela entregasse os filhos ao credor.

Mas a fé do profeta ultrapassou os limites do plano natural e, confiando em Deus, disse à mulher que conseguisse muitos vasos com seus vizinhos, e os enchesse com aquela pequena quantidade de azeite. A mulher obedeceu ao profeta, e presenciou, com seus filhos um milagre extraordinário. À proporção que derramava o azeite nas vasilhas, o azeite aumentava. Aquilo que parecia ser o fim, foi o começo de um novo tempo na vida daquela pobre viúva. O profeta de Deus disse: “Então, veio ela e o fez saber ao homem de Deus; e disse ele: Vai, vende o azeite e paga a tua dívida; e tu e teus filhos vivei do resto” (2 Rs 4.7). O gravíssimo problema só teve solução mediante a intervenção do poder de Deus na ordem social e econômica daquela família.

O fenômeno em que o sol se deteve por quase um dia inteiro, para que Josué pudesse vencer os amorreus, é um exemplo típico de um milagre ou de maravilha operada por Deus envolvendo seus servos. Pelas leis da mecânica celeste, o sol se põe, no final da tarde, ou “se põe”, como se diz na linguagem figurada. Mas, se a noite caísse, Israel não teria condições de vencer os poderosos exércitos inimigos. Tal situação exigia uma ação de emergência. E Josué, o líder da tomada da terra prometida, pôs sua fé em ação, e confiou em Deus, ao determinar que o Sol se detivesse em Gibeão, e a lua se detivesse, no vale de Aijalom.

Diz a Bíblia que, contrariando todas as leis da mecânica celeste, houve um fenômeno jamais visto: “E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isso não está escrito no Livro do Reto? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor, assim, a voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel” (Js 10.13,14). Esse fato tem causado críticas na mente dos incrédulos, pois imaginam que tal relato não passa de uma lenda judaica. Tal visão é compreensível, pois os críticos usam o pensamento racional, lógico, natural. Enquanto o milagre é sobrenatural, fora da lógica e da humana. Deus não está sujeito às leis da natureza. Quando Ele quer, suspende seus efeitos e cumpre os seus propósitos para o seu povo, ou para um servo seu.

Quem mais operou milagres foi Jesus. Após ministrar sua palavra, Jesus entrou no barco com seus discípulos, acompanhado de outros barquinhos. Inesperadamente, levantou-se, no mar, um grande temporal de vento, provocando ondas que cobriam o barco. Talvez pelo cansaço da jornada, Jesus estava repousando na popa da embarcação, enquanto seus discípulos enfrentavam a tormenta. “E ele estava na popa dormindo sobre uma almofada; e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquietate. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Mc 8.38,39). Nenhum homem, até hoje, teve o poder de falar ao vento e ao mar, na tempestade, e os elementos da natureza ouvirem a sua voz. Mas Jesus mostrou, mais de uma vez, que tem poder sobre a natureza, que Ele mesmo criou (Jo 1.3).

O mais terrível inimigo do homem, em sua condição humana, é a morte (1 Co 15.26). É decreto divino, por causa do pecado (Gn 2.17). O homem nasce, desenvolve-se e morre. É o curso natural da existência biológica. Uns morrem mais cedo; outros, mais tarde. Mas Jesus, o criador, doador e Senhor da vida, pode, quando Ele quer, interromper esse curso da natureza humana. Em seu ministério, Jesus demonstrou seu poder sobre a morte física. Ele ressuscitou o filho único de uma viúva, de Naim, quando o féretro já estava a caminho do cemitério (Lc 7.11-16).

Jesus ressuscitou a filha de Jairo, que falecera fazia pouco tempo (Mc 5.22-24). Alguém poderia alegar, em sua mente racionalista, que

a menina experimentara apenas um estado cataléptico, ou sono profundo e passageiro. Mas para que não pairassem dúvidas sobre o poder sobrenatural de Cristo sobre a morte, Ele se deixou demorar onde se encontrava, ao receber a notícia de que Lázaro, seu amigo, de Betânia, estava muito enfermo. Em seguida, ele científica aos discípulos de que Lázaro houvera morrido. Ao chegar em Betânia, já fazia quatro dias do seu falecimento. Não havia a mínima condição para reverter aquela situação, pois o corpo do defunto já estava sofrendo os efeitos da decomposição. Mas para Jesus, nada é impossível (Lc 1.37).

Após consolar a família, Jesus se dirigiu ao túmulo, mandou que fizessem o que as pessoas poderiam fazer naturalmente, tirando a pedra que fechava a entrada da sepultura (Jo 11.43-45). Completando a demonstração real de que a morte não vence o autor da vida, Jesus ressuscitou, após três dias na sepultura, cumprindo o que Ele predissera para seus discípulos (Lc 24.1-8).

Se é a vontade de Deus, e motivo para glorificação ao seu nome, ele pode conceder autoridade a qualquer de seus servos para operar milagres extraordinários. No entanto, quando o pregador, por permissão de Deus, opera milagres para sua promoção pessoal, de seu ministério ou da igreja a que pertence, resta a dúvida se aquele milagre foi de Deus ou de outra origem. Pior ainda, quando o operador de milagres o faz, visando obter ganhos financeiros e enriquecimento pessoal. Isso não glorifica a Deus. É procedimento lastimável, suscetível do juízo de Deus no momento próprio.

CONCLUSÃO

Nestes tempos trabalhosos a que se refere Paulo (2 Tm 3.1), a igreja cristã está sendo submetida aos piores ataques de sua história. Nos seus primórdios, houve ataques dos impérios humanos, e ela resistiu, e venceu; venceu os ataques das heresias, do gnosticismo, do arianismo e de outras falsas doutrinas. No século passado, enfrentou o ataque dos sistemas ditatoriais, como o nazismo e o comunismo. Nos dias presentes, persistem os ataques dos falsos ensinamentos, que só podem ser derrotados com a verdade da Palavra de Deus. Nos últimos anos, estão se fortale-

cendo os ataques do materialismo, através dos poderes das nações, dos governos, políticos e magistrados, que aprovam leis infames contra a Palavra de Deus e a Igreja de Cristo. São as “portas do inferno”, em suas últimas investidas contra o evangelho. Elas não prevalecerão, como Cristo afirmou. Mas a igreja precisa demonstrar, de modo incisivo, que dispõe de recursos sobrenaturais para cumprir sua missão na terra. Os dons de poder fazem parte do arsenal espiritual que garante a vitória da Igreja contra as hostes do mal.

Capítulo 5

DONS DE ELOCUÇÃO

“Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre” (1 Pe 4.11).

Deus sempre quis comunicar-se com o homem. O relato bíblico sobre a criação do ser humano demonstra, de modo bem evidente, que Deus comunicava-se diretamente com o ser criado. Sem dúvida, ao por o homem no jardim, para deste ser o responsável e guardador, Deus lhe deu as instruções necessárias, fazendo-lhe ouvir sua voz. E o fez, falando diretamente com o ser criado.

Com a Queda, rompeu-se a comunhão com Deus. Antes, sentiam satisfação em ouvir a voz de Deus, que lhes parecia música suave, pois foram os primeiros sons que penetraram em seus ouvidos, naquele momento inicial da criação. A história se repete. Se o homem, e, muito mais, o crente, não zelar pela comunhão com Deus, o pecado destrói a comunicação com o Senhor. Mas, no seio da igreja cristã, Deus comunica-se com seus servos, através da leitura da Bíblia; através de seus mensageiros, pregadores, ensinadores e líderes, visando sua edificação. De modo sobrenatural, o Senhor usa pessoas, com os dons especiais de expressão verbal, ou de elocução, para transmitir sua vontade, orientações, exortações e direção divina.

Pelo dom de profecia, Deus supre aquilo que a mensagem costumeira não consegue alcançar. Quantas vezes, no meio da congregação, um servo

ou uma serva de Deus, que tem esse dom, levanta-se e entrega uma mensagem de exortação, de alerta, ou de edificação para toda a comunidade presente. Via de regra, a profecia autêntica provoca alegria e glorificação a Deus. Em outras ocasiões, o dom de variedade de línguas é usado por Deus, com interpretação, para confortar a igreja ou, equivalendo a uma profecia (com interpretação), consolar ou edificar o seu povo.

Infelizmente, nos tempos presentes, percebe-se que muitas igrejas, ditas pentecostais, substituíram a adoração viva e cheia da presença do Espírito Santo, por um tipo de liturgia social, em que palmas e danças tomam o lugar da glorificação a Deus. Os dons espirituais são esquecidos, ou nunca procurados. Não se pode dizer que palmas sejam gestos ilícitos, de modo algum. Há ocasiões, em que elas cabem bem, na expressão de louvor. Quanto às danças, a nosso ver, era um costume oriental, bem aceito e praticado entre o povo de Israel. Mas, no culto neotestamentário, não conseguimos constatar, bíblicamente, que haja espaço para essa expressão corporal. Vemos que a adoração a Deus, em glórias, aleluias e em línguas estranhas, é muito mais eloquente para a adoração individual e coletiva. E, quando o dom de variedade de línguas é praticado, com interpretação, é de grande valor para a igreja.

I – DOM DE PROFECIA (1 CO 12.10)

No Antigo Testamento, havia um “ministério profético”, reconhecido e considerado por toda a nação. Hoje, não existe esse ministério nas igrejas cristãs. Existem pessoas ou mensageiros de Deus, que possuem o “dom de profecia”, usado em determinadas ocasiões, como propósitos definidos, como veremos mais adiante. Entre os dons ministeriais, objeto de outro comentário, há dom de “profeta”. No AT, as palavras entregues pelos profetas não admitiam julgamento, exceto quanto a seu cumprimento. Quando o profeta era de fato “homem de Deus”, nenhuma palavra deixava de se cumprir (1 Sm 3.19). Se não se cumprisse, era um falso profeta e era punido com pena de morte (Dt 13.5; 18.20,22). Em o Novo Testamento, os profetas podem ser julgados ou avaliados (1 Co 14.29). Fico a imaginar se houvesse punição para os falsos profetas de hoje...

O dom de profecia, no Novo Testamento, possui algumas diferenças, em relação ao ministério profético do Antigo Testamento. Na Antiga

Aliança, os profetas, ou mensageiros de Deus, tinham mensagens dirigidas a todo o povo, à nação de Israel e, em determinadas ocasiões, a pessoas individualmente, a reis, a profetas e a quem Deus quisesse enviar sua palavra. Em o Novo Testamento, a mensagem profética é proclamada, no seio de uma igreja local. Dificilmente, há uma mensagem para toda a nação. Embora essa hipótese não seja descartada, Deus age e fala como quer.

Deve-se considerar que a profecia, bem como outras manifestações do Espírito Santo, é absolutamente necessária nos dias presentes. Concluir que os dons, os carismas, os milagres, sinais e prodígios, foram apenas para os dias dos apóstolos, é querer reduzir o poder e a ação do Espírito Santo a uma matriz teológica, acadêmica e intelectualizada, que não se coaduna com as afirmações da Palavra de Deus.

1. O QUE É DOM DE PROFECIA

Para entendermos melhor esse dom, precisamos saber um pouco sobre o significado da palavra profeta e profecia. No Antigo Testamento, a palavra profeta é *navi*, (hb. *Nābi'*) que se refere ao homem que era inspirado pelo Espírito Santo para entregar as mensagens de Deus para as pessoas (cf. 2 Pe 1.21). A palavra profetizar, no Antigo Testamento, é *nābā'*, isto é, “a função do verdadeiro profeta quando ele fala a mensagem de Deus para o povo sob a influência do Espírito Divino (1 Rs 22.8; Jr 29.27; Ez 37.10).¹

No Novo Testamento, a palavra grega para profecia é *propheteia*, formada de dois termos, de *pro*, que significa “adiante”, “antecipado” e *phemi*, “falar”. Assim, nesses termos, profecia significa “a declaração do que não pode ser conhecido por meios naturais (Mt 26.68), é a descrição antecipada da vontade de Deus, quer com referência ao passado, presente e futuro (veja Gn 20.7; Dt 18.18; Ap 10.11; 11.3).² Profetizar, no grego, se resume numa palavra, *propheteuein*, que significa “falar em nome de alguém, em favor de alguém”.

O dom de profecia é um dom especial, em que seu portador transmite uma mensagem para a igreja ou para alguém, na inspiração do Espírito Santo. Não pode ser uma mensagem humana, pessoal da parte

¹ VINE, W. E. *et al.* **Dicionário Vine**, p. 248.

² *Ibid.*, p. 902.

do que a transmite, mas é falada numa linguagem humana. É necessário ter cuidado com as distorções que podem ocorrer na transmissão da mensagem profética, na igreja de hoje.

Diz a Bíblia: “O profeta que teve um sonho, que conte o sonho; e aquele em quem está a minha palavra, que fale a minha palavra, com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor” (Jr 23.28 — grifo nosso). Não deve haver mistura da “palha” das “profetadas”, que ocorrem aqui e ali, em certas igrejas, com o genuíno “trigo” da verdadeira profecia, transmitida por um servo ou serva de Deus, pela inspiração do Espírito Santo.

Segundo Raymond Carlson, “A profecia, no Novo Testamento, que difere de uma pregação comum, é uma manifestação sobrenatural, dada para edificação, exortação e consolação. Através de 1 Coríntios 14.30, entendemos que o dom nos é dado por revelação através do Espírito”.³ Uma pregação pode ter caráter profético, mas nem toda pregação é profecia. Raymond Carlson diz que a profecia, “como seu homônimo dom de línguas, tem de conter elementos de revelação, conhecimento e doutrina”. Aqui, cabe um esclarecimento. Sem dúvida, a profecia resulta de revelação espiritual e de conhecimento, concedido por Deus. Mas não pode trazer nova doutrina, pois tudo o que consta na Bíblia é a Palavra de Deus, suficiente e necessária para nossa edificação. Quando o autor citado diz que a profecia deve conter doutrina, certamente quer dizer que ela tem que ter fundamento doutrinário ou bíblico. A profecia não pode acrescentar nada à Bíblia.

2. FINALIDADE DA PROFECIA

Como todos os demais dons espirituais, o de profecia tem propósitos especiais da parte de Deus para a Igreja de Jesus Cristo. Só deve ser usado de forma correta, com base na Palavra de Deus. “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil” (1 Co 12.7) ou proveitoso para a igreja. De maneira bem clara e até didática, o dom de profecia tem três finalidades básicas, em proveito da igreja: “Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação” (1 Co 14.3).

³ CARLSON, G. Raymond. *Dinâmica espiritual*, p. 133.

1) *Edificação*

Assim como um edifício de pedras é edificado pouco a pouco, com a união dos elementos materiais, com a argamassa própria, da mesma forma, os crentes em Jesus são “edifício de Deus” (1 Co 3.9). A formação espiritual de um discípulo de Jesus começa com a conversão, mas não para no discipulado inicial. Deve continuar por toda a vida. Pouco a pouco, o ensino da Palavra e da doutrina do Senhor vai construindo o caráter cristão no crente.

Mas, às vezes, é necessária uma mensagem especial ou específica para alguém ou para toda a congregação. É aí que Deus usa um profeta para transmitir uma mensagem da parte de Deus, visando corrigir ou colocar “no prumo”, ou “no nível”, alguma área da edificação espiritual. Pastores são “serventes” ou “servidores” do supremo Arquiteto ou Construtor, que é Cristo. Não são perfeitos na edificação. Sua mensagem, mesmo com base na Bíblia, carece de reparos, aqui e ali. Em grande parte das igrejas, pelo país afora, há grande falta de preparo para o ensino da Palavra de Deus. Há obreiros despreparados até para os mais elementares ensinamentos bíblicos. Por misericórdia, o Senhor dá sabedoria até mesmo a pessoas sem cultura para transmitir sua mensagem, mas, há ocasiões em que só uma mensagem específica, para determinadas ocasiões, pode suprir o que é indispensável para a edificação do Corpo de Cristo, no que respeita à igreja local.

2) *Exortação*

Exortar tem o sentido de “chamar para fora”, para orientar, ajudar e ensinar. Deriva da palavra grega *parakalao*, que tem o sentido de confortar, inspirar, defender e guiar. Exortar não tem o sentido distorcido, entendido por alguns, de que significa ameaçar, intimidar, ou causar pavor, na igreja. O verbo grego *parakalao* tem origem em outra palavra de muito significado, *Paracleto*, que significa Consolador, o título que é dado ao Espírito Santo (cf. Jo 14.16; 15.26). Por isso, Paulo ensina que quem exorta deve fazê-lo “com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.2).

Uma mensagem profética ajuda a entender como aplicar a Profecia Maior, que é a Bíblia Sagrada, para os dias presentes, quando surgem problemas, situações e circunstâncias, que não existiam, quando

a mensagem bíblica foi escrita. Sem o ensino da Palavra de Deus e da mensagem profética, há uma tendência para a ocorrência de desvios de conduta e distorções perigosas no meio das igrejas locais. Diz Provérbios: “Não havendo profecia, o povo se corrompe...” (Pv 29.18a).

As inovações e modismos têm tomado conta de muitos redutos pentecostais. A chamada “teologia da prosperidade” tem causado grandes estragos, com sua filosofia utilitarista dos dons e da Palavra de Deus. O evangelho antropocêntrico tem dado ao homem a primazia nas decisões e ensinamentos de muitos líderes. Aberrações teológicas ou práticas estranhas têm ocorrido, em certas igrejas. A “unção do riso”, “a unção do leão”, “a urina unvida”, inventada por determinada igreja (os crentes saíram urinando, nas esquinas e ruas de uma cidade, para “marcar território”), para o pecado diminuir. Em lugar disso, a pecaminosidade tem aumentado; certo pregador, “celebridade” pregou que seu suor era unvido, pois seu DNA era unvido. Com isso, levou muito dinheiro dos irmãos, além do “cachê polpudo”. Nada disso tem fundamento bíblico. São ensinamentos heréticos, que têm grande aceitação no meio de igrejas e atraem muitos crentes que não conhecem a Palavra de Deus.

Deus disse, no Antigo Testamento: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento...” (Os 4.6). Essa palavra aplica-se de modo bem atual, ao que está ocorrendo no meio dos evangélicos.

3) Consolação

O Espírito Santo é chamado de “O outro Consolador” (cf. Jo 14.16). Ele é o *parakleto* prometido por Cristo. Por isso, também usa o dom de profecia, para transmitir mensagem de consolação aos servos de Deus. Já vimos que o verbo *parakaleo* (gr.) significa consolar, confortar. É o que podemos ver em Barnabé, amigo de Paulo (At 4.36; ver Rm 15.4,5; 1 Co 14.3; 2 Co 1.3,4-7)). Consolação vem de *paraklesis* (gr.) e tem o sentido de “consolar”, “dar alegria”, dar “paz”. Paulo diz que todos os crentes podem profetizar (se Deus conceder tal dom), visando a consolação da igreja: “Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados” (1 Co 14.31 — grifo nosso).

Muitas vezes, infelizmente, o zelo exagerado de alguns ministros, com a palavra e as normas da igreja local faz com ele se torne agressivo,

intolerante e radical. E esquecem que, no meio da congregação, há dezenas de pessoas que estão experimentando momentos difíceis e dolorosos em suas vidas. E estão precisando mais do que nunca de ouvir uma palavra de consolação. A exortação pesada, às vezes, é necessária. Mas fazer uso do púlpito para chicotear as ovelhas, indiscriminadamente, é falta do espírito de consolação.

O Espírito Santo é o mesmo. Ele consolava no Antigo Testamento (Sl 23.4; Is 51.12) e continua consolando na Dispensação da Graça (2 Co 1.4; 7.6). Faltaria espaço literário, sem dúvida, se pudessem ser registradas todas as mensagens de consolação que Deus tem dado à sua Igreja, no Brasil e em todos os lugares do mundo. Em cultos de oração, nos círculos de oração, em tantos lugares; em reuniões informais de oração, Jesus tem confortado seus servos, principalmente os que sofrem por causa do seu Nome e do evangelho. “O Dom de Profecia, portanto, serve para falarmos sobrenaturalmente aos homens, assim como o Dom de Línguas serve para falarmos sobrenaturalmente a Deus”.⁴

3. ERROS A SEREM EVITADOS NO USO DO DOM DE PROFECIA

1) Usar a profecia para guiar a igreja

A mensagem através do dom de profecia tem como finalidade: “exortação, edificação e consolação” (1 Co 14.3). Não tem por objetivo guiar ou direcionar a administração da igreja local. A Bíblia Sagrada, a Profecia por excelência, é o manual da Igreja e tem todas as orientações sobre a administração espiritual, humana e material da igreja cristã. Vemos, em Atos 13.1-3, que, quando Deus quis enviar missionário, O Espírito Santo se dirigiu aos líderes, como Barnabé, Simeão (Níger), Lúcio de Cirene, Manaén e Saulo. Não se dirigiu a “um profeta” em particular.

2) Usar o dom de profecia como um “oráculo”

Tendo em vista a finalidade da profecia, não é correto o crente só fazer as coisas se consultar um profeta. Essa prática tem endeusado irmãos ou

⁴ CHOWN, Gordon. **Os dons do Espírito Santo**, p. 90.

irmãs, a quem Deus deu o dom, para se tornarem verdadeiros “gurus” de determinadas pessoas. Há exemplos de profetas, nas igrejas, cujo lar se transformou em lugar de verdadeira romaria. Há, até, os que praticam a simonia (At 8.18), profetizando para receber ofertas dos que lhe procuram. Deus pode usar, e tem usado, homens e mulheres de caráter cristão ilibado, para consolar e orientar casos específicos de pessoas que precisam de uma palavra específica para eles. Mas é preciso cuidado. A profecia é para o proveito da igreja e não de domínio particular.

3) Usar o dom de profecia como fonte de doutrina

É completamente errado e contrária a Palavra de Deus. A fonte por excelência de doutrina é a Palavra de Deus. Nenhuma profecia pode acrescentar ou retirar o que já foi revelado nas Sagradas Escrituras. Quem o fizer, incorre no perigo de ser punido por Deus. “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro” (Ap 22.18,19).

4) Usar o dom de profecia de forma descontrolada

O dom de profecia deve ser usado, na igreja, com decência e ordem. Diz Paulo: “Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar e não proibais falar línguas. Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (1 Co 14.39, 40). A igreja em Corinto, como já vimos, possuía todos os dons, operando em seu meio. Talvez por isso, houve que se achasse mais importante ou santo do que os outros que não possuíam dons, e achavam-se no direito de usar os dons como bem entendessem. Por isso, o apóstolo exortou quanto à necessidade de ordem e decência no culto.

Quando este autor liderava a juventude, há quase 30 anos, aconteceu um fato constrangedor, mediante o uso do dom de profecia. Um grupo de jovens e adolescentes passou a reunir-se em casa dos colegas, e passaram noites inteiras em oração e vigílias. Em princípio, com o consentimento dos pais, não haveria nada a se reprovar. No entanto, aquele grupo passou a considerar-se porta-voz de Deus, e a

considerar os que não faziam parte dele como carnais, inclusive este que escreve este texto. Em pouco tempo, aqueles jovens estavam-se sentindo autossuficientes, e não davam mais satisfação à igreja e muito menos à direção da mocidade.

Um dizia que Deus estava mandando ir à casa de um irmão para levar uma mensagem. Outro dizia que Deus lhe falara para irem a outro estado, para dar uma mensagem para um pastor. Em certa ocasião, na casa de um do grupo, os jovens se deitaram no chão, rapazes com as moças, e passaram a noite em vigília. Em dado momento, uma jovem começou a “ser usada em profecia”. E falou para um jovem: “O teu noivado não é do meu agrado. A que tenho preparado para ti é o vaso que estou usando”. Se o jovem que ouvira a mensagem não tivesse convicção do seu noivado teria acabado o relacionamento com sua noiva, com quem se casou e vive muito bem.

II – VARIEDADES DE LÍNGUAS (1 CO 12.10)

O fenômeno pentecostal do falar em línguas estranhas (gr. glosso-lalia) tem dois aspectos. O primeiro é o falar línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo. O segundo é o dom de variedade de línguas.

1. EVIDÊNCIA DO BATISMO COM ESPÍRITO SANTO

Os discípulos só entenderam que “o outro Consolador” (Jo 14.6) ou revestimento de poder (Lc 24.49) houvera sido enviado, no Dia de Pentecostes, quando foram envolvidos no mover do Espírito Santo, com evidências exteriores e perceptíveis, que marcavam a nova fase na História da Igreja do Senhor Jesus. Os “cessassionistas”, que ensinam que os dons espirituais foram apenas para o período dos apóstolos afirmam que o batismo com o Espírito Santo é a própria salvação. Respeitamos os irmãos de outras denominações que creem assim, mas discordamos dessa teologia “cessassionista” por não se harmonizar com o que o Novo Testamento ensina sobre o batismo com o Espírito Santo. A Igreja de Jesus, hoje, mais do que nunca, precisa do revestimento de poder do Espírito Santo e da manifestação dos dons espirituais.

Em suas últimas instruções, antes da Ascensão, Jesus disse aos discípulos (que já eram salvos), que eles receberiam um novo batismo: “Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1.5). Note-se que o verbo “ser” está no futuro: “sereis”. Eles sentiram que foram “cheios do Espírito Santo”, quando falaram línguas estranhas a si próprios: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4). Nesse aspecto, as línguas não precisam de interpretação. O crente pode falar só com Deus (cf. 1 Co 14.2-28). E pode ser dado a todos quantos buscarem o batismo com o Espírito Santo.

O movimento pentecostal não é propriamente moderno. Ao longo da História da Igreja, Deus levantou crentes fiéis, que desejavam ver a igreja local movida pelo poder de Deus. Em 1834, um ministro presbiteriano, Edward Irving encorajava o falar em línguas em sua denominação. Numa colônia de mórmons, de Nauvoo, Illinois, em 1855, os crentes criam “no dom de línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação de línguas. Em 1873, nas campanhas de Deight L. Moody, ele encontrou grande avivamento, na Associação Cristã de Moços. Robert Boyd declarou: “encontrei a reunião em fogo. Os jovens estavam falando em línguas e profetizando. Que significaria isso? Somente que Moody pregara para eles naquela tarde. Em 1875, houve batismos com o Espírito Santo, em Providence, Rhode Island. O pastor R. B. Swan declarou: “No ano de 1875, nosso Senhor começou a derramar sobre nós de seu Espírito; minha esposa, eu e alguns poucos outros começamos a proferir algumas poucas palavras na língua desconhecida”.⁵

Os que resolveram examinar a Bíblia sem preconceito teológico descobriram que o batismo com o Espírito Santo, com evidência de línguas estranhas, não foi só para o período apostólico. No ano de 1900, o jovem obreiro metodista, Charles F. Parham entendeu que seu ministério precisava de algo novo. E, reunindo algumas pessoas, começou a pesquisar o livro de Atos dos Apóstolos. E descobriu que o batismo com o Espírito Santo era o que faltava para experimentar o avivamento. Alugou um casarão não concluído, em Topeka, Estados

⁵ SHERRIL, John L. **Eles falam em outras línguas**, p. 117-118.

de Arkansas, EUA, e transformou num lugar de oração e busca pelo poder de Deus.⁶

Foram tantas as pessoas batizadas com o Espírito Santo, com línguas estranhas, que o movimento inusitado começou a espalhar-se. Em alguns lugares, teve ferrenha oposição. Em outros, foi bem aceito como algo que faltava ao evangelismo americano. Pessoas foram curadas milagrosamente, outras receberam dons do Espírito Santo. Num culto, um índio Pawnee entendeu a mensagem que uma irmã entregava em sua língua.

Depois, Parham levou a mensagem pentecostal para Houston, Texas. Ali, entrou em cena W. J. Seymour, que, recebendo a mensagem, levou-a para Los Angeles, Califórnia. Ali, sofreu o mesmo que Parham. Aceitação e rejeição ferrenha. Mas em 9 de abril de 1906, as pessoas começaram a ser batizadas com o Espírito Santo. O local de reunião ficou pequeno, e ele se mudou com o grupo de crentes para a Rua Azuza, 312, que se tornou lugar histórico para o movimento pentecostal moderno. Espalhou-se pelo mundo e chegou ao Brasil em 1911, com os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, que se fixaram em Belém do Pará, onde as mesmas características do Pentecostes tiveram lugar. As pessoas falavam em línguas estranhas, e recebiam dons espirituais, sob a unção do Espírito Santo.

2. O DOM DE VARIEDADES DE LÍNGUAS

Difere das línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo. Não é um dom dado a todos os que quiserem. Assim como os outros dons, é dado “a cada um” como o Espírito quer (cf. 1 Co 12.11,30). Também não é uma capacidade aprendida humanamente. Diz Carlson: “Falar em línguas é expressar-se com palavras que nunca aprendemos, mas que nos são comunicadas diretamente pelo Espírito Santo. Não se manifesta através de palavras pensadas de antemão ou vocalizadas pela pessoa que fala”... “As línguas constituem um milagre vocal e não um milagre mental. A mente se faz espectadora, e os ouvimos a atendem...”⁷

⁶ A mansão inacabada, de Topeka, foi apelidada de “A Tolice de Stone”, pelo fato de seu dono não ter conseguido concluí-la. Depois, a construção foi vendida, e Seymour teve que alugar outro local, à Rua Azuza, 312, Los Angeles.

⁷ CARSON, G. Raymond. **Dinâmica espiritual**, p. 131.

2.1. A FINALIDADE DO DOM DE VARIEDADE DE LÍNGUAS

Com base na Palavra de Deus, podemos dizer que o dom de variedade de línguas tem finalidades múltiplas:

1) *Edificação da igreja*

Como vimos, os dons não são dados para promoção pessoal de quem os possui. Todas as manifestações espirituais, concedidas pelo Espírito Santo, são para a edificação no seio da igreja cristã. Paulo diz que todos os dons devem contribuir para a edificação da igreja: “Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (1 Co 14.26). Essa exortação tem caráter atualizadíssimo para os dias presentes.

Desse modo, uma finalidade fundamental do dom de variedade de línguas é “transmitir à Igreja uma mensagem em línguas, e, por isso, precisa de interpretação para que aquela seja edificada. Essa interpretação é feita pelo dom de interpretação de línguas”.⁸ Trata-se de um milagre, pois quem fala as línguas bem como quem as interpreta não as conhece. “Trata-se de uma língua verdadeira, seja de homens ou de anjos (cf. 1 Co 13.1), conforme o Espírito Santo concede que se fale (cf. At 2.4)”.⁹

2) *Edificação pessoal*

A variedade de línguas pode ser útil para a edificação pessoal. Paulo ensina sobre isso de maneira bem clara: “O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja” (1 Co 14.4). No caso de o crente falar línguas, para sua edificação pessoal, não há necessidade de interpretação. “Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja e fale consigo mesmo e com Deus” (1 Co 14.28). É um dom valioso para a edificação pessoal. O crente, cheio do Espírito Santo e edificado por Deus, pode ser usado nas reuniões para a edificação da igreja, através do dom de interpretação de línguas.

⁸ BERGSTÉN, Eurico. *Teologia sistemática*, p. 114.

⁹ *Ibid.*, p. 114.

Daí, a necessidade da busca pelo dom de interpretação: “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja. Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar” (1 Co 14.12,13). Dessa forma, fica bem claro que o dom de variedade de línguas pode servir para a edificação da igreja, desde que haja interpretação sobrenatural, concedida pelo Espírito Santo.

3) Glorificação a Deus

O livro de Atos dos Apóstolos registra o episódio da ida de Paulo à casa do centurião Cornélio, por revelação do Espírito Santo (cf. At 10.3-8; 18-20). Os judeus tradicionais que se encontravam ali ficaram maravilhados, pois ouviam as pessoas falando línguas estranhas em adoração a Deus.

Na descida do Espírito Santo, no Dia de Pentecostes, as pessoas de diversas nações, ali presentes, ouviam os apóstolos, após o batismo com o Espírito Santo, “falar das grandezas de Deus” (At 2.11). Nada mais natural, essa finalidade, pois Jesus disse que enviaria o Espírito Santo com a missão de anunciar a Cristo, e glorificar ao Senhor: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.14). Se um dom não glorifica a Cristo, em sua manifestação, não deve ser considerado proveniente do Espírito Santo.

4) Comunicação sobrenatural da parte de Deus

Gordon Chown relata o caso, ocorrido em 1906, de uma jovem suíça, da área de fala alemã, chamada Maria Gerber, que foi para os Estados Unidos, para estudar num Instituto Bíblico. Seu irmão foi esperá-la, no porto, e, de imediato convidou-a para ir orar por um amigo doente. Ela se recusou de pronto, dizendo que não faria nada no país, antes de aprender a falar inglês. O irmão deixou-a em casa, e foi fazer a visita sozinho. Mas o Espírito de Deus inquietou a jovem Maria, fazendo-a sentir que não consultara a vontade de Deus.¹⁰

Ela de imediato, saiu pelas ruas, com o endereço que fora dado pelo irmão, e, sem saber uma palavra em inglês, perguntava aos guardas como chegar lá. Foi muito difícil, mas conseguiu chegar à casa do do-

¹⁰ CHOWN, Gordon. **Os dons do Espírito Santo**, p. 79.

ente, onde seu irmão já estava. E começou a orar em alemão pelo enfermo para que Jesus o curasse. Porém, o sobrenatural aconteceu. Ela foi tomada pelo Espírito Santo, e começou a orar em inglês perfeito, e o doente foi curado de imediato. Não só isso, mas Maria recebeu o dom de variedade de línguas, e passou a falar inglês fluentemente, realizando seus estudos sem dificuldades, e orando pelos que precisavam de sua ajuda.

Dizer que esse dom foi apenas para a época dos apóstolos é sem dúvida um preconceito contra o próprio poder ilimitado do Espírito Santo.

5) *Sinal para os descrentes*

Praticamente, todo o capítulo 14 da primeira carta de Paulo aos coríntios se refere ao uso dos dons, nas reuniões da igreja local. Ali, ele orienta quanto à ordem e aos cuidados no uso dos dons. Com relação ao dom de línguas, ou variedade de línguas, ele diz que o falar línguas, na congregação, deve ser acompanhado da interpretação de línguas para que a igreja possa ser edificada (1 Co 14.13-17). As línguas servem para edificação da igreja, desde que sejam interpretadas para toda a congregação. E também servem de “sinal” para os não crentes, da mesma forma, se houver interpretação profética.

2.2. EQUÍVOCO QUANTO AO BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO E O DOM DE LÍNGUAS

Intérpretes da linha “cessacionista” entendem que, assim como o batismo com o Espírito Santo, com sinais de línguas estranhas, foi apenas para o período apostólico, os dons espirituais também perderam sua necessidade e valor para os dias presentes. Jean Jacques Dubois¹¹ afirma que a crença no batismo com o Espírito Santo, como “uma segunda bênção”, distinta da salvação, é “confusão doutrinária” e “obra do Diabo”. Para ele, a confusão se dá pelo desconhecimento das expressões “batizados no Espírito Santo” e “cheios do Espírito Santo”.

Esse autor diz que “nenhum versículo da Escritura exorta o cristão a ser ‘batizado com o Espírito’, o que seria um contrassenso!”. Ele incorre

¹¹ DUBOIS, Jean-Jacques. **Espírito Santo: batismo e plenitude**, p. 01.

no erro de muitos intérpretes da Bíblia que fazem *eisegese*, ao invés de *exegese*. No primeiro caso, procura-se adaptar o texto bíblico ao que se quer a partir de ideias preconcebidas e cristalizadas como doutrina. No segundo, o que é correto, procura-se extrair do texto bíblico o que de fato o escritor queria dizer ao escrevê-lo. Isso se faz através da Hermenêutica cristã, que nos ajuda a interpretar a Bíblia de modo correto. O autor cessassionista diz que nenhuma exortação existe para que se busque o batismo com o Espírito Santo.

Mas o que Jesus disse aos discípulos? Que eles seriam batizados com o Espírito Santo (At 1.4,5). E acrescentou, respondendo a uma pergunta dos discípulos sobre a restauração de Israel: “*Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra*” (At 1.8).

O referido autor não dá o menor valor aos escritos do livro de Atos dos Apóstolos. Ele critica os pentecostais dizendo: “É impressionante ver que a argumentação dos escritores pentecostais se apoia em grande parte no livro de Atos e em modalidades de *experiências de indivíduos ou de grupos de indivíduos*”. Para ele, o fundamento dos escritores pentecostais “é tirado de um livro que *contém mais história que um ensino*” (grifo nosso).¹² Esquece o autor crítico que esses “indivíduos” e “grupos de indivíduos”, que são exemplos claros de batismo com o Espírito Santo, com línguas estranhas, não são “indivíduos” quaisquer. Seus exemplos, da experiência pentecostal, são fundamento para a doutrina do batismo com o Espírito Santo.

A partir dessa visão limitada e distorcida sobre o batismo com o Espírito Santo, Dubois rechaça a atualidade dos dons espirituais. Para ele, a igreja do século XX e do século atual não precisam mais das manifestações do Espírito Santo, através dos nove dons de 1 Coríntios 12. Ele passa de largo na questão dos dons espirituais. Em todas as páginas de seu livro, apenas se refere aos dons, e assim mesmo, enfatizando os aspectos negativos, ocorridos na igreja dos coríntios, onde havia “desordem e divisão”. Ele considera os dons como “experiências especiais” apenas para os apóstolos, visto que esses não tiveram sucessores, pois viveram num “tempo de transição”. Mas não fundamenta sua interpretação crítica em qualquer dos versículos do Novo Testamento.

¹² Ibid., p.12.

Segue os ensinamentos dos teólogos cessacionistas, que ignoram o valor e a atualidade dos espirituais.

III – INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS (1 CO 12.10)

Já vimos que o dom de línguas propicia mensagens de edificação para quem o possui e que, para a edificação da igreja, necessita de interpretação. E isso é possível, através do dom de interpretação de línguas. Essa concomitância, entre os dois dons não havia no Antigo Testamento.

1. O QUE É O DOM DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS

O pastor Antônio Gilberto ensina que “É um dom de manifestação de mensagem verbal, sobrenatural, pelo Espírito Santo. Não se trata de “tradução de línguas”, mas de “interpretação de línguas”.¹³ O dom de línguas prescinde do dom de interpretação de línguas, para que seja útil para a edificação da igreja. Paulo deu precioso ensino à igreja de Corinto sobre o uso dos dons. Ao que parece, o dom de línguas era muito usado, mas sem o necessário equilíbrio espiritual e emocional.

Esse dom deve andar lado a lado com o dom de línguas, no seio da igreja cristã. São “dons geminados”. Gordon Chown diz que “A interpretação é tão milagrosa quanto a própria Língua — e isto quer dizer que quem possui o Dom de Línguas não vai procurar decifrá-la com a mente, mas sim, pede e recebe a Interpretação da mesma fonte divina de onde surgiu a Língua”.¹⁴ Isso não quer dizer que o dom de interpretação de línguas é outro tipo de dom de profecia.

A profecia é autossuficiente em sua ação para quem a ouve. O dom de interpretação de línguas depende da mensagem em línguas, para que tenha eficácia.

¹³ GILBERTO, Antônio. Pneumatologia – A doutrina do Espírito Santo, Teologia Sistemática Pentecostal, p. 198,199.

¹⁴ CHOWN, Gordon. Os dons do Espírito Santo, p. 81.

2. FINALIDADE DO DOM DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS

Como é óbvio o que o nome diz, a finalidade principal é a interpretação da mensagem, transmitida à igreja, através do dom de línguas. No culto pentecostal, deve haver sabedoria e humildade no uso dos dons. Não é comum haver quem tenha os nove tipos de dons. Normalmente, o Espírito distribui “a cada um como quer”. Quanto mais dons houver numa igreja local, maior será sua edificação espiritual. A Palavra de Deus é a fonte primária e mais importante para a edificação do crente. Mas, como vimos, os demais dons também contribuem para a edificação da igreja.

CONCLUSÃO

Os dons de elocução têm grande efeito na transmissão da mensagem da parte de Deus para os crentes nas igrejas locais. Paulo diz que os dons devem ser procurados, pois ele sabia o valor das manifestações espirituais para a vida dos crentes de sua época. Ainda que haja pessoas, em diversas igrejas, que não aceitam a atualidade do batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais, graças a Deus, a realidade dos dons, nas igrejas cristãs que aceitam o Pentecostes hoje, têm sido beneficiadas pela presença do poder do Espírito Santo em seu meio. Historicamente, são as que mais crescem, numericamente, em graça e unção de Deus. Oremos para que o avivamento não se apague, no meio das igrejas cristãs, até a Volta de Jesus.

Capítulo 6

O APÓSTOLO

“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores” (Ef 4.11).

A partir deste capítulo, estudaremos acerca dos dons ministeriais, que identificam uma diversidade enorme de funções, ofícios e atividades, de homens, chamados por Deus, e designados pela igreja local, para exercerem a operacionalidade de serviços ou ministérios.

Os dons ministeriais são indispensáveis ao “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). Neste estudo, o texto básico para referência é o capítulo 4, da epístola de Paulo aos efésios. Os dons espirituais são voltados para a igreja em seu ambiente interno, congregacional, com manifestações sobrenaturais, no falar línguas estranhas, profecia, interpretação, dons de curar e outros carismas, os dons ministeriais ampliam a ação do Espírito Santo, com sua ação poderosa e sobrenatural, tanto no âmbito interno como externo, da missão da Igreja, na Terra.

Os dons ministeriais confundem-se com aqueles a quem Deus lhes concede. Se alguém é chamado para ser evangelista, ele mesmo é um “dom”, assim como sua função de evangelizar. É Deus que concede os que podem ser chamados de “homens-dons” à igreja. Por isso, o apóstolo Paulo diz “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas,

e outros evangelistas, e outros para pastores e doutores” (Ef 4.11). A expressão “ele mesmo deu” indica que o dom precede o ofício. Diz Donald Gee: “Se ‘Ele concedeu’, está fora de dúvida não poder haver ministério divinamente ordenado sem o Seu dom”.¹

O primeiro dom ministerial que estudaremos é o de apóstolo. Há uma controvérsia que atravessa séculos acerca da atualidade do ministério de apóstolo. Há uma corrente de estudiosos da Bíblia, que podemos chamar de “cessacionista”, a exemplo do que ocorre com a atualidade dos espirituais, que também entende que o ministério apostólico “cessou” com os primeiros discípulos de Cristo. Outros entendem que ainda existem apóstolos, hoje, ainda que numa conotação um tanto diferente dos primeiros doze apóstolos de Cristo. A Igreja Católica tem como patrimônio de fé a chamada “sucessão apostólica”, concedendo aos papas o título de “sucessores de Pedro”, considerado o primeiro papa.

Além dos 12 apóstolos de Cristo, que integraram o chamado “Colégio Apostólico”, vemos, no Novo Testamento, que outros apóstolos foram levantados por Deus, sem que nenhum se considerasse sucessor de outro. Paulo e Barnabé não pertenciam ao “grupo dos 12”; mas eram apóstolos, credenciados por Deus para realizar a missão que lhes foi confiada (1 Co 1.1; Gl 1.1; At 13.46); Tiago, “irmão do Senhor”, também recebia a qualificação de apóstolo (Gl 1.19).

Um apóstolo de Cristo, como Pedro, Tiago ou João, reunia em si diversas funções ministeriais, além da missão de evangelizar, ou de proclamar as Boas-Novas de salvação. Ele tinha que ser, além de evangelista, profeta e mestre. Podemos dizer que um apóstolo, nos primórdios da Igreja, era um homem polivalente. Nos dias atuais, após a expansão da Igreja, percebemos que o Espírito Santo quis distribuir, não só os “dons espirituais”, “repartindo particularmente a cada um como quer” (1 Co 12.11), mas, também, concedendo diversas operações e ministérios à igreja, através de homens, chamados por Deus com variadas missões, concedidas a cada um.

Um dos maiores equívocos, cometidos por muitos líderes de igrejas, nos dias presentes, é o de entender que o título de “Apóstolo” lhes confere posição hierárquica superior ao de pastor, evangelista, bispo

¹ GEE, Donald. **Os dons do ministério de Cristo**, p. 18.

ou presbítero. Já são conhecidos exemplos diversos de obreiros, que eram detentores do título de “pastor”, devidamente ordenados por seus ministérios ou convenções, os quais arrogaram para si o título de “apóstolo”, com o objetivo de se colocarem em posição ministerial “superior”. Procedimento totalmente fora de propósito ou de fundamento escriturístico. Esquecem-se tais “apóstolos”, que a maior função, no ministério de Cristo, é o de “servo fiel” (Nm 12.7; Hb 3.5; Mt 25.21-23).

I – O COLÉGIO APOSTÓLICO

1. O TERMO APÓSTOLO

Na língua grega, em que foi escrito o Novo Testamento, a palavra apóstolo tem o significado de *um enviado, um mensageiro* ou *um delegado*. “Apóstolos. Um delegado; especialmente um embaixador do evangelho; oficialmente, uma pessoa comissionada por Cristo [um ‘apóstolo’] (com poderes miraculosos): — apóstolo, mensageiro, aquele que é enviado”.² Essa é a conceituação de apóstolo, em seu sentido original. Apóstolo não é qualquer pessoa que “vai” ou que é mandada por alguém, numa visão humana. “O apóstolo é enviado por Cristo do mesmo modo pelo qual foi Ele enviado pelo Pai; e pelo menos com algo quanto de tudo implica autoridade e poder, e graça e amor”.³

2. O COLÉGIO APOSTÓLICO

Entende-se por “Colégio apostólico” o grupo dos 12 primeiros discípulos de Jesus, que foram convidados por Ele para dar início ao seu ministério terreno. Primeiramente, Ele os fez discípulos ou seguidores. Jesus foi o Apóstolo Líder do Grupo dos Doze. Ele foi enviado pelo Pai (Jo 20.21). Foram três anos aproximadamente, em que eles aprenderam as verdades de Deus com o maior Mestre da História. Após o seu discipulado, aos pés de Cristo, e o recebimento do batismo com o Espírito Santo (Lc 24.49; At 1.8), aqueles 12 foram enviados para proclamar o

² CPAD. **Bíblia de Estudo Palavras-Chave. Hebraico-grego.**

³ GEE, Donald. **Os dons do ministério de Cristo**, p. 25.

evangelho, ou as Boas-Novas de salvação (Lc 6.13). Eles constituíram a base ministerial para o crescimento, o desenvolvimento e a expansão do Reino de Deus e da Igreja de Cristo, por todo o mundo.

3. CARACTERÍSTICA DOS APÓSTOLOS DE CRISTO

A característica fundamental do apóstolo é ser alguém que tem uma missão a cumprir, enviado por quem tem autoridade espiritual para fazê-lo. Em seu discipulado, os doze apóstolos foram preparados para o cumprimento da missão mais importante que um mortal poderia receber. Serem embaixadores do Reino de Deus. Não poderiam ser pessoas desprovidas de qualificações especiais. Eram homens comuns, humanamente detentores de virtudes e defeitos, mas tiveram um treinamento aos pés do Mestre dos mestres. E demonstraram possuir algumas qualidades especiais.

1) *Foram chamados por Jesus*

Em seu ministério, Jesus teve muitos discípulos (Mt 8.21; 9.57-62). Mas, para cumprir a grande missão, Jesus selecionou apenas 12, e lhes deu credenciais e poder para se tornarem apóstolos. “E, chamando a si os seus doze discípulos...” (Mt 10.1a). Lucas anotou a eleição dos 12 dentre muitos outros. Após passar uma noite inteira em oração a Deus, “chamou a si os seus discípulos, e *escolheu doze deles* a quem deu nome de apóstolos” (Lc 6.12 — grifo nosso).

2) *Receberam autoridade espiritual*

Jesus “deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos, para expulsarem, e para curarem toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 10.1; Mc 3.15). Inicialmente, essa autoridade foi concedida aos doze. E, na Grande Comissão, além de mandar que seus discípulos pregassem o evangelho por todo o mundo, a toda a criatura, disse que os sinais e maravilhas haveriam de seguir a todos os que nEle cressem. Não apenas aos doze, mas “aos que crerem”, ou seja, a todos os seus discípulos (Mc 16.17, 18). É importante destacar que os doze receberam dons sobrenaturais, antes que o Espírito Santo os colocasse à disposição da Igreja.

3) *Tinham delegação de Cristo*

Os 12 apóstolos não foram apenas “enviados”, mas tiveram um mandato especial. Jesus lhes disse; “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

A autoridade delegada aos apóstolos foi tão grande, que eles tinham poder para perdoar pecados ou retê-los. Jesus os enviou, do mesmo modo como Ele fora enviado pelo Pai (Jo 20.21-23).

Podemos imaginar o que os doze sentiram, ao ouvir aquelas palavras! Serem enviados por Cristo, e como Cristo o fora por seu Pai! Os que entenderam bem a missão devem ter sentido o grande peso de sua responsabilidade. Os que haviam sido pescadores, antes, podiam guardar as redes e suspender a pescaria. Mas, uma vez feitos “pescadores de homens” (Mt 4.19; Mc 1.17), não poderiam suspender a missão. Os que outrora tinham outras atividades não tinham como voltar atrás. O mundo nunca mais foi o mesmo depois de Cristo, e depois que seus apóstolos começaram a cumprir a Grande Comissão (Mc 16.15).

II - APÓSTOLO PAULO

1. O MENOR DOS APÓSTOLOS

O apóstolo Paulo não pertenceu ao Colégio Apostólico. Ele próprio, humildemente, tendo sido perseguidor dos cristãos, reconheceu que não merecia ser chamado de apóstolo (1 Co 15.8,9). Sua conversão dramática, no caminho de Damasco, revela quão é imensurável e incompreensível, à lógica humana, a misericórdia e o amor de Deus.

2. MAIOR DOS TEÓLOGOS

Mesmo considerando-se “o menor dos apóstolos”, Paulo revelou-se um grande servo de Deus. Algumas qualidades e atividades podem ser destacadas na vida do apóstolo, podendo ser chamado de o maior dos teólogos do cristianismo.

1) Chamado por Deus

“Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus), e o irmão Sóstenes (1 Co 1.1; 2 Co 1.1; Gl 1.1). Os Doze foram chamados por Jesus de maneira bem natural e espontânea. Ao passar pelas margens do Mar da Galileia, Jesus simplesmente olhou para os irmãos Pedro e André, e os chamou para serem pescadores de homens (Mt 4.18,19); aos irmãos Tiago e João, os chamou da mesma forma (Mt 4.21,22). E eles o seguiram também de maneira espontânea. O chamado de Paulo foi bem diferente. A caminho de Damasco, com ordens dos sacerdotes para prender os cristãos, foi interrompido por Jesus, de maneira sobrenatural e impactante.

Derrubado ao chão, Paulo teve o chamado de Deus de forma tão dramática, que caiu, ouvindo a potente voz do Senhor, que o abatera em seu orgulho e presunção, quando julgava estar fazendo a vontade de Deus no zelo do judaísmo (At 9.4; 22.7; At 9.10-19). Deus tem seus caminhos e suas maneiras de agir, às vezes muito estranhas (cf. Is 28.21). Diante de um chamado tão singular e diferente dos demais apóstolos, Paulo tinha razão em dizer que era chamado pela vontade de Deus e não dos homens. Até seu nome foi mudado, de Saulo (hb. *Sha'ul, o que foi pedido*) para Paulo (gr. *Paulus, baixo, pequeno, humilde*), após ser convocado pelo Espírito Santo para ser enviado para a missão (At 13.8).

2) Paulo teve experiências com Deus

Um verdadeiro apóstolo é homem que deve ter comunhão e experiência com Deus. Paulo, não obstante não ter convivido com Jesus como os demais apóstolos, teve experiências espirituais que os outros não tiveram. E essas experiências fortaleceram sua vida espiritual e solidificaram o seu relacionamento com Cristo. Ele diz que teve “visões e revelações do Senhor” (1 Co 12.1); com bastante modéstia, falando na terceira pessoa, diz que “foi arrebatado ao terceiro céu”... “e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar” (1 Co 12.2,4). Que palavras foram essas, só Deus e Paulo sabem.

3) Paulo era um homem de grande cultura

Desmistificando a crença ou “doutrina” de que Deus só usa pessoas de pouca instrução, o exemplo de Paulo é bem marcante. Era homem

de alto conhecimento bíblico e teológico, discípulo de Gamaliel, um dos mestres do judaísmo (At 22.3).

Paulo era um intelectual poliglota. Falava hebraico, por ser judeu e fariseu (At 22.2); por ser cidadão romano (At 22.25), falava latim; suas epístolas foram escritas em grego, o que dá a entender que, sendo um homem culto de sua época, falava a língua helênica; e, como judeu zeloso, certamente, falava o aramaico, que era língua usual, nos meios intelectuais de sua época. Em sua soberania, e segundo seus propósitos divinos, Jesus resolveu contrariar a lógica humana, e chamar um perseguidor do evangelho para ser salvo e fazer dele um apóstolo dos mais destacados entre os que quis escolher.

Enquanto alguns de seus primeiros discípulos, do grupo dos Doze, eram humildes pescadores, de menor grau de instrução, Paulo era um homem intelectual, que haveria de levar o evangelho aos gentios, ou gentes de todas as nações, fora de Israel, inclusive aos “reis” ou governantes de povos estrangeiros. Além dessa característica marcante, em seu ministério, Paulo foi o grande teólogo e intérprete dos evangelhos de Cristo. Dos 27 livros do Novo Testamento, 13 foram escritos por ele. E ainda resta dúvida se a epístola aos hebreus também foi de sua autoria.

Não foi por acaso que Paulo foi o primeiro apóstolo a levar o evangelho de Cristo à Europa. Ele foi o grande evangelizador do Império Romano (Rm 15.24,28). Em suas viagens missionárias, levou o evangelho de Cristo a cidades de Israel, passou pela Turquia, pela Ásia Menor; pregou na Macedônia, na Acaia, na Grécia, centro cultural da Europa, à época; e, em sua última viagem missionária, reviu discípulos nas igrejas que fundara, e terminou em Roma, para onde foi levado preso, e pregou na capital do Império mundial da época. Concluiu sua extraordinária missão, declarando solenemente: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).

III – APOSTOCIDADE ATUAL (EF 4.11)

Esse tópico pode partir de perguntas que são feitas por muitos: Ainda há apóstolos nos dias atuais? O ministério apostólico, nos moldes

dos Doze, continua hoje? Existe uma “sucessão apostólica”? Há interpretações diversas. Preferimos analisar o tema com humildade e respeito ao que nos revela a Palavra de Deus. E, para efeito de compreensão do assunto, categorizamos o ministério apostólico em dois aspectos:

1. NO SENTIDO ESPECIAL

Aplicamos este termo ao que já vimos no item I.1, ao “Colégio Apostólico”, ou aos Doze discípulos que foram selecionados por Jesus, e enviados como apóstolos para dar início à Grande Comissão (Mc 16.15). Apóstolos como eles não existem mais. Eles eram apóstolos no sentido estrito da palavra, e nas circunstâncias em que foram chamados e enviados por Jesus.

1) Estiveram com Cristo, durante todo o seu ministério terreno

Enquanto Paulo aprendeu “aos pés de Gamaliel”, os Doze aprenderam aos pés de Jesus, o Mestre dos mestres, no mais perfeito curso de evangelização e discipulado que alguém poderia realizar. Próximo à sua morte, Jesus lhes disse: “E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações” (Lc 22.28). O fato de ter visto a Cristo não é condição exclusiva, pois Paulo também o viu (1 Co 9.1,2). Mas o terem aceito seu chamado diretamente de sua parte; de terem caminhado durante cerca de três anos, ao seu lado, ouvindo sua palavra, e vendo seus milagres; de terem comido e dormido ao seu lado, muitas vezes sem ter “onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20); só os Doze compartilharam momentos tão expressivos da humanidade, bem como da divindade de Cristo.

2) Eles estiveram com Jesus, após a sua ressurreição

Outros discípulos também estiveram com Jesus, como os do Caminho de Emaús (Lc 24.13-31). Mas os que compartilharam da companhia do Senhor, de modo privado e especial, foram os 11, visto que Judas traiu o Mestre e foi para o seu destino trágico. “Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isso,

mostrou-lhes as mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20.19-21).

3) Receberam a Grande Comissão

O mandato para evangelizar o mundo é destinado a todos os crentes em Jesus, a toda a Igreja do Senhor. Mas os Doze receberam a ordem missionária, diretamente da boca de Jesus (Mc 16.15). Jesus não disse aos Doze que eles fizessem apóstolos, mas sim, discípulos em todas as nações (Mt 28.18-20).

4) Os Doze terão seus nomes nos fundamentos da Nova Jerusalém

Esse importante detalhe, registrado no Apocalipse, certamente, constitui argumento mais que suficiente para se entender, que o apostolado especial dos Doze, que constituíam o Colégio Apostólico, não é repetido em nenhuma fase da História da Igreja. João viu esse singular privilégio, concedido unicamente aos que seguiram Jesus, durante o seu ministério terreno (Ap 21.12-14).

2. NO SENTIDO GERAL

Já ressaltamos o envio dos “setenta” discípulos, que, sendo enviados, de dois em dois, cumpriram o papel de apóstolos. Mas, além deles, o Novo Testamento também cita outros exemplos de apóstolos, como Paulo, que se considerou a si mesmo “o menor dos apóstolos” por ter perseguido “a igreja de Deus” (1 Co.15.9; Rm 1.1; 2 Co 1.1); ele viu a Jesus Cristo (1 Co 9.1). Barnabé também foi reconhecido como apóstolo (At 14.14). Havia “outros apóstolos”, a que Paulo se referia em sua carta aos romanos (Rm 16.7) e em outras epístolas (Gl 1.19; 1 Ts 2.6,7).

1) A liderança dos apóstolos

Segundo o comentário da *Bíblia de Estudo Pentecostal*, os apóstolos “Eram homens de reconhecida e destacada liderança espiritual, ungidos

com poder para defrontar-se com os poderes das trevas e confirmar o Evangelho com milagres. Cuidavam do estabelecimento de igrejas, segundo a verdade e pureza apostólicas”. Eles tinham a mensagem “original” de Cristo, e não eram apóstolos, com alguns, hoje, que apresentam um “evangelho genérico”, antropocêntrico e deturpado, com ensinamentos que não têm fundamento bíblico, como a falsa “teologia da prosperidade”, a absurda “confissão positiva”, o “teísmo aberto” e outros da mesma natureza.

2) *A itinerância dos apóstolos*

Diz, ainda, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* que os apóstolos “Eram servos itinerantes que arriscavam suas vidas em favor do nome de nosso Senhor Jesus Cristo e da propagação do evangelho (At 11.21-26; 13.50; 14.19-22; 15;25,26). No presente, vemos “apóstolos”, que nunca foram além dos limites da cidade onde vivem e assumiram a direção de uma igreja. São “presidentes” de igrejas, radicados e estabelecidos em domínios eclesiais bem característicos. Os que se consideram “apóstolos”, hoje, em geral, adquiriram tal “posição”, após terem sido ordenados a evangelista ou pastor, ou bispo, o que lhes confere a ideia de que estão em posição hierárquica superior. Nada mais inadequado para um verdadeiro apóstolo de Cristo, que deve ser, antes de tudo, um servo ou um servidor e não alguém em grau de superioridade.

3) *A ordem de fazer discípulos*

A expressão “ensinai todas as nações”, no texto bíblico original (Mt 28.19), escrito em grego, tem o sentido de fazer discípulos. A tradução mais aproximada seria “ide, fazei discípulos em todas as nações”. “O propósito da Grande Comissão é fazer discípulos que observarão os mandamentos de Cristo. Este é o único imperativo direto no texto original deste versículo”.⁴ De modo mais didático e direto, lemos, na *Bíblia de Estudo Palavras-Chave* sobre o versículo de Mt 28.19: “3.100 (*mathēteuo*), intransitivo, *tornar-se um aluno*; transitivo, *ser discípulo*, i.e., inscrever-se como estudante: — ser discípulo, instruir, ensinar. O termo correlato, *mathetês* (3101), “discípulo. Ser discípulo de alguém (Mt 27.57); treinar como discípulo, ensinar, instruir; *por*

⁴ CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota de Mt 28.19.

exemplo, a Grande Comissão (Mt 28.19). Também Mateus 13.52; Atos 14.21”.⁵ (grifos nossos).

3. O MINISTÉRIO DE CARÁTER APOSTÓLICO ATUAL

Como demonstrado, o ministério dos Doze, ou do colégio apostólico, não se repete. Nenhum dos Setenta, nem qualquer dos apóstolos da Igreja Primitiva; ou dos tempos antigos, modernos, atuais, ou futuros, jamais terá seu nome nos fundamentos da Nova Jerusalém. Aqueles Doze foram únicos. Não há sucessão apostólica, como entende a Igreja Católica. Referindo-se aos apóstolos de Jesus, no sentido especial, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* diz: “O ministério de apóstolo nesse sentido restrito é exclusivo, e dele não há repetição. Os apóstolos originais do Novo Testamento não têm sucessores”.⁶

Atualmente, o que podemos ver como ministério *de caráter apostólico*, é o trabalho dos missionários, quando são enviados para desbravar campos, em países de povos não alcançados pelo evangelho de Cristo. Se um missionário vai assumir um trabalho que já está estabelecido, cujas bases e desenvolvimento deveram-se ao esforço de outros companheiros, não pode dizer que faz um trabalho de apóstolo, e sim, de pastor ou evangelista.

Paulo ensina que Jesus, depois de subir ao alto e levar “cativo o cativo”, “deu dons aos homens”. Observando o texto bíblico, de Efésios 4.11, lemos: “E *ele mesmo deu uns para apóstolos*, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11,12). Esses “homens-dons”, concedidos por Deus e seus ofícios ou ministérios, têm por finalidade alcançar a “unidade do Espírito” (Ef 4.3), visando “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério” e a “edificação do corpo de Cristo”. Dessa forma, se existe atualidade para os ofícios de “profetas”, “evangelistas” e “doutores” ou “mestres”, por que não deveria haver atualidade do ofício do apóstolo?

Sem dúvida alguma, o ministério de caráter apostólico deve ser desenvolvido, na atualidade, ao lado dos demais ministérios, indispensá-

⁵ CPAD. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave*, p. 3076.

⁶ CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Estudo Bíblico sobre Ef.4.11, p. 1814.

veis à unidade e à edificação do corpo de Cristo. Homens como John Wesley, William Carey, cognominado “pai das missões modernas”; Adoniran Judson, Hudson Taylor, D. L. Moody, Jorge Müller, Smith Wigglesworth, Gunnar Vingren, Daniel Berg, Richard Wurmbrand, e tantos outros, em tempos mais recentes, podem ser considerados verdadeiros apóstolos de Jesus. São homens que expuseram suas vidas para levar a mensagem do evangelho aos mais longínquos lugares do mundo.

Patzia afirma: “Visto que a Igreja de hoje não tem lugar para o *cargo de apóstolo*, por exemplo, a tentação é encontrar-se uma contrapartida contemporânea nos líderes eclesiais, como superintendentes ou supervisores”.⁷ Há realmente, essa “tentação”, de se buscar aplicação para o termo “apóstolo”, a funções que pouco ou nada têm de apostólicas.

CONCLUSÃO

Concluindo, podemos afirmar com bastante fundamento escriturístico, que o ministério apostólico, nos moldes do Colégio Apostólico, não existe mais. Porém, o ministério de caráter apostólico, desenvolvido por missionários e evangelizadores, com a finalidade de estabelecer igrejas, em diversos lugares, é perfeitamente atual. Velhos pastores, que, nos primórdios da evangelização do País, andaram a pé, no lombo de jumentos ou de cavalos, de canoa, de jangadas ou barcos, muitas vezes não tendo lugar certo para pousar, também podem ser considerados apóstolos modernos, ainda que seus cargos fossem de pastores ou de evangelistas. Nos dias atuais, também há homens e mulheres de Deus, arriscando suas vidas, em países inimigos do evangelho. São verdadeiros apóstolos da Igreja de Jesus Cristo.

⁷ PATZIA, Arthur G. **Novo comentário bíblico contemporâneo — Efésios, Colossenses, Filemom**, p. 231.

Capítulo 7

O PROFETA

“E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (1 Co 12.28).

Neste capítulo, discorreremos sobre o dom ministerial de profeta, na igreja cristã. É um assunto que envolve dificuldades de interpretação, tendo em vista alguns aspectos que parecem não estar bem claros, no texto neotestamentário. Quando se estuda a missão dos profetas, no Antigo Testamento, normalmente, não há grandes questionamentos. Mas, no âmbito do Novo Testamento, persistem algumas indagações. Há dúvidas acerca da correlação entre o dom de “profeta” e o dom espiritual de “profecia”. O profeta, na igreja atual é um dom ou é um ofício? É um cargo ministerial, como alguém utiliza, acima dos demais? Já existem igrejas em que seu titular já foi pastor, bispo, apóstolo e, atualmente, é chamado de “o profeta”!

A Igreja Primitiva é o modelo ideal a ser seguido pelas igrejas cristãs ao longo da História. Mesmo considerando algumas especificidades ministeriais, face ao contexto histórico e cultural de sua época, o que foi ensinado por Jesus e por seus apóstolos, ao longo do desenvolvimento das igrejas locais, tem valor essencial para quaisquer igrejas, em todos os tempos e lugares, no mundo em que vivemos. Desse modo, constatamos que tanto o dom de profecia como o ofício ou o dom ministerial de profeta eram naturalmente reconhecidos pelos cristãos primitivos.

Em momentos cruciais, quando as adversidades ameaçavam a comunidade cristã, homens de Deus eram levantados para transmitir a mensagem de orientação, necessária para sua estabilidade. Os profetas do Novo Testamento não eram pessoas procuradas por irmãos ou grupos de irmãos, com a finalidade de buscarem orientações pessoais. Eles eram usados, em momentos especiais, quando havia uma necessidade de uma palavra especial da parte de Deus. E o faziam de modo espontâneo, sem qualquer ideia de premeditação ou direcionamento da parte do profeta, como ocorre, infelizmente, em alguns lugares, nos dias presentes. Também não tinham o ofício de profeta, idêntico ao dos profetas do Antigo Testamento.

O profeta do Antigo Testamento era um homem que, além de transmitir a mensagem de Deus, tinha outras atribuições de ordem nacional. Na unção dos reis, eram os profetas que tinham a incumbência de derramar o azeite santo da unção sobre a cabeça dos governantes (1 Sm 16.1; 1 Rs 19.16).

No Novo Testamento, o profeta tem função essencialmente voltada para o âmbito da igreja local. Mas, de modo geral, o profeta da igreja cristã atende à necessidade de edificação, exortação e consolação dos crentes (1 Co 14.3). Uma pessoa pode ter o dom espiritual de profecia sem ter o dom ministerial de profeta. Não se pode dizer que a igreja do século XXI não precisa mais de profetas. Considerando que, antes da Vinda de Jesus, está prevista terrível manifestação da apostasia (2 Ts 2.3), é indispensável que a igreja local tenha a presença da manifestação do Espírito Santo, tanto através do dom de profecia, como a palavra sábia e edificante dos profetas de Deus.

O profeta de hoje não tem a missão de ungir reis ou profetas em seu lugar, mas tem a grave responsabilidade de transmitir a mensagem de Deus, nos momentos necessários, no tempo certo, para pessoas ou para a comunidade cristã. Essas mensagens são de grande valia, para denunciar as ameaças ou existência de pecados que comprometem a integridade espiritual do Corpo de Cristo.

Nas igrejas, é comum surgirem irmãos que têm o dom de profecia ou o dom ministerial de profeta, e, com o passar do tempo, tornarem-se soberbos, achando que são superiores aos demais, e até aos líderes. É o começo da queda. A Bíblia diz que depois do orgulho vem a queda (Pv 16.18). Quem tem um dom de Deus deve ter consciência de que é apenas um servo e não um senhor dos outros.

I – O PROFETA DO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento, o ofício do profeta era de âmbito nacional. Quando Deus levantava um profeta, conferia-lhe a missão de falar em seu Nome para toda a nação e até para povos estranhos.

1. A IMPORTÂNCIA DOS PROFETAS

O Antigo Testamento foi marcado pela atividade e testemunho dos profetas. Quando Jesus se despedia dos seus discípulos, lhes disse: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (Lc 24.44). Os escritos dos profetas faziam parte da tríplice divisão da Bíblia hebraica.

1) Profetas no Pentateuco. Nos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, vemos a presença de Abraão, o pai da nação Israelita, que foi considerado um profeta (Gn 20.7); quando Moisés, o líder do Êxodo, estava em aperto, na sua chamada para tirar o povo do Egito, Deus lhe disse que Arão, seu irmão, seria seu profeta (Êx 7.1); os 70 homens, levantados por Deus para ajudar Moisés profetizaram só uma vez; dois israelitas, Eldade e Medade, que ficaram na tenda, também profetizaram, provocando ciúmes em Josué (Nm 11.24-29). Em Números, Deus diz como usaria um profeta, em visão ou sonhos (Nm 12.6). Em Deuteronômio, vemos Deus ensinando ao povo como distinguir os verdadeiros e os falsos profetas (Dt 13.1-5). Aqueles homens não tinham um ministério profético. Foram usados por Deus em mensagens ou missões de caráter profético. Seus nomes não fazem parte dos “Profetas”, na divisão da Bíblia hebraica, porque a profecia não era a sua missão principal.

2) Profetas em diversos livros do Antigo Testamento. Nos livros históricos, o papel dos profetas foi muito relevante. Os livros de 1 e 2 Samuel foram escritos pelo último dos juízes e o primeiro dos profetas, realmente dedicados à missão de falar ao povo mensagens da parte de Deus de modo marcante e consequente (1 Sm 8.10-17); ele também era vidente (1 Sm 9.15, 19,20; 10.1-5). Foi usado para ungir Saul, o primeiro rei de Israel e Davi, seu sucessor (1 Sm 10.24; 16.13). Nos

livros de 1 e 2 Reis, houve profetas de destaque, como Natã, que ungiu Salomão (1 Rs 1.39); o profeta Aías, que profetizou a divisão do Reino de Israel (1 Rs 11.31, 32); houve um profeta desconhecido, que vaticinou o nascimento de Josias, e foi enganado por um “profeta velho”, que mentiu, e, mesmo assim, foi usado por Deus (1 Rs 13.1-3; 11-26). Quando Deus quer, usa a quem Ele quer.

Dentre os profetas de 1 Reis, destacou-se o profeta Elias, que denunciou os pecados do rei Acabe e sua mulher ímpia, Jezabel (1 Rs 17.1; 18.1) e confrontou os profetas de Baal e Asera, cultuados pelo casal real (1 Rs 18.18-46). Seu sucessor foi o profeta Eliseu, que foi usado com grande poder (2 Rs 2.9-11), com grandes sinais e maravilhas (2 Rs 2.19-25). Isaías foi profeta de grande valor em 2 Reis (2 Rs 19.2, 6,7, 20-37). Naquele tempo, a profetiza Hulda foi usada por Deus para exortar o povo em sua desobediência (2 Rs 22.14-20).

Esdras, líder da reconstrução do Templo em Jerusalém, após o cativeiro babilônico, foi ajudado por profetas (Ed 5.2). Na reconstrução dos muros, por Neemias, levantou-se a falsa profetisa Noadías, que, juntamente com outros profetas conluiaram-se contra Neemias, o líder da reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 6.4).

2. OS PROFETAS MAIORES

Integram uma lista de 5 livros, de Isaías a Daniel. São chamados de “maiores” não por importância pessoal dos profetas, mas pelo volume ou tamanho de seus livros bem como a abrangência das profecias. Aqueles mensageiros de Deus foram usados para transmitir mensagens do Senhor ao povo de Israel, no seu tempo, e também foram usados de maneira profética para vaticinar acontecimentos futuros, escatológicos.

3. OS PROFETAS MENORES

São 12 livros, de Oseias a Malaquias. De igual modo, seus autores são chamados de “menores”, não por serem inferiores aos outros, mas pelo menor volume de seus livros e menor extensão de suas profecias. Os profetas do Novo Testamento apenas foram citados, no texto bíblico, em referência a sua participação na história da Igreja, mas não tiveram a condição de serem incluídos no cânon bíblico. Os profetas do Antigo Testamento tinham um ministério voltado para toda a nação.

II – O PROFETA NO NOVO TESTAMENTO

Em o Novo Testamento, só há um livro profético — O Apocalipse. Nenhum personagem neotestamentário, além de João, o Evangelista, escreveu outro livro com esse caráter. Mas, ao longo de seus livros, encontramos referências a profetas, que tiveram papel relevante. Vamos refletir um pouco sobre eles.

1. UM DOM MINISTERIAL

Em sua carta aos coríntios, o apóstolo Paulo fala da importância do corpo de Cristo, enfatizando que os crentes são “seus membros em particular” (1 Co 12.27). E o faz, depois de demonstrar a necessidade da unidade do corpo de Cristo, fazendo uma analogia com o corpo humano, mostrando que nenhum membro do corpo pode dispensar a função do outro. “Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo” (1 Co 12.18-20). Daí, porque nenhum dom ministerial é maior que o outro. A ordem dos dons, no texto, é questão de prioridade.

Com essa visão, da unidade do corpo de Cristo, que é a Igreja, o apóstolo apresenta uma lista de dupla referência. Primeiro, fala de homens a quem Ele põe na igreja, ao que tudo indica, numa ordem de prioridade. São “homens-dons”, por assim dizer. Nessa lista, os “profetas” aparecem em segundo lugar. Sem dúvida, não é por acaso, mas segundo o entendimento do Espírito Santo. Os profetas eram os homens usados por Deus para transmitir mensagens divinas para a comunidade dos que eram ganhos para Cristo. Eram mensagens sobrenaturais. Os doutores eram os que cuidavam do ensino ou do discipulado, estudando, interpretando e ensinando os fundamentos da fé cristã com profundidade.

Na segunda parte do texto, vemos Paulo apresentar uma lista de ministérios, indispensáveis à unidade, a edificação, ao fortalecimento e à própria administração da igreja local: “depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (1 Co 12.28 b), e faz indagações que enfatizam o valor do uso dos dons de modo integrado e não fragmentado (1 Co 12.29-31). Se um dom fosse maior que o outro, não promoveria a unidade indispensável do corpo de Cristo.

Escrevendo aos efésios, Paulo é mais didático ou explícito, em relação aos dons ministeriais. “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.11-13 — grifos nossos). Observe que, à semelhança do texto de 1 Coríntios 12.28, os *profetas* vêm em segundo lugar.

III – O DOM DE PROFETA E O DOM DE PROFECIA

No capítulo 5, quando discorremos sobre os Dons de Elocução, tecemos comentário sobre o dom espiritual de profecia (1 Co 12.10). Neste capítulo, o foco do estudo é o dom ministerial de profeta (Ef 4.11). De início, parece não haver diferença entre um e outro, mas há alguns aspectos a considerar.

1. O DOM DE PROFETA NÃO É PARA TODOS

Examinando o contexto do capítulo 12 de 1 Coríntios, podemos verificar e concluir que os dons ministeriais não são para todos os crentes, na igreja local. Diz o texto: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (1 Co 12.18). Note-se que o texto diz que “a uns pôs Deus na igreja”. Isso mostra que Deus não pôs todos, mas “uns”.

Na lista de Paulo aos efésios, vemos escrito: “E ele mesmo deu *uns* para apóstolos, e *outros para profetas*, e *outros* para evangelistas, e *outros* para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento *dos santos*, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11,12). Quando o escritor diz “uns” e “outros” fica bem claro que tais dons não estão à disposição de todos os crentes. Diz a *Bíblia de Estudo Pentecostal*: “Como *dom de ministério*, a profecia é concedida a apenas alguns crentes, os quais servem na igreja como *ministros profetas*” (grifo nosso).¹

¹ CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Estudo sobre os dons ministeriais.

1) *O aperfeiçoamento dos santos*. A finalidade dos dons ministeriais é “o aperfeiçoamento dos santos” (1 Pe 1.15), ou seja, dos crentes fiéis, santificados e comprometidos com o Reino de Deus, “para a obra do ministério”. Há o ministério ordenado, regular, integrado pelos pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos ou cooperadores, ordenados, consagrados ou separados para atender às necessidades da comunidade cristã. E há ministérios diversos, que não são realizados pelos ministros ou obreiros do corpo ministerial. Na música, no louvor, no ensino, nos serviços gerais, na segurança, na operação de equipamentos e outros, que, quando executados por pessoas que são chamadas por Deus, e assumem tais atividades, conscientes de que estão prestando um serviço à igreja, são verdadeiros ministérios.

2) *Para a “obra do ministério”*. O ministério se constitui dos diversos cargos e funções, necessárias ao desenvolvimento da vida eclesial; são os diversos serviços e atividades eclesiais e administrativas que norteiam a administração espiritual, humana e organizacional da igreja local. Essa obra requer orientação segura da parte de Deus.

3) *A edificação do Corpo de Cristo*. Os dons ministeriais também atendem à necessidade da “edificação do Corpo de Cristo”, que é a Igreja (invisível), que se torna visível, no conjunto de salvos, na igreja local. Os crentes salvos são considerados “edifício de Deus” (1 Co 3.9). A metáfora é bem adequada. Os salvos são considerados “pedras vivas”, na construção desse edifício espiritual. Diz o apóstolo Pedro: “vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pe 2.5). Nessa edificação, o papel dos que têm o *dom ministerial de profeta* é de grande valia.

2. O DOM DE PROFECIA E SUAS ESPECIFICIDADES

Enquanto o “dom de profeta” só é concedido a “uns”, o dom de profecia, está à disposição dos que o buscarem. “Como manifestação do Espírito, a profecia está potencialmente disponível a todo cristão cheio de Ele (At 2.16-18).”² A Palavra de Deus faculta aos crentes buscarem os dons espirituais, “mas principalmente o de profetizar” (1 Co 14.1).

² CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Estudo sobre dons ministeriais.

O que transmite mensagem, através do dom de profecia pode ser avaliado, ou julgado pelos demais (1 Co 14.29, 32; 1 Ts 5.20,21). O detentor do dom de profecia não deve ser um oráculo, a ser procurado pelos crentes para guiar suas vidas.

Tanto na igreja do Novo Testamento, como em todos os tempos, o “dom de profecia” ou “dom de profetizar” tem finalidade tríplice: “Mas o que profetiza fala aos homens para *edificação, exortação e consolação!* O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas *o que profetiza edifica a igreja.* (1 Co 14.3,4).

É necessário que haja um cuidado especial, em relação ao dom de profecia. O profeta do Novo Testamento, na igreja local, não deve arrogar-se o direito de querer dirigir o pastor, ou o líder da igreja.

IV – COMO CONHECER O PROFETA

1. CARACTERÍSTICAS DO VERDADEIRO PROFETA

Deus vale-se de homens ou mulheres, para usá-los em mensagens proféticas. No Antigo ou em o Novo Testamento, através de profetas ministros, ou do dom de profecia, a mensagem de Deus é transmitida para sua igreja, com fins proveitosos.

1) *Ele só diz o que ouve da parte de Deus.* O verdadeiro profeta fala a verdade de Deus, na mensagem que transmite. O profeta verdadeiro não transmite mensagem de sua mente, para agradar ou desagradar, propositadamente. Ele fala a Palavra de Deus “com verdade”.

O rei de Israel, mais prudente, procurou saber se não haveria ali um profeta do Senhor. “Disse, porém, Josafá: Não há aqui ainda algum profeta do SENHOR, ao qual possamos consultar?” (1 Rs 22.7). Certamente, o rei de Israel percebeu que aqueles profetas não mereciam confiança. O rei de Judá respondeu que havia um profeta, Micaías, mas o aborrecia, pois suas profecias sempre o desagradavam. Por sugestão do rei de Israel, o rei de Judá mandou chamar o profeta Micaías. Os mensageiros lhe advertiram que todos os profetas já haviam dado uma mensagem unânime em favor do rei, e que ele deveria fazer o mesmo. A resposta de Micaías define a postura de um verdadeiro profeta de Deus:

“Porém Micaías disse: Vive o Senhor, que *o que o Senhor me disser isso falarei*” (1 Rs 22.14 — grifo nosso). E, contrariando todos os profetas do rei de Judá, Micaías predisse que Israel seria derrotado. Foi malvisto, preso, mas Deus cumpriu a palavra do profeta. O rei de Judá foi morto, e o exército sofreu pesada derrota.

2) Há evidências da confirmação de Deus. O verdadeiro profeta é confirmado por Deus. Sua mensagem é autenticada pelo Espírito Santo, e merece credibilidade. “E todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado por profeta do Senhor” (1 Sm 3.20). Samuel era um jovem profeta, no tempo de Eli. E foi confirmado por Deus perante toda a nação de Israel.

3) Tem revelação e discernimento de Deus. O rei Jeroboão estava em pecado, e mandou sua mulher disfarçar-se e consultar o profeta Aías, diante da grave doença de um filho seu. A mulher disfarçou-se e foi ao profeta. Antes que chegasse à sua casa, Deus falou ao profeta, alertando-o pela chegada da mulher do rei. Quando ela pôs os pés na porta da casa, o homem de Deus a surpreendeu: “E sucedeu que, ouvindo Aías o ruído de seus pés, entrando ela pela porta, disse ele: Entra, mulher de Jeroboão! Por que te disfarças assim? Pois eu sou enviado a ti com duras novas” (1 Rs 14.6). E falou do mal que viria sobre o reinado do seu esposo, e da morte da criança, o que de fato aconteceu (1 Rs 14.17). O verdadeiro profeta de Deus não se deixa levar pelas aparências e muito menos pela bajulação de quem quer que seja.

4) O profeta não é insubstituível. O profeta Elias, fugindo de Jezabel, a ímpia mulher do rei Acabe, refugiou-se no deserto de Berseba. Recebeu ordem de Deus para levantar-se, pois ainda tinha muito a fazer. Quando pensava que só havia ele para ser usado, Deus lhe disse: “Também eu fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou” (1 Rs 19.18; Rm 11.4). Sete mil é a “média” que Deus tem de homens para substituir quem quer que seja. No tempo de Deus, Elias passou o cajado para Eliseu, após cumprir sua missão (2 Rs 2.9-14).

2. CARACTERÍSTICA DO FALSO PROFETA

1) *Ele não tem mensagem de Deus.* No Antigo Testamento, o falso profeta era aquele que entregava mensagem do seu coração, para agradar a alguém, ou para fazer oposição. No primeiro caso, temos os profetas do rei Acabe. Todos profetizaram o que o rei gostaria de ouvir, que iria à guerra e seria vitorioso. Contrariando um profeta de Deus, o rei foi à guerra, foi derrotado e morreu (2 Cr 18.4,5; 27-34); no segundo caso, há o exemplo da falsa profetisa Noadias e outros profetas, que foram subornados para atemorizar Neemias, na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 6.13,14).

2) *Ele desvia o povo dos caminhos do Senhor.* O falso profeta desenvolve capacidade carnal ou diabólica para enganar os servos de Deus. Consegue até fazer sinais e prodígios, para impressionar a mente dos incautos. Deus condenou tais mensageiros do Diabo e disse para seu povo não os ouvir, pois seriam condenados à morte (Dt 13.1-5). O falso profeta procura reunir simpatizantes e partidários, que lhe seguem as orientações muitas vezes carnavais e interesseiras. Julga-se na condição de manipular a vida das pessoas e até da igreja local.

3) *O falso profeta é soberbo.* Sua palavra, “em nome do Senhor”, não se cumpre. (Dt 18.21, 22). A experiência mostra, ao longo do tempo, quantos profetas e profetisas orgulhosos se levantam, no meio da igreja local. Eles desprezam o pastor ou o dirigente, e costumam ter seus discípulos, que formam “grupinhos” de oração em torno dele (ou dela). Isso é pernicioso e não tem aprovação na Palavra de Deus. Deus não dá respaldo para isso. Pelo contrário, manda que os crentes honrem e respeitem seus pastores (1 Ts 5.13; Hb 13.17).

4) *Os falsos profetas são como “lobos devoradores”.* Jesus Cristo, no Sermão do Monte, fez um alerta de grande significado para sua Igreja. Ele advertiu seus seguidores contra os falsos profetas. “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus” (Ver Mt 7.15-19).

5) *Os falsos profetas vivem na iniquidade.* Em seu Sermão, Jesus disse que “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). É preciso ter cuidado com pregadores, que dizem eu “sou profeta de Deus”.

Por isso, Jesus disse: “Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome?” (Mt 7.22). E alegarão que expulsaram demônios e fizeram “muitas maravilhas”. Mas ouvirão de Jesus: “E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7.23).

3. O CASTIGO DOS FALSOS PROFETAS

A responsabilidade do profeta, no Antigo Testamento, era primordial e de grande valor para o direcionamento da vida espiritual, social e moral do povo. Assim, um profeta era um homem de grande responsabilidade diante de Deus e do povo. Quando, aproveitando-se de sua condição de profeta, manipulava o povo, induzindo-o ao desvio dos caminhos do Senhor, recebia a condenação veemente da parte de Deus. Na Igreja cristã, a responsabilidade do profeta não é menor, seja ele pastor, evangelista, ou obreiro de outra ordem. Deus não muda em relação ao pecado e aos desvios de conduta de quem quer que seja.

1) *Advertência contra o falso profeta.* Diz o livro sagrado: “Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, porquanto o Senhor, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o Senhor, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma. Após o Senhor, vosso Deus, andareis, e a ele temereis, e os seus mandamentos guardareis, e a sua voz ouvireis, e a ele servireis, e a ele vos achegareis (Dt 13.1-4).

2) *Pena capital ao falso profeta.* Era assim, no Antigo Testamento: “E aquele profeta ou sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebeldia

contra o Senhor, vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o Senhor, vosso Deus, para andardes nele; assim, tirarás o mal do meio de ti (Dt 13.5)”. A responsabilidade e o prestígio de um profeta, no Antigo Testamento, era muito grande. O povo o respeitava como sendo um verdadeiro arauto, que falava em nome de Deus. Sua palavra profética era considerada Palavra de Deus. No Novo Testamento, não é diferente. Daí, porque o castigo era severo contra os falsos profetas.

CONCLUSÃO

Na Igreja cristã, no âmbito local, há espaço para o dom ministerial de profeta. Esse dom não é disponível para quem o busque, mas para quem é chamado por Deus, com a missão de desenvolver um ministério ou serviço, na casa do Senhor. Seu ministério não tem o mesmo caráter do profeta do Antigo Testamento. Este falava à nação. O profeta do Novo Testamento fala para a igreja local, com vistas ao aperfeiçoamento dos crentes para a obra do ministério, e para edificação da igreja. Deve haver discernimento de espírito, por parte da liderança, e no meio da igreja local, para que “lobos devoradores”, travestidos de “profeta” não causem estragos no meio do rebanho do Senhor Jesus Cristo.

Capítulo 8

EVANGELISTA

“Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério” (2 Tm 4.5).

Neste capítulo, analisaremos a missão do evangelista, um dom ministerial ao lado de outros da maior importância, como o de pastor, apóstolo, profeta ou doutor. A Bíblia fala muito pouco sobre esse dom. Se compulsamos uma concordância bíblica, só encontramos três referências a esse termo (At 21.8; Ef 4.11; 2 Tm 4.5). Nem por isso, o papel do evangelista pode ser considerado de somenos importância, no contexto dos ofícios ministeriais, que devem contribuir para o crescimento e para a edificação da Igreja do Senhor Jesus Cristo.

A tradição do governo da igreja tem levado a entender que o evangelista é um cargo ou uma função hierárquica, inferior à de pastor, ou de apóstolo ou doutor, e superior à de presbítero. Porém, à luz da boa hermenêutica ou interpretação dos textos bíblicos, podemos constatar que não é bem assim. Há homens, dentre os que se colocam à disposição da obra do Senhor, que têm uma vocação prioritária para a pregação do evangelho, para a proclamação das Boas-Novas de salvação, ou do *kerigma*, numa linguagem mais bíblica ou teológica. Por isso, o evangelista consta da lista dos “dons-ministeriais”, que são “dons de Deus”, concedidos por Cristo aos homens, após sua retumbante vitória sobre a morte (cf. Ef 4.8-11).

E há homens, que têm a vocação para cuidar do rebanho, que são os pastores, enquanto há os que são mais usados por Deus na área do ensino da Palavra. Ninguém é superior a ninguém, no Reino de Deus (Rm 12.5).

Nas últimas décadas, os evangelistas têm sido muito solicitados para participarem de eventos, nas igrejas evangélicas. Alguns são excelentes pregadores, que transmitem mensagens na unção de Deus, demonstrando verdades bíblicas com profundidade, atraindo os pecadores para Cristo. Outros, lamentavelmente, são verdadeiros “profissionais” da oratória. Que pregam em troca de cachês polpidos. Preferimos considerar que este tipo é exceção. Graças a Deus, há homens cristãos, que têm a vocação para serem evangelistas, e prestam excelente serviço à Igreja do Senhor Jesus. Normalmente, os evangelistas têm ministério itinerante. Vão buscar as almas, para que elas sejam acolhidas nas igrejas locais, aos cuidados dos verdadeiros pastores, auxiliados pelos discipuladores. A evangelização intensa só pode ter êxito se houver um discipulado intensivo junto aos que se convertem por meio das pregações dos evangelistas. Evangelizar sem discipular é semear sem cuidar das almas que se convertem.

Os evangelistas são aqueles que dizem aos pecadores: “Venham para Cristo”, e os pastores, que cuidam do rebanho, são os que dizem: “Sejam transformados pelo poder Deus, e se integrem ao Corpo de Cristo, que é a Igreja”. Os ministérios se complementam. Sem pastores, não faz sentido haver evangelistas. Sem evangelistas, os pastores não veem o rebanho crescer. Nessa complementaridade de ministérios, podemos ver a palavra do profeta Isaías: “Um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: Esforça-te!” (Is 41.6).

Assim, vamos estudar o papel e a missão do evangelista, com base nos textos bíblicos que nos permitem avaliar esse importante dom ministerial, tão necessário à igreja como os demais que constam das listas de ministérios necessários ao bom funcionamento do Corpo de Cristo, que é a Igreja, da qual Ele é a Cabeça.

I – JESUS ENVIA OS SETENTA (LC 10.1-24)

Após a eleição dos Doze, que constituíam o “Colégio Apostólico”, tempos depois, Jesus resolveu escolher outros discípulos, em número de

setenta, para enviá-los como evangelistas a “a todas as cidades onde ele havia de ir” e os organizou em equipes de evangelizadores, “de dois em dois” (Lc 10.1, 2). O texto de Lucas, referente ao envio dos “outros setenta” é o mais substancial em informações quanto ao seu desempenho apostólico. Algumas das mais importantes afirmações de Jesus sobre seus enviados constam desse texto, ainda que não são considerados participantes do “colégio apostólico”. Para distingui-los dos 12, nesta análise, são chamados de evangelistas.

1. OS OBREIROS SÃO POUCOS

Ao enviar os setenta, Jesus asseverou que “Grande é, em verdade a seara, mas os obreiros são poucos” (Lc 10.2a). Diante dessa realidade, Jesus exorta a que devemos rogar ao Senhor da seara, para “que envie obreiros para a sua seara” (Lc 10.2b).

2. CORDEIROS NO MEIO DE LOBOS

No tempo de Jesus, os evangelizadores, ou evangelistas, enfrentariam situações comparáveis a cordeiros no meio de lobos (Lc 10.3). Certamente, os setenta puderam sentir de perto o cumprimento da advertência do Senhor. Devem ter sido rejeitados, aborrecidos e perseguidos, até com ameaça de morte. Nos dias atuais, os que são enviados por Cristo, para levarem a mensagem do evangelho a certas regiões do mundo, vivem em constante risco de morrer. Desde o século passado, e no presente, de cada três pessoas que morrem por causa de sua fé, uma é cristã. Mais cristãos foram mortos nas últimas décadas, do que em toda a história de Igreja de Cristo. Daí, porque a maior parte dos missionários está radicada onde já existem muitos obreiros. E Smartphone Desbloqueado Tim L4 II Dual E467 Tv Digital Preto Android 4.1 Tela de 3.8” Câmera 3MP 3G Processador Cortex A9 de 1.0GHz poucos são os que se destinam a lugares inóspitos e ameaçadores. É compreensível, até certo ponto, mas Jesus mandou pregar o evangelho a toda criatura.

E a tendência da perseguição aos servos de Jesus é de acentuar-se cada vez mais. Na maioria dos países do Ocidente, o Diabo tem levantado a perseguição institucional, através de governos, dos legislativos e do Judiciário, mediante a elaboração e aprovação de leis que dificultam

e ameaçam a liberdade para a pregação do evangelho. São “as portas do inferno”, através das “leis injustas” (Is 10.1). Elas não prevalecerão, como profetizou Jesus, mas perturbarão e causarão grandes problemas à missão da Igreja. Mas será por um tempo. Quando Jesus intervier, na sua Vinda, os “lobos” serão aniquilados.

3. AUTORIDADE PARA OPERAR SINAIS E MARAVILHAS

Os setenta evangelistas foram autorizados a curar os enfermos que encontrassem nas cidades por onde haveriam de passar (Lc 10.9). *Receberam o mesmo poder que os Doze receberam da parte do Senhor* (Mt 10.8). Nos tempos apostólicos, a operação de milagres fazia parte integrante da missão. Evangelização com milagres, sinais e prodígios era a característica da atividade ministerial. Receberam “poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem toda a enfermidade e todo o mal” (Mt 10.1). Da mesma forma, os setenta evangelistas também estavam investidos da mesma autoridade espiritual. Ao retornarem da missão, deram um relatório positivo e vibrante do que lhes acontecera, quando saíram, em cumprimento ao mandado de Jesus, de dois em dois (Lc 10.17).

4. O MAIOR PRIVILÉGIO DOS EVANGELISTAS

Na palavra aos setenta, Jesus os surpreendeu com uma declaração desconcertante, ante a alegria e a comemoração pelos milagres que viram ser realizados por seu intermédio. Curas, libertação de endemoninhados e outros milagres, não seriam o auge do sucesso ministerial? Porém Jesus lhes fez saber que maior privilégio do que operar milagres era ter o seus nomes “escritos nos céus” (Lc 10.20). Discurso semelhante, Jesus proferiu, em determinada ocasião, quando advertia seus seguidores acerca da operação de milagres, sem que a vida do obreiro ou do pregador esteja em consonância com aquilo que prega.

No Sermão do Monte (Mt 7.21-23), de forma alguma Jesus quis decepcionar ou minimizar o valor do trabalho dos evangelizadores. Mas quis conscientizá-los de que ter o nome nos céus é o maior privilégio que um servo de Deus pode ter.

II – A GRANDE COMISSÃO (MT 28.19,20; MC 16.15-20)

Nas suas palavras finais aos seus “onze” discípulos, após a ressurreição, Jesus lhes deu a mais importante missão que poderia ser confiada a homens. A ordem de irem “por todo o mundo” e pregarem “o evangelho a toda a criatura” (Mc 16.15). Aquele mandato seria extensivo a todos os demais discípulos, que o seguiam, e a todos os que haveriam de segui-lo ao longo dos tempos, e até à sua vinda em glória. Foi o que se convencionou chamar de “A Grande Comissão”. Eles foram comissionados para continuar a obra que o Mestre iniciou, em seu ministério terreno. Começou com 12, mas só onze estavam ali para receber aquela tão honrosa, difícil e gloriosa missão. Após a ascensão de Jesus, Matias foi escolhido para substituir Judas (At 1.23-26).

1. O ALCANCE DA GRANDE COMISSÃO

1) *Tem alcance mundial.* Os seguidores de Jesus deveriam ir “por todo o mundo” para levar as Boas-Novas de salvação. Antes de qualquer outra incumbência, eles teriam que realizar o papel de evangelistas, evangelizadores ou missionários, para buscarem as almas perdidas para Cristo. Outras funções ministeriais, de pastor, presbítero, diácono e as demais são consequência dos resultados da evangelização. E a tarefa não se restringia aos arredores de Jerusalém. A missão de propagar o evangelho de Cristo teria que ser local, regional, nacional e transcultural, “por todo o mundo”.

2) *Destina-se a todos os povos.* Enquanto os judeus entendiam que a salvação seria exclusiva para eles, que esperavam o Messias, Jesus ultrapassou aquela visão limitada, e deu ordem a seus seguidores para que levasse a mensagem do evangelho “a toda criatura”. A Igreja de Jesus é “inclusiva” para os que o aceitam e abandonam o pecado. E é “exclusiva” para quem quer ficar ao lado de Cristo (Mt 12.30).

3) *O mundo seria dividido entre dois grupos.* Os crentes e os incrédulos. Os salvos e os perdidos. “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Mc 16.16). Em sua visão divina,

Jesus não vê nacionalidade, condição social, a cor da pele, raça, sexo, condição financeira ou econômica (Gl 3.28). Ele só vê dois tipos de pessoas. Os salvos pela fé e os perdidos por causa da descrença nEle e em seu evangelho. Os homens não têm alternativa. Ou creem para serem salvos ou permanecem na incredulidade para serem perdidos. Os discípulos entenderam que a Grande Comissão é questão de vida ou de morte. A escolha é de cada um. A responsabilidade é individual. Mas a missão de pregar o evangelho é coletiva. É da Igreja. Os evangelistas têm um papel de vanguarda. Mas a ninguém é dado o direito de escusar-se de ser testemunha de Jesus.

4) *Os sinais aos que crerem.* Ante a preocupação dos discípulos com a grave incumbência de serem os responsáveis pelo início da evangelização do mundo, Jesus lhes tranquilizou, mostrando-lhes que a eles e aos que haviam de crer no evangelho, seriam concedidos recursos espirituais jamais entregues a outras pessoas, para que pudessem alcançar a missão que lhes era confiada naquele momento especial. Ante os olhares ansiosos e tensos, Jesus lhes asseverou: “E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome, expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão” (Mc 16.17, 18). Eles já tinham visto muitos sinais, operados por Cristo. Eles próprios tiveram experiências com sinais, operados por Cristo. Mas, na sua despedida, Jesus lhes assegurou que aqueles sinais não seriam apenas para eles e sim para os “que crerem”.

Nos primórdios da Igreja, no período apostólico, todos esses sinais foram realizados, exceto o de “beberem alguma coisa mortífera” (ou veneno) sem sofrer qualquer dano. Os críticos dos evangelhos dizem que essa parte do evangelho de Marcos não consta dos originais. Foi inserida pelos escribas para que a despedida de Jesus não deixasse um “clima” de desconforto ou de frustração. E introduziram uma seção triunfalista, incluindo a possibilidade de um crente tomar veneno e não morrer. É evidente que nenhum cristão deve experimentar tomar veneno para provar que Deus o guarda de morrer. Mas, se um crente em Jesus ingerir uma “coisa mortífera”, acidentalmente, ou por imposição do Diabo, se Deus quiser, e estiver em seus propósitos, pode perfeitamente evitar qualquer dano a seu servo, “Porque para Deus nada é impossível” (Lc 1.37).

5) O revestimento de Poder. A Grande Comissão exigiria um revestimento de poder sobrenatural para sua eficácia. Antes de subir aos céus, Jesus disse aos seus discípulos: “ficais, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. (Lc 24.49 — grifo nosso).

O revestimento de poder a que Jesus se referia era a descida do batismo com o Espírito Santo. Não era a salvação, como creem alguns evangélicos de algumas denominações. Os discípulos já eram salvos. Já tinham recebido o Espírito Santo, no sopro de Jesus sobre eles (Jo 20.22). Mas, para evangelizar, cumprindo a Grande Comissão, teria necessidade de *um revestimento de poder sobrenatural*, que lhes daria graças, poder e unção para saírem pelo mundo afora, enfrentando os mais difíceis obstáculos, e as mais cruéis perseguições humana, de reis, imperadores e até de muitos que se dizem cristãos.

Os discípulos estavam preparados para a Missão, pois aprenderam aos pés de Jesus, ao longo de uma convivência de cerca de três anos. Porém os desafios seriam inimagináveis para eles. De fato sofreram, foram perseguidos, amarrados e mortos. Lucas registra, em Atos dos Apóstolos, algumas palavras de Jesus, antes da ascensão, Jesus prometeu o poder aos seus seguidores, a fim de que, diante das lutas e provações, não desistissem de cumprir a sagrada comissão (At 1.8).

A virtude do Espírito Santo era o que estava faltando aos apóstolos ou evangelistas. Eles já eram salvos, mas teriam que aguardar “a virtude do Espírito Santo”, para serem testemunhas corajosas, enviadas ao meio de “lobos devoradores” (Mt 7.15). E o revestimento veio sobre os discípulos, no Dia de Pentecostes, quando receberam o batismo com o Espírito Santo (At 2.1-13).

6) O começo da Grande Comissão. O livro de Atos dos Apóstolos registra o início do mandato da Grande Comissão. Foi o início da obra missionária da Igreja de Cristo. Após a descida do espírito Santo, aqueles discípulos que estavam amedrontados, após a morte de Jesus, tornaram-se intrépidos evangelistas e saíram levando o evangelho aonde puderam chegar, mesmo por causa da perseguição religiosa. O apóstolo Pedro, que negara Jesus três vezes, antes de ser revestido pelo Espírito Santo, em sua primeira pregação, com altivez e coragem, viu quase três mil almas aceitarem a Cristo como Salvador. Suas palavras foram simples e objetivas: “E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de

vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (At 2.38-41).

A Grande Comissão continua até à volta e Jesus. É “tarefa inacabada”. Segundo estatísticas de organizações evangélicas, o mundo tem 33% de cristãos, incluindo católicos evangélicos, espíritas, Testemunhas de Jeová, e outros. Os evangélicos só alcançam 11% do total da população mundial. Há muito o que se fazer ainda, antes da vinda de Jesus. Há muito trabalho para as igrejas, em busca das almas perdidas. Nesse contexto, o papel dos evangelistas, dos pregadores e missionários é de grande valia e necessidade. Que Deus desperte mais obreiros genuínos para fazer a sua obra evangelizadora no mundo. Que os verdadeiros evangelistas e missionários se disponham a ganhar almas para Cristo.

III – O DOM MINISTERIAL DE EVANGELISTA

1. A CAPACITAÇÃO DO EVANGELISTA

É um dom de Deus, concedido através da capacitação espiritual e ministerial para a propagação do evangelho de Cristo a todas as pessoas que estiverem ao alcance da mensagem do obreiro que tem a chamada para cuidar da evangelização, *como prioridade* em sua missão. Enquanto o pastor tem a missão de cuidar do ensino e do discipulado, diretamente ou auxiliado por pessoas que amam cuidar dos novos decididos, o evangelista esmera-se em buscar de Deus mensagens inspiradas e cheias de unção para tocarem os corações dos pecadores.

O evangelista é por excelência o pregador das Boas-Novas de salvação. O salmista viu o trabalho dos evangelistas, em mensagem profética: “O Senhor deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas-novas” (Sl 68.11). Nos dias presentes, há muitos evangelistas, espalhados pelo Brasil e pelo mundo afora, difundindo a pregação do evangelho de salvação em Cristo Jesus. Seus corações ardem de amor pelas almas perdidas, e elaboram mensagens, com oração, jejum e estudo da Palavra, para que, na hora do sermão, sejam instrumentos nas mãos de Deus para alcançar a mente e o coração dos que precisam de Cristo.

2. HOMENS CAPACITADOS PARA PREGAR

Filipe era um dos sete diáconos, escolhidos para cuidarem da assistência social aos primeiros crentes, na igreja nascente, nos primórdios do cristianismo (At 6.1-3). Tinha qualidades espirituais que o credenciavam a ser mais que um diácono, encarregado de ações sociais em favor dos pobres. A igreja viu nele um diácono. Deus o viu como evangelista. Era homem que tinha intimidade com Deus. O Espírito Santo lhe mandou para uma estrada deserta, entre Jerusalém e Gaza. Obedecendo à voz de Deus, Filipe descobriu que um alto funcionário do reino da Etiópia viajava em seu carro (carruagem), e foi compelido a aproximar-se do viajante. Ao ouvir o texto que o homem lia, Filipe percebeu que Deus lhe dera grande mensagem para transmitir ao sedento viajante. (At 8.27-29).

3. O PAPEL DO EVANGELISTA

O papel do evangelista é entendido de maneira bastante restrita nas igrejas. No entanto, quando Paulo escreve sua segunda carta ao jovem obreiro Timóteo, mostra que além de ser um arauto da pregação do evangelho, tem o dever, também, de ampliar sua visão e ministério, dependendo da ocasião, e na unção de Deus, proferir mensagem de repreensão e de exortação. Mas é preciso ter muito cuidado neste aspecto. Se o evangelista usar o púlpito de uma igreja para simplesmente repreender e exortar os crentes de forma gratuita e para demonstrar autoridade, poderá ser visto como presunçoso e autossuficiente (2 Tm 4.1, 2).

Há exemplos de pregadores, que, no meio de uma pregação, são usados por Deus para entregar uma mensagem de exortação às vezes severa. Quando isso acontece, os efeitos sobre o auditório e sobre a liderança são de aprovação e quebrantamento. No entanto, quando o evangelista resolve exortar a igreja porque não está ouvindo brados de aprovação à sua prédica; quando resolve dar indiretas para o pastor ou para a igreja, os resultados são sempre constrangedores. Já ouvimos alguns pregadores dizer: “Eu vou dizer o que sinto, doa em quem doer. Ainda que seja a última vez que venha aqui, que nunca mais seja convidado, vou dar a mensagem...”. E passa a vociferar mensagens humanas e carnisais contra a igreja. É sinal de falta de maturidade, de respeito e de humildade.

O papel do evangelista envolve a demonstração do poder de Deus na mensagem. O evangelista Filipe foi a Samaria e fez um trabalho digno de ter seu registro no Novo Testamento (At 8.5-8).

4. O RESULTADO DO TRABALHO DO EVANGELISTA

A mensagem do evangelista foi tão impactante, que o homem converteu-se e desejou ser um seguidor de Cristo. Após a bem-sucedida evangelização, ao lado do alto dignitário etíope, Filipe deve ter-lhe falado sobre a necessidade do batismo em águas. Sem perda de tempo, o novo convertido a Jesus quis logo ser batizado em águas. Diz o texto (At 8.36, 37). Ali, na estrada deserta, entre Jerusalém e Gaza, três coisas importantes ocorreram, na vida do evangelista Filipe.

Ele pregou o evangelho, na unção do Espírito Santo; o atento ouvinte aceitou a Cristo como Salvador; o discipulado foi tão eficaz, que o novo decidido quis logo batizar-se em águas; e Filipe mostrou qual é a condição para um novo crente ser batizado: “É lícito, *se crês de todo o coração*”. Essa é a razão porque não se deve batizar crianças, quando não sabem discernir a fé em Cristo. É necessário que o novo crente creia de todo o coração. E, para isso, é indispensável o ensino ou o discipulado consciente e fundamentado na Palavra de Deus. “E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou” (At 8.38). Aquele foi um caso especial, em que o novo convertido foi batizado no mesmo dia em que ouviu a mensagem evangelística. Nos dias presentes, é aconselhável só batizar quem tem consciência do que é ser um cristão verdadeiro, e não apenas congregado ou membro de uma denominação. Quando não há esse cuidado, de um discipulado eficaz, cumpre-se o que dizia um velho pastor, em relação ao batismo em águas de pessoas que não têm certeza nem testemunho da conversão: “mergulha-se um pecador enxuto e sai das águas um pecador molhado”.

5. A PERSEGUIÇÃO FEZ SURGIREM EVANGELISTAS

Após a morte de Estêvão, desencadeou-se uma grande perseguição aos seguidores de Jesus. Saulo de Tarso, o fariseu zeloso e culto, resolveu exercer o papel de defensor do judaísmo, contra os que considerava adeptos da nova “seita do nazareno” (At 24.5). A maioria dos cristãos foi dispersa, restando aos apóstolos ficarem em Jerusalém, cuidando da obra do Senhor, nos seus primórdios, enfrentando o desafio de contrapor-se ao império romano e aos judeus fanáticos e cegos quanto ao evangelho (At 8.1). A perseguição inicial aos cristãos

tinha como um grande líder aquele que haveria de ser um dos maiores apóstolos de Jesus.

6. EVANGELISTAS-ESCRITORES

Não seria justo esquecer a contribuição dos quatro evangelistas, que tiveram a incumbência de registrar os fatos marcantes do ministério de Jesus. Mateus, Marcos, Lucas e João foram homens dotados de capacidade para relatar os eventos que demonstraram que Jesus Cristo era ao mesmo tempo “O Rei dos Reis”, o “Servo de Deus”, “O Filho do Homem” e “O Filho de Deus”. Lucas, “o médico amado” foi o único que não fez parte do ciclo de discípulos mais próximos do Mestre. Mas, na condição intelectual mais acurada, e por sua profissão, anotou detalhes e minúcias que os outros evangelistas não perceberam ou não valorizaram. João, o evangelista, ex-pescador da Galileia, além de escrever o evangelho que tem o seu nome, escreveu três epístolas e o livro profético do Apocalipse. Deus usa seus servos como quer, conforme os propósitos de sua soberana vontade.

CONCLUSÃO

O dom ministerial de evangelista é concedido a algumas pessoas, conforme o propósito do Espírito Santo para a edificação e o fortalecimento das igrejas locais. Mas o envio dos setenta discípulos, de dois em dois, indica que Deus quer ampliar os quadros dos mensageiros da propagação do evangelho de Cristo. Em sua despedida, Jesus mandou que seus seguidores pregassem o evangelho, por todo o mundo, a toda a criatura. E assegurou que seriam concedidos sinais que haveriam de seguir “aos que crerem”, indicando que todos os crentes, que se dispuserem a testemunhar de Cristo, receberão poder sobrenatural para cumprir a tarefa de evangelizar.

Capítulo 9

O PASTOR

*“Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas”
(Jo 10.11).*

De todos os dons ministeriais, certamente o dom de pastor é o mais difícil de ser exercitado. Ao mesmo tempo, é o mais desejado por aqueles que almejam exercer o ministério, na Igreja do Senhor Jesus. Em todos os tempos, a função pastoral foi complexa e alvo das forças contrárias ao rebanho espiritual, constituído dos salvos por Cristo. Sem dúvida alguma, nos dias presentes, em pleno século XXI, ser pastor não é missão fácil, não obstante os recursos existentes, em termos humanos, técnicos e financeiros.

Os primeiros pastores, no Novo Testamento, em geral, pagaram com a vida pelo fato de representarem a Igreja de Jesus. As forças infernais, usando os sistemas religiosos, políticos, econômicos e sociais, investiram pesadamente contra os que foram levantados como líderes, nos primórdios da Igreja. Tiago, “irmão de João”, foi morto por Herodes, para satisfazer a sede de sangue dos judeus fanáticos, que não entenderam a missão de Cristo e de seus seguidores. Pedro foi preso com o mesmo destino, para ser morto, num espetáculo macabro, que agradaria aos inimigos do evangelho de Cristo. Mas foi poderosamente liberto do cárcere, por intervenção direta de Deus, que enviou seu anjo para salvá-lo da morte programada e continuar sua missão (At 12.11).

Eles eram pastores, apóstolos, evangelistas e líderes da Igreja, em seus primeiros dias, após a Ascensão de Jesus. Pedro e João foram presos por terem sido instrumentos de Deus para a cura de um coxo de nascença, posto à porta do templo. E foram libertos para proclamarem o evangelho de Jesus (At 3.1-6; 4.1-21). De modo geral, segundo a tradição e a história da Igreja, somente João Evangelista teve morte natural, alcançando extrema velhice, após passar por sofrimentos atroz. Os demais apóstolos de Jesus tiveram morte trágica, nas mãos dos sanguinários inimigos da fé.

Nos primeiros séculos, a perseguição aos servos de Deus foi cruel. “As perseguições só cessaram, quando Constantino (272-337 d.C.), imperador de Roma, tornou-se cristão. Seguiu-se uma era de crescimento numérico do Cristianismo, embora, nem sempre, acompanhado de autenticidade e genuíno testemunho cristão. A mistura entre a Igreja e o Estado trouxe enormes prejuízos à ortodoxia neotestamentária”.¹

Os regimes ditatoriais do nazismo, do fascismo e do comunismo, sempre procuraram destruir os pastores das igrejas cristãs. Cientes de que, mortos os líderes, os fiéis sempre se dispersariam e abandonariam sua fé. Mas cometeram grave engano. Quanto mais os cristãos foram mortos, mais seu sangue serviu para regar a sementeira do evangelho. Jesus disse que “as portas do inferno” não prevaleceriam contra a sua Igreja (Mt 16.18). Pastores foram presos, torturados e mortos. Mas a Igreja de Jesus segue sua marcha triunfal, em direção ao seu destino, que é chegar aos céus, na vinda de Jesus, e reinar com Ele sobre as tribos de Israel (Mt 19.28) e sobre as nações (Ap 20.6).

Nos dias atuais, ser pastor não é absolutamente tarefa fácil, para quem deseja exercer o ministério com fidelidade e sacrifício. As oposições externas e internas, muitas vezes, perturbam as atividades do pastor. Dessa forma, o dom ministerial de pastor precisa muito da graça e da unção de Deus para que seus detentores não fracassem espiritual, emocional ou fisicamente. Necessitam muito das orações, da compreensão, do apoio e do amor dos crentes em Jesus. Vamos refletir sobre a função pastoral, com base no que a Palavra de Deus nos revela sobre essa importante missão.

¹ LIMA, Elinaldo Renovato de. **Perigos da pós-modernidade**, p. 121.

I – O SUMO PASTOR

1. JESUS É O PASTOR SUPREMO

O Pastor dos pastores. O escritor aos Hebreus denomina Jesus Cristo de “o grande Pastor das ovelhas” (Hb 13.20). Só ele merece a qualificação de “grande”. No seu nascimento, marcado pela humildade e despojamento de sua glória, Jesus foi chamado de “grande”, na mensagem do anjo a Maria (Lc 1.32). Nenhum pastor, nas igrejas locais, deve aceitar o título de “grande”, pois só Jesus o merece. Ele é grande em todos os aspectos que se possam considerar em relação à sua pessoa. Podemos refletir sobre o porquê Ele é chamado “grande”.

Primeiramente, porque Ele é Deus! Todos os fundadores de religiões pereceram e seus restos mortais jazem sob a tumba fria. Em seus túmulos consta a inscrição “aqui jaz” fulano ou sicrano. No túmulo de Jesus, há uma inscrição diferente e gloriosa: “Ele não está aqui porque ressuscitou” (Mt 28.6; Mc 16.6). Se Jesus houvesse sido um homem comum, mortal, jazeria no túmulo como Buda, Maomé, Alan Kardec e outros fundadores de religiões ou de seitas. Mas Jesus é Deus. Como tal, venceu todos os poderes cósmicos, espirituais, humanos e físicos. E, por fim, vitorioso, venceu a morte!

2. ELE É A PORTA DAS OVELHAS

Em segundo lugar, Jesus é o grande pastor das ovelhas, porque ele é “a porta das ovelhas” (Jo 10.7). Em termos espirituais, as ovelhas ou os salvos em Cristo só podem chegar ao céu, na presença de Deus, através de Cristo, de seus ensinamentos, de seu exemplo marcante, que deixou para todos os pastores e crentes de todas as idades. Ele disse que era “o Bom Pastor”, que dá a vida por suas ovelhas e as conhece pelo nome (Jo 10.11, 14).

Para entrar no seu redil, o pecador tem que arrepender-se, crer em sua Palavra, e segui-lo (Jo 10.9). Não pode entrar, saltando os muros. O Adversário é “ladrão e salteador”, porque não entra pela porta das ovelhas. Ele, e somente Ele, dá acesso ao homem à presença de Deus. Jesus é ao mesmo tempo, “a porta”, “o caminho e a verdade e a vida”. E declarou: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

3. JESUS CONHECE SUAS OVELHAS

Ele disse: “Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido” (Jo 10.14). Jesus cuida de seus servos, como um bom pastor cuida de suas ovelhas. Ele não vê apenas o “rebanho”, ou a Igreja, que é predestinada, coletivamente, para a salvação (1 Jo 1.5,11). Ele vê cada um dos seus servos, sabe o nome de cada um, ainda que sejam milhões e milhões, em todo o mundo, ao longo da História. Ele sabe o que cada um pensa ou diz (Sl 139.1-4).

As ovelhas de Jesus o conhecem. No relacionamento espiritual entre os crentes e o Senhor Jesus, através da comunhão constante, o servo de Deus não se engana com a voz do seu Pastor.

4. O PASTOR QUE DEU A VIDA PELAS OVELHAS

Na vida pastoril, nos campos, os pastores cuidam das ovelhas para obterem delas o sustento para suas vidas. Eles não morrem pelas ovelhas. Mas Jesus, o Sumo Pastor, deu a sua vida pelos que nEle creem (Jo 10.1, 15). Na sua morte, aparentemente, o seu rebanho estaria destinado a ficar sem pastor. Mas, contrariando a lógica humana, Ele ressuscitou ao terceiro dia, vitorioso sobre a morte, sobre o inferno, sobre o Diabo e sobre todos os poderes do universo. Ele proclamou aos discípulos a sua onipotência: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18).

5. O PASTOR QUE CUIDA DAS OVELHAS

O salmista Davi escreveu certamente o mais belo texto sobre a figura de Deus como nosso Pastor, o “*Jeová Raá*”, que, ao mesmo tempo, é o “*Jeová-Jiré*”, o Senhor que provê todas as coisas necessárias a seu povo. Ele se referia ao Deus Pai. E falava da ovelha que confia no seu Pastor. Porém todas as características do pastor do Salmo 23 aplicam-se a Jesus Cristo, “o bom Pastor” (Jo 10.11,14).

1) Não nos deixa faltar nada. No seu cuidado, Jesus não nos deixa faltar nada que seja essencial ou indispensável à nossa vida. O crente fiel sabe contentar-se com o que Deus lhe concede por sua infinita bondade (Fp 4.11-13). O que lhe falta, o Senhor lhe dá graciosamente, por sua bondade e por seu amor.

2) *Os “verdes pastos” (Sl 23. 2).* São a figura do alimento espiritual que Jesus propicia à sua Igreja, através da ministração sadia da sua palavra. Os pastores verdadeiros alimentam a Igreja com a sã doutrina. As “águas tranquilas” falam da paz interior, que o Senhor concede aos que nele confiam. É a paz que Ele deixou para seus servos (Sl 23.2b; Jo 14.27); é a paz “que excede todo o entendimento” (Fp 4.7).

3) *O refrigerio da alma.* Lembra o conforto que a presença de Deus nos concede, através do Espírito Santo, nosso “Consolador” (Sl 23.3; Jo 14.16, 17). Nas horas mais difíceis, quando não há solução humana, o Bom Pastor nos conforta com sua graça e seu poder.

4) *As “veredas da justiça”.* São o caminhar reto e fiel do crente salvo em Jesus (Sl 23.3b; Rm 5.19; 1 Pe 3.12). Quando o crente anda, seguindo o pastor Fiel, não comete injustiças.

5) *A segurança da ovelha.* Mesmo passando pelo “vale da sombra da morte” (Sl 23.4), a presença do pastor dá segurança: “porque tu estás comigo” (Sl 23.4b). Jesus assegurou que estaria com seus servos, ainda que sejam “dois ou três” (Mt 18.20).

6) *A mesa perante os inimigos.* A mesa preparada para a ovelha, perante os inimigos e a unção com óleo (Sl 23.5), nos remetem à unção do Espírito Santo na vida do crente fiel (1 Jo 2.20, 27; Ef 5.18), concedendo-nos vitória sobre os inimigos que se levantam contra a nossa fé.

7) *Bondade e misericórdia todos os dias.* O Pastor do Salmo 23 concede “bondade e misericórdia” para que o crente fiel habite na casa do Senhor “todos os dias” da sua vida (Sl 23.6). Cristo nos faz ser “templo do Espírito Santo” (1 Co 6.19,20). Por todos esses paralelos de Cristo em relação a nós e o descrito no Salmo 23, podemos concluir que Jesus é o nosso Pastor por excelência.

II – AS CARACTERÍSTICAS DO VERDADEIRO PASTOR

Neste tópico, enfatizamos as características do verdadeiro pastor, no sentido humano, daquele que tem o chamado de Deus para ser um guia de parte do rebanho do Sumo Pastor. É o que tem o dom ministerial de pastor. Não é qualquer pessoa que tem condições de receber esse dom, ainda que seja o mais procurado pelos aspirantes ao ministério eclesial. Paulo ensina que é Deus quem dá pastores às igrejas (Ef 4.1): “Os pastores são aqueles que dirigem a congregação local e cuidam das suas necessidades espirituais. Também são chamados “presbíteros” (At 20.17; Tt 1.5) e “bispos” ou supervisores (1Tm 3.1; Tt 1.7)”.²

O pastor de uma igreja deve espelhar-se nas características do “Sumo Pastor” (1 Pe 5.4). E deve possuir qualificações que o credenciem para tão importante missão. *O pastor verdadeiro é dado por Deus à igreja.* Ele não dá a igreja ao pastor (Ef 4.11); a igreja, mesmo no sentido local, não pertence ao pastor. O pastor deve ser um servo da igreja local, e não seu mandatário ou proprietário. A seguir, algumas dessas qualificações, conforme 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.7, relativas ao bispo, que é sinônimo de pastor:

1) Irrepreensibilidade moral. Refere-se a uma vida de integridade, de que não tenha de que se envergonhar ou causar escândalo.

2) Vida conjugal ajustada (“marido de uma mulher”). Note-se que é prioridade o cuidado com a vida conjugal; no Novo Testamento, não é prevista a tolerância com a bigamia ou a poligamia; a regra é a monogamia, como plano original de Deus para o matrimônio; e o pastor como esposo deve ser exemplo para os demais esposos, na igreja, amando sua esposa e cuidando dela (Ef 5.25).

3) Vigilante. O pastor é o guarda do rebanho. Deve estar atento ao que se passa ao seu redor; vigiando, primeiro, a sua vida pessoal e ministerial (1 Tm 4.16). Depois, vigiando o rebanho para alertar e livrar

² CPAD. *Bíblia de estudo pentecostal*. Estudo sobre os Dons Ministeriais.

dos “lobos devoradores”; Ser vigilante significa ser “*atento, cauteloso, cuidadoso, precavido*” quanto aos perigos que o rodeiam. Para assumir a função de liderança, na igreja local, o obreiro deve ser muito cuidadoso quanto à sua vida espiritual, moral, social, familiar e em todos os aspectos. Isso porque o Diabo “anda rugindo como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.7). O presbítero, bispo ou pastor deve obedecer o que Jesus disse: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). Ele precisa ser “exemplo dos fiéis” (1 Tm 4.12; 1 Pe 5.3).

4) *Sóbrio (simples, moderado).* O pastor ou bispo deve zelar pela simplicidade, no ministério; o luxo, a ostentação material, a exibição de riqueza não convém a um homem de Deus; Jesus disse: “sede simples como as pombas” (Mt 10.16).

5) *Honesto.* Tem o significado de ser “honrado, digno, correto, íntegro; decoroso, decente, puro, virtuoso”. Todas essas qualificações podem resumir-se numa expressão: ser “santo em toda a maneira de ver” (1 Pe 1.15). O homem de Deus não é perfeito em si mesmo, por mais que se esforce para ser santo. Mas, cuidando de sua vida pessoal, ministerial e como cidadão, pode ser muito bem visto pelos crentes como uma pessoa honesta. O seu falar deve ser “sim, sim; não, não” (Mt 5.37). Honestidade é sinônimo de integridade. O pastor ou bispo deve ser uma pessoa assim, fiel, sincera, verdadeira. Deve ser alguém que vive o que prega ou ensina (Tg 2.12).

6) *Hospitaleiro.* Esta palavra vem de hospital, na sua origem. Não havia casas de saúde como hoje. Uma hospedaria era um hospital, um lugar onde os viandantes podiam pousar, e também os enfermos, uma hospedaria ou estalagem (Lc 10. 34,45). Mas o pastor não tem obrigação de transformar sua casa em hospedaria. No sentido do texto, hospitaleiro é sinônimo de acolhedor, que sabe tratar bem as pessoas, sem fazer acepção de ninguém; é pecado (Dt 16.19; Ml 2.9; 1 Tm 2.11; Tg 2.9).

7) *Apto a ensinar.* Como o pastor é o que alimenta ou apascenta o rebanho, o pastor deve saber fazer uso da Palavra de Deus, ministrando

mensagens, estudos e reflexões que edifiquem o rebanho sob seus cuidados. Se não tiver essa aptidão, deve estar no lugar errado (2 Tm 2.15).

8) “Não dado ao vinho”. Nos tempos de Paulo, o vinho era já uma bebida alcoólica que podia causar dependência química ou psicológica. Seria uma tristeza um pastor ficar embriagado pelo uso constante do vinho. Se fosse escrito hoje, o texto talvez dissesse: “não dado à cerveja, à champanhe, ao licor ou a outra bebida alcoólica”. O pastor ou bispo deve dar exemplo de abstinência desse tipo de bebida para o seu bem, de sua família e do rebanho sob seus cuidados.

9) Ordeiro (“não espancador”). Por que Paulo fez referência a esse tipo de comportamento? Sem dúvida, porque observou que algum obreiro tinha o costume de “espancar” as pessoas a seu redor. Sempre houve pastores grosseiros, prepotentes, alguns que cometeram “assédio moral” contra pessoas a seu redor. Isso é reprovável sob todos os aspectos. O pastor deve ser ordeiro, humilde, de bom trato para com todos. não cobiçoso nem ganancioso. Ordeiro quer dizer que mantém a ordem, na casa de Deus.

10) Moderado. É sinônimo de suave, brando, comedido, prudente, contido. É qualidade sem a qual o pastor pode sofrer sérios revezes em sua vida, no relacionamento com outras pessoas, em seus hábitos, costumes, etc. Ele não pode ser um desequilibrado mental, sem controle de suas emoções. Para ser moderado, precisa ter o fruto da temperança e da longanimidade (cf. Gl 5.22).

11) Não contencioso. O pastor ou bispo não deve viver em contenda, nem com a família, nem com os crentes, nem com os de fora. Contenda é o mesmo que porfia, dissensão, peleja, que são “obras da carne” (Gl 5.21). Diz um ditado: a melhor maneira de ganhar uma contenda é evitá-la. Com oração e vigilância é possível viver em paz.

12) Não avarento. Quer dizer que o pastor ou bispo não deve ser sovinho, mesquinho, e não deve ter amor ao dinheiro (avareza), que é “a raiz de toda espécie de males” (1 Tm 6.10). O pastor não deve viver em função de

dinheiro ou de bens materiais. Sua missão é elevadíssima, e deve focar-se no amor às almas ganhas para Cristo, que ficarão aos seus cuidados ministeriais.

13) Que governe bem a sua casa. Esta é uma qualificação de grande importância, pois as pessoas ouvem as mensagens dos pastores, mas olham para ele e como se relaciona com a família, notadamente com os filhos. Ele é o cabeça (líder) da esposa e do lar (Ef 5.22). Ao lado da esposa, que também governa a casa (1 Tm 5.14), deve criar seus filhos “com sujeição” (1 Tm 3.4). Porque, diz Paulo: “se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus? (1 Tm 3.5).

14) Experiente (“não neófito”). Nem todo presbítero (*ancião*) é pastor. Mas todo pastor deve ser presbítero. Pedro, um dos *pastores líderes* da Igreja Primitiva, exortou aos colegas de ministério, sobre como liderar a igreja local, dizendo: “Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, *que sou também presbítero com eles*, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar...” (1 Pe 5.1). Aqui, temos base para dizer que presbítero é termo equivalente a pastor ou bispo. Assim, o pastor não deve ser um obreiro muito novo (*neófito*), pois, a missão de pastor exige capacidade para aconselhar em situações que só a experiência mostra as lições a serem indicadas.

15) De bom testemunho perante os descrentes (“bom testemunho dos que estão de fora”). O pastor deve ser um proclamador do evangelho transformador de Cristo. Seu testemunho deve ser uma pregação viva de que Jesus converte e transforma o pecador. Esse testemunho deve ser demonstrado, primeiramente, em sua vida pessoal; depois, em sua casa, na igreja e, por fim, perante todas as pessoas que o conhecerem.

III – O MINISTÉRIO PASTORAL

1. O SIGNIFICADO DE PASTOR

A palavra pastor vem do latim, *pastor*, com o significado de “aquele que guarda as ovelhas”, “o que cuida das ovelhas”. Na língua

original do Novo Testamento, pastor (gr. *poimen*), de acordo com Vine, é "... aquele que cuida de rebanhos (não meramente aquele que os alimenta), é usado metaforicamente acerca dos 'pastores' cristãos (Ef 4.11)".³ Em termos ministeriais, o pastor é aquele que tem esse dom ministerial, e é encarregado de cuidar da vida espiritual dos que aceitam a Cristo e ficam sob seus cuidados, numa igreja ou congregação local. Pastor é um termo de cuidado, de zelo, de ternura, para com as ovelhas de Jesus.

2. A MISSÃO DO PASTOR

A principal missão do pastor é cuidar das ovelhas de Cristo, que lhe são confiadas. A ele cabe apascentar (gr. *poimanō*) as ovelhas, dando-lhes o alimento espiritual, através do ensino fundamentado (doutrina) da Palavra de Deus. No Salmo 23, Davi mostra o cuidado do pastor. Ele leva as ovelhas a deitar-se "em verdes pastos". O pastor fiel leva as ovelhas de Jesus a alimentar-se do "pasto verde", que nutre a alma e o espírito, fortalecendo-as, para que cresçam na graça e conhecimento do Senhor Jesus Cristo (2 Pe 3.18).

Sua missão é múltipla ou polivalente. Um pastor de verdade tem que agir como ensinador, conselheiro, pregador, evangelizador, missionário, profeta, juiz de causas complexas, fazer as vezes de psicólogo, conciliador, administrador eclesiástico dos bens espirituais e de recursos humanos sob seus cuidados, na igreja local; é administrador de bens materiais ou patrimoniais; gestor de finanças e recursos monetários, da igreja local, além de outras tarefas como pai, esposo, e dono de casa, como pastor de sua família.

A atividade pastoral genuína é tão importante, que o profeta Isaías, falando ao povo de Israel, acerca do livramento que lhe seria dado, usa a figura do pastor, aplicando-a ao próprio Deus (Is 40.11). O verdadeiro pastor cuida bem das ovelhas: recolhe os cordeirinhos (os mais fracos, mais novos) entre os braços; leva-os no regaço; aos *novos convertidos*, os "amamenta", como a "bebês espirituais" e os guia mansamente.

3. O PASTOR — UM CONTRADITADO

Muitos obreiros, principalmente os mais jovens, aspiram ao pastorado. Não é errado ter essa aspiração. Paulo escreveu ao jovem obreiro Timóteo:

³ VINE, W. E. *et al.* **Dicionário Vine**, p. 404.

“Esta é uma palavra fiel: Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja” (1 Tm 3.1). Mas os candidatos ao episcopado (pastorado) devem ter consciência de que um pastor é alvo de grandes contradições e oposições, a despeito de sua honrosa missão. A lista de contradições sobre o que as pessoas pensam do pastor, é ampla e variada. Alguém já escreveu diversas listas sobre isso. A seguir, resumimos uma delas:

Se o pastor é ativo, é ambicioso; se é calmo, é preguiçoso; se o pastor é exigente, é intolerante; se não exige, é displicente; se fica com os jovens, é imaturo; se fica com os adultos, é antiquado; se procura atualizar-se, é mundano; se não se atualiza, é de mente fechada, retrógrado, ultrapassado; se prega muito, é prolixo, cansativo; se prega pouco, é que não tem mensagem; se veste-se bem, é vaidoso; se veste-se mal, é relaxado; se o pastor sorri, é irreverente; se não sorri, é cara dura. O que o pastor fizer, alguém pensa que faria melhor. Pode parecer algo hilário ou grotesco, mas reflete um pouco a visão que muitas pessoas têm do pastor de uma igreja local. Aliás, alguém já escreveu, dizendo que “pastor é uma espécie em extinção”.

Mas tais contradições não devem ser motivo para desânimo ou desinteresse pelo ministério pastoral. O Sumo Pastor, Jesus Cristo, foi alvo de piores referências a seu respeito, mesmo demonstrando que era um ser especial, humano e divino, que só fazia o bem. Seus opositores o acusaram de ser “comilão e bebedor” (Mt 11.19); de ter demônio (Jo 8. 52); de ser endemoninhado e expulsar demônio pelo príncipe dos demônios (Mc 3.22); e de tramar contra o governo da época, justificando sua condenação (Lc 23.2; Jo 19.12). Mas Jesus não desistiu. Foi até ao fim, entregando sua vida em lugar dos pecadores. E cumpriu a sua missão (Jo 19.30).

4. CUIDADOS COM OS FALSOS PASTORES

Lamentavelmente, existem falsos pastores. Deus mandou o profeta Ezequiel repreender os pastores infiéis de Israel. Em suas qualificações negativas, podemos entender o que faz um falso pastor, nos dias atuais.

1) *Eles não cuidam do rebanho.* Mas aproveitam-se do pastorado para “apascentarem a si mesmos” (Ez 34.2 c). São oportunistas. Aproveitam-se das ovelhas para angariarem glórias para si.

2) *Eles enriquecem às custas das ovelhas.* Diz o texto: “Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas” (Êx 34.3). Há casos de pastores que se tornam milionários, com fazendas, aviões, e muito dinheiro, aproveitando-se das necessidades e carências dos crentes.

3) *Eles não têm amor às ovelhas.* Pouco lhes importa a situação espiritual dos crentes. Só pensam em se aproveitar do pastorado (Êx 34.4). Nas igrejas dos falsos pastores, não há ensino, doutrina e cuidado com os novos convertidos; nem com os desviados e os crentes fracos.

4) *Eles dispersam as ovelhas.* Por não terem cuidado das fracas, das doentes, das quebradas e das desgarradas, elas se dispersam e são vítimas das “feras do campo”, que são inimigos do rebanho. “Assim, se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo, porquanto se espalharam. As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo o alto outeiro; sim, as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a face da terra, sem haver quem as procure, nem quem as busque” (Ez 34.5,6).

5) *Deus é contra tais pastores.* Em Ezequiel 34.8-10, diante de tão grande calamidade espiritual, perpetrada por falsos pastores, O Senhor mandou dizer pelo profeta que Ele próprio cuidaria de suas ovelhas (Ez 43.11, 12). Que Deus nos guarde desses pastores, reprovados pelo Sumo Pastor.

5. O GALARDÃO DO PASTOR

Jesus ensinou que quem dá ao menos “um copo de água fria” a um dos seus discípulos não ficará sem seu galardão (Mt 10.42). O pastor de uma igreja local cuida dos discípulos de Jesus, dando-lhe não só um copo de água fria, mas, muito mais, alimentando-os com a Palavra de Deus (Hb 13.13); guiando-os pelo caminho da justiça; velando por suas almas (Hb 13.17). O apóstolo Pedro, ensinando aos presbíteros, como pastor (e presbítero), lhes assegurou que teriam o seu galardão, quando Jesus voltar para buscar a sua Igreja: “E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis *a incorruptível coroa de glória*” (1 Pe 5.4).

É certamente um galardão diferenciado do que os crentes em geral irão receber. A “coroa da vida” será dada a todos os que forem fiéis (Ap 2.10); mas a “incorrupível coroa de glória” está reservada aos pastores que cuidam das ovelhas de Jesus.

CONCLUSÃO

O dom ministerial de pastor só é concedido àqueles a quem Deus escolhe para liderarem parte do seu grande rebanho, que é a Igreja de Jesus. Em todos os lugares, estão espalhadas igrejas locais e congregações, que reúnem os crentes, que aceitam a Cristo. Ali, estão sob os cuidados de pastores ou líderes, que lhes alimentam espiritualmente com a Palavra de Deus, ensinando-lhes a servir a Deus, crescendo na graça e no conhecimento do Senhor Jesus (2 Pe 3.18). É gloriosa a missão do pastor, e muito espinhosa. Na igreja, ele é o mais visado pelos adversários. Mas, com a graça de Deus e o apoio dos crentes, pode cumprir sua missão, da qual um dia prestará contas ao Supremo Pastor.

Capítulo 10

O DOUTOR OU MESTRE

“E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (1 Co 12.28).

Entre os dons ministeriais, concedidos por Deus para edificação e “aperfeiçoamento dos santos”, nas igrejas locais, está o de “doutor” ou “mestre”. Não é um dom muito reconhecido em geral, nas comunidades cristãs, por falta de entendimento acerca do seu valor, ou até por preconceito contra esses termos. As pessoas não têm qualquer receio de tratar um obreiro como “pastor”, “evangelista”, “bispo” ou até “apóstolo”, nos dias presentes. Mas não é comum um obreiro, que tem o dom de mestre ser chamado de “mestre” ou “doutor”. Isso se deve à visão que se tem do que é ser dotado de capacidade para o exercício desse dom ministerial, tão importante quanto os demais dons de Deus. Ou pelo “ar de superioridade” que alguns demonstram no exercício desse dom.

Em parte, também, percebe-se que, em muitos casos, os mestres ou doutores não têm a devida humildade no exercício do dom que Deus lhes concedeu. Alguns, ressaltamos, portam-se com diletantismo ou soberba, pelo fato de serem intelectualmente mais galardoados do que outros. Há até os que cobram “cachê” para ensinar, seguindo o exemplo de cantores ou pregadores, que só servem por dinheiro, e mercantilizam os dons e talentos que são concedidos por Deus. Não se deve generalizar

em caso algum o comportamento dos obreiros. Há os mestres ou doutores que, a despeito de seu elevado grau de conhecimento bíblico, teológico e secular, são humildes e sinceros, colocando-se como servos a serviço das igrejas.

Os bons mestres ou ensinadores são muito úteis às igrejas locais. Muitas vezes, os pastores, assoberbados com as atividades administrativas, construindo templos, cuidando do patrimônio, em viagens pastorais, e tantas atividades, próprias dos que realmente trabalham em prol da obra do Senhor, não têm tempo de preparar estudos e mensagens substanciais, para alimentar a igreja local. E recorrem aos mestres ou ensinadores, para que lhes ajudem nessa imensa tarefa de edificar o rebanho. Quando o pastor também é mestre pode suprir a igreja com o ensino da Palavra. Mas nem todo pastor tem esse dom. Assim como nem todo mestre tem o dom de pastor.

A atividade primordial do mestre, doutor ou ensinador é cuidar do ensino fundamentado da Palavra de Deus. É tão importante que a Bíblia requer que haja dedicação ao exercício desse dom. “...se é ministério, seja em ministrar; *se é ensinar, haja dedicação ao ensino*” (Rm 12.7 — grifo nosso). Talvez seja uma das grandes falhas em muitos ministérios, nas igrejas, a falta de dedicação ao ensino. Há pessoas que querem ensinar sem o mínimo preparo para essa atividade. Nos tempos pós-modernos, mais do que nunca, existe a necessidade de bons ensinadores. Há questionamentos e problemas que não havia há alguns anos. E muitos pastores não estão preparados para dar respostas adequadas ao rebanho.

O avanço das ciências, das tecnologias, as questões da bioética, as mudanças rápidas no comportamento social provocam questões que exigem, não só o conhecimento bíblico e teológico, mas também secular.

O mestre, doutor ou ensinador precisa ter o cuidado de não se considerar superior ao pastor ou dirigente de uma congregação, pelo fato de ter mais conhecimento que a média dos obreiros. Humildade, modéstia, sabedoria e equilíbrio são qualidades indispensáveis aos que são dotados por Deus de mais capacidade para se dedicarem ao ensino. Mais cuidado ainda, deve ter o mestre, pois deles será requerido mais, como diz Tiago: “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo” (Tg 3.1).

I – JESUS, O MESTRE POR EXCELÊNCIA

1. O SIGNIFICADO DE MESTRE

A palavra Mestre, nas escrituras, tem o sentido de designar “uma pessoa que é superior às outras, em poder, autoridade, conhecimento ou em algum outro aspecto”.¹ No hebraico, a palavra *'adon* que dizer “soberano” ou “senhor”. A palavra “*rab*” designa um “professor comum”. Com relação a Jesus, foi usada a palavra “*rabi*” (cf. Jo 4.31), indicando que ele era um mestre superior. As pessoas chamavam de “meu mestre”, “meu Senhor”, a quem tinha esse título. Jesus recebeu esse tratamento diversas vezes (Jo 1.38,49; 3.2,26). Quando Jesus ressuscitou, Maria usou a palavra “*Raboni*”, quando o reconheceu. “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre!)” (Jo 20.16). Em seus ensinamentos, “O Senhor Jesus proibiu o uso deste termo entre os discípulos por causa do orgulho e da exaltação pessoal com que era utilizado entre os fariseus (Mt 23. 7,8).”²

2. O MESTRE DA GALILEIA

Jesus era o Mestre perfeito. Além de Pastor, pregador, missionário e evangelista, exercia com excelência a missão de ensinar. Evangelizava e discipulava de maneira eficaz. Era o Mestre perfeito; o Doutor incomparável (Mt 4.23-25).

Seus ensinamentos, seus sermões ou discursos e suas aulas eram eloquentes e profundamente convincentes aos que o ouviam. Ele não ensinava teorias abstratas ou acadêmicas que impressionassem pela retórica. Seu ensino era bem recebido pelas multidões, porque Ele vivia o que ensinava e ensinava o que vivia.

O Mestre dos mestres fazia diferença em seus ensinamentos perante as multidões. O povo estava descrente das mensagens dos escribas e fariseus, que proferiam discursos eloquentes e legalistas, mas vazios de autenticidade e poder. Não foi por acaso, que as multidões que seguiam Jesus aumentavam a cada dia. A diferença dos ensinamentos de Jesus e os dos fariseus, era que Jesus falava com autoridade (Mt 7.28,29). Ele era incomparável, como Rabi da Galileia (Jo 3.2).

¹ PFEIFFER, Charles F. *et al.* **Dicionário Wicliffe**, p. 1261.

² *Ibid.*, p. 1642.

O Mestre dos Mestres deixou-nos grandes exemplos de sua pedagogia.

- 1) Conhecía a matéria que ensinava (Lc 24.27);
- 2) Conhecía seus alunos (Mt 13; Lc 15.8-10; Jo 21);
- 3) Reconhecía o que havia de bom em seus alunos (Jo 1.47);
- 4) Ensinava as verdades bíblicas de modo simples e claro (Lc 5.17-26; Jo 14.6);
- 5) Variava o método de ensino conforme a ocasião e o tipo de ouvintes (Parábolas, perguntas, discursos, preleção, leitura, demonstração, etc.).³

3. O MESTRE DIVINO

O ensino do Mestre Jesus não teve nem tem paralelo em qualquer instrução, discurso ou filosofia dos homens. São ensinamentos para serem vividos, e não apenas pregados. Não eram como os ensinamentos dos fariseus ou dos doutores de sua época (Mt 7.29). Tempos depois, seu discípulo e apóstolo, Paulo, que não conviveu com Ele, afirmou: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder” (1 Co 2.4). Uma das maiores causas do descrédito no evangelho pregado por muitas igrejas e muitos pregadores é a falta de autenticidade na vida deles. Jesus demonstrou, com sua palavra e com seus feitos que era o Mestre Divino. Ele pregava o evangelho vivo, que não consistia apenas em belos sermões, mas em vidas transformadas.

II – A IMPORTÂNCIA DO DOM MINISTERIAL DE MESTRE

1. O DISCIPULADO PERMANENTE

O ensino da Palavra de Deus, na igreja local, é indispensável e de fundamental importância. Depois da evangelização, vem o discipulado

³ GILBERTO, Antônio. **Manual da escola bíblica dominical**, p. 165,166.

dos novos convertidos. Mas o discipulado não deve ser visto como apenas algumas lições da Escola Dominical. O discipulado cristão é para toda a vida. Ninguém deixa de ser discípulo pela idade ou “por tempo de serviço”. O pastor ou bispo deveria ser também mestre e ter sempre a capacidade para ensinar. Diz Paulo: “Convém que o bispo seja *apto a ensinar*” (1 Tm 3.2 — grifo nosso). Em Efésios 4.11, o dom ministerial de “pastores” vem bem junto ao de “doutores”. Mas nem sempre esses dois dons são encontrados em todos os pastores. Por isso Deus resolveu designar algumas pessoas com a missão de dedicar-se ao ensino (cf. Rm 12.7). “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores...” (1 Co 12.28).

A missão dos mestres ou doutores, nas igrejas, é de grande valor. Os pregadores, os evangelistas ou os missionários pregam a Palavra de Deus, atraindo as almas para Cristo. Os novos convertidos são como “crianças” espirituais, que precisam receber o alimento espiritual de acordo com o seu tempo de conversão; os crentes mais antigos, supostamente, devem ter mais maturidade; mas todos precisam do ensino fundamentado, que expresse a sã doutrina. Sem o ensino, os crentes ficam sem o conhecimento indispensável ao seu crescimento na graça e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 2 Pe 3.18).

2. O PAPEL DOS MESTRES

A necessidade do ensino da Palavra de Deus requer pessoas preparadas para ministrá-la com sabedoria, graça e unção da parte de Deus. Diante disso, vem o papel dos mestres e doutores. São pessoas que se dedicam ao ensino (cf. Rm 12.7). Eles não se consideram superiores aos demais obreiros, pelo fato de terem recebido o dom de ensinar. Mas, pela dedicação constante ao estudo e à pesquisa bíblica, reúnem informações e subsídios, extraídos das Escrituras, para compartilhar com toda a igreja.

Quando o pastor da igreja local reúne em si a condição de pastorear e ensinar, a igreja é bem servida com o ensino bem fundamentado que atende às necessidades espirituais dos crentes. Mas, como foi dito antes, nem todo pastor é mestre. Mas todos são apascentadores, que zelam, cuidam, vigiam e protegem o rebanho de Cristo aos seus cuidados.

Os mestres, doutores ou ensinadores, que recebem o dom de ensinar, podem (e devem) cooperar com a liderança da igreja na ministração de

estudos valiosos e profundos para a edificação dos crentes. Diz o pastor Elienai Cabral: “Igrejas sem mestre são igrejas fracas espiritualmente. Por isso, deve-se reconhecer a importância e a necessidade do ministério do ensino. É através do ensino sadio e racional, inspirado pelo Espírito Santo, que a igreja se justifica contra as falsas doutrinas e que se fortifica contra os ataques espirituais de Satanás”.⁴

3. REQUISITOS PARA SER UM BOM MESTRE

Um bom ensinador, mestre ou doutor é pessoa que, usada por Deus, na unção do Espírito Santo, pode muito contribuir para a edificação espiritual e moral dos crentes. O Eclesiastes resume o valor dos que ensinam com a sabedoria de Deus: “As palavras dos sábios são como agulhões e como pregos bem fixados pelos mestres das congregações, que nos foram dadas pelo único Pastor” (Ec 12.11). Para ser um bom mestre, na igreja, são necessários alguns requisitos.

1) *Apresentar-se a Deus.* “Procura apresentar-te a Deus aprovado... que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15a). Um bom mestre deve ser um obreiro aprovado por Deus, e não apenas nas faculdades de teologia ou seculares. O que ensina deve ser aprovado:

- a) No testemunho pessoal (1 Tm 4.16; 2 Tm 4.5);
- b) Na vida familiar (Sl 128.1);
- c) Na vida social (Mt 5.16);
- d) Na igreja (Ec 5.1,2).

2) “*Que não tem de que se envergonhar...*” (2 Tm 2.15b). Quem é mestre precisa ser exemplo dos fiéis (1 Tm 4.12). Deve ter uma vida íntegra, para não ser alvo de acusações por parte dos que o ouvem ou dos de fora da igreja. Se um ensinador dá escândalo compromete seu nome, sua imagem e seus ensinamentos.

3) “*Que maneja bem a palavra da verdade...*” (2 Tm 2.15c). Esse requisito é muito importante, porque o mestre ou doutor é o homem que faz uso da Palavra de Deus para ministrar o ensino à

⁴ CABRAL, Elienai. **Carta aos efésios**, p. 114.

igreja. Seu manual de ensino é a Bíblia Sagrada. Ele deve conhecer bem a Palavra para poder preparar estudos, mensagens e reflexões a serem compartilhadas, verbalmente ou por escrito, para a edificação da igreja. Devem ser “aptos para ensinar” (1 Tm 3.2; 2 Tm 2.24). Para ter esse manejo, é preciso que o mestre ou doutor tenha certos cuidados:

- a) Seja um leitor persistente e estudioso da Bíblia (1 Tm 4.13).
- b) Seja dedicado ao ensino (Rm 12.7b). Essa dedicação exige esforço e disciplina para o desenvolvimento de um ministério frutífero;
- c) Seja um leitor de bons livros de estudo bíblico (2 Tm 4.13). Os bons livros não substituem a Bíblia, mas, quando são escritos por homens de Deus, são excelentes auxílios ao preparo de estudos e mensagens;
- d) Procure conhecer versões variadas da Bíblia, principalmente as de estudo bíblico, examinando seus comentários, para evitar inserções heréticas, em suas notas;
- e) Utilize dicionários, concordâncias e enciclopédias bíblicas.
- f) Seja um leitor de revistas, jornais, e periódicos (evangélicos e seculares), que tenham subsídios para fortalecer o ensino.
- g) Tenha preparo teológico. Um curso teológico de boa qualidade não faz um excelente mestre no ensino da Palavra de Deus. Esse é feito por Deus. Contudo, o curso dá uma visão ampla do estudo sistemático da Palavra de Deus, a partir da Teologia Sistemática e suas divisões; da Hermenêutica, da Homilética, da História da Igreja, da Geografia Bíblica, Ética Pastoral, Didática, Psicologia, etc... A Bíblia diz: “Examinai tudo. Retende o bem...” (1 Ts 5. 21). Um mestre deve ter conhecimentos acima da média de seus alunos.

Tiago adverte que muitos não queiram ser mestres (doutores ou professores), visto que “receberemos mais duro juízo” (Tg 3.1). Diante disso, é importante que os mestres sejam pessoas cuidadosas no exercício de sua missão, pautando-se pelos princípios éticos e morais da Palavra de Deus, para que possam contribuir para o crescimento espiritual dos crentes, nas igrejas, auxiliando os pastores ou líderes a melhor conduzirem o rebanho do Senhor Jesus.

III – O ENSINO NA IGREJA NO PRIMEIRO SÉCULO

1. A ORDEM DE JESUS

O Mestre, antes de sua ascensão aos céus, em sua despedida dos discípulos, determinou-lhe de modo solene que deveriam *ensinar* “todas as nações”; “ensinando-as a guardar todas as coisas” que lhes tinha mandado (cf. Mt 28.19, 20). Os Atos dos Apóstolos registram a obediência dos primeiros apóstolos e discípulos, no cuidado em cumprir a determinação de Jesus. Após a descida do Espírito Santo (At 2.1-6), o discurso de Pedro foi um verdadeiro ensino de pneumatologia (At 2.14-40).

2. A DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

O ensino do evangelho de Cristo aos novos convertidos era tão sério e profundo, que os primeiros crentes eram batizados em águas, “E perseveravam na *doutrina dos apóstolos*, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos” (At 2.42, 43 — grifo nosso). A “doutrina dos apóstolos” era o conjunto de ensinamentos, ministrados por eles aos novos crentes, de forma eficaz, produzindo mudanças e transformações na vida dos que se convertiam, com sinais e maravilhas. Essa doutrina apostólica ainda está em vigor em nossos dias. Os mestres ou doutores, com humildade e amor, devem fundamentar seus estudos nos ensinamentos preciosos do evangelho de Cristo.

3. O ENSINO CONSTANTE

Os primeiros mestres ou ensinadores foram os integrantes do Colégio Apostólico. Como pioneiros na propagação do evangelho, foram perseguidos, presos e alguns mortos. Mas cumpriram a ordem de Jesus de pregar e ensinar a sua Palavra. Diz o texto bíblico: “E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo” (At 5.42). Não perdiam tempo. Não havia templos cristãos. A igreja começou nas casas. O ensino era ministrado a pequenos grupos nos lares. O apóstolo Paulo, falando aos anciãos de Éfeso, mostrou o

caráter do seu ensino como verdadeiro mestre cristão: “servindo ao Senhor com toda a humildade e com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; *como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar e ensinar publicamente e pelas casas*, testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20.19-21 — grifo nosso).

4. DOUTORES NA IGREJA

As conversões ao cristianismo se multiplicaram grandemente, após a dispersão dos discípulos provocada pela perseguição dos judeus (At 11.19-24). Dentre as cidades que mais acolheram a mensagem do evangelho, destacou-se Antioquia. Para lá, foi enviado Barnabé, mas ele percebeu que, com tantas pessoas convertidas, necessitava de mais alguém para ajudar no ensino da Palavra. Com muita sabedoria e humildade, foi até Tarso, para buscar Saulo a fim de ajudá-lo no discipulado e ensino dos novos crentes.

Antioquia tornou-se um centro de irradiação do evangelho de Cristo. Não só pela evangelização, mas pelo cuidado com o ensino, através de pessoas preparadas para a ministração da Palavra. “Na igreja que estava em Antioquia havia alguns *profetas e doutores*, a saber: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo” (At 13.1 — grifo nosso).

5. A NECESSIDADE DO ENSINO

Nos primórdios da Igreja de Cristo, o desafio da formação de novos decididos, oriundos do judaísmo e de religiões heréticas foi além das expectativas dos primeiros apóstolos, evangelistas ou líderes da comunidade cristã. De um lado, havia os judaístas ou judaizantes, que insistiam que, mesmo após a conversão, o homem precisa tornar-se judeu, obedecendo os ritos e preceitos da Lei. Paulo foi um exemplo marcante desse grupo, a ponto de perseguir a Igreja de Jesus, sendo “extremamente zeloso quanto as tradições” recebidas de seus pais (Gl 1.13,14).

Mas, depois de sua dramática conversão, no caminho de Damasco, tornou-se um mestre ou doutor nas Escrituras (2 Tm 1.11).

Havia os legalistas, que entendiam que o cumprimento dos preceitos da lei, praticando boas obras, seriam salvos. O Doutor Paulo

foi usado por Deus para doutrinar acerca do combate aos legalistas e escreveu contra as misturas doutrinárias (Gl 5.10-12).

Assim como Paulo, Pedro, Tiago, João e outros apóstolos e discípulos foram usados por Deus para ministrar o ensino correto, nos primeiros séculos da Igreja Cristã. E, hoje, Deus continua a usar homens e também mulheres, que se dedicam à tarefa de ensinar aos crentes em Jesus.

CONCLUSÃO

O dom ministerial de mestre ou doutor é de fundamental importância para a edificação dos crentes, em todas as igrejas. Ao lado dos outros dons ministeriais contribui para o fortalecimento da fé cristã, propiciando conhecimentos bíblicos e teológicos, que preparam os que são discípulos de Jesus. Ser mestre ou doutor não é sinal de superioridade diante dos que não possuem tais dons. Significa mais responsabilidade diante de Deus. Tiago exorta: “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo” (Tg 3.1).

A Igreja deixou de ser localizada apenas em Jerusalém, passando pela Judeia e Samaria, e começou a se deslocar para “os confins da terra” (At 1.8). As “igrejas de Deus” sofriam a perseguição e se espalhavam por vários lugares (1 Ts 2.14). A conversão do fariseu Saulo, no caminho de Damasco, fez dele um dos maiores evangelistas de todos os tempos. Em suas viagens missionárias, muitas igrejas foram abertas, inclusive na Europa. Em consequência, as igrejas necessitavam de líderes, que orientassem os crentes acerca do evangelho, da organização, do desenvolvimento e da maneira de viver dos novos grupos de cristãos.

Os apóstolos, como verdadeiros evangelistas e missionários, não podiam ficar radicados num só lugar. Uns tinham que se dedicar “à oração e à palavra” (At 6.4). Outros precisavam sair evangelizando, mas o crescimento da obra exigia mais pessoas para ajudá-los. Assim, com o passar dos anos, foram surgindo crentes de mais idade, que demonstravam condição para cuidar dos mais novos convertidos. A boa semente do evangelho frutificava em vários lugares, e os líderes da Igreja (pertencentes ao Colégio Apostólico) tomaram providências para que, em cada cidade, fossem estabelecidos líderes locais para cuidarem do rebanho.

Barnabé e Saulo foram encarregados de levar socorro aos irmãos da Judeia, os quais o fizeram, entregando a ajuda “aos anciãos” (At 11.30). Havia uma grande fome naquela região e os líderes, com sabedoria, não mandaram a ajuda de qualquer forma. Enviaram aos líderes da comunidade cristã. Em sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé chegaram a Icônio, foram perseguidos e saíram para Listra, Derbe, Antioquia, Pisídia e por muitas outras cidades. Eles fizeram excelente trabalho missionário, fundando muitas igrejas por onde passavam. E as multidões de crentes precisavam ser disciplinadas.

Àquela altura da expansão da Igreja, não havia ainda um ministério organizado como conhecemos hoje, com pastores, evangelistas, mestres, presbíteros e diáconos, de forma bem definida e até imprópriamente hierarquizada. Por isso, os discípulos mais antigos, e de mais idade, eram designados para cuidar de cada igreja. Eram os *anciãos*, que iam sendo escolhidos para serem *superintendentes*, *supervisores*, ou *bispos*. Exortando os irmãos de Éfeso, Paulo falou para os líderes daquela igreja: “Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos *constituiu bispos*, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue” (At 20.28 — grifo nosso).

Em sua carta a Tito, Paulo mostra que é um verdadeiro pastor e líder, chamado por Deus (1 Co 1.1; Gl 1.1), e tem cuidado das igrejas que fundou em suas viagens missionárias. E diz para seu discípulo: “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei” (Tt 1.5). De acordo com o entendimento da época, a igreja local deveria ter à frente um obreiro experiente e de mais idade. Que fosse um *ancião*. Um jovem obreiro pode ter muito conhecimento bíblico e até muita unção de Deus. Mas a experiência só se consegue com o tempo, com o passar dos anos (Jó 32.7).

Ao longo dos séculos, a atividade do presbítero caracterizou-se pelo ministério de administrar as igrejas, bem como do ensino da Palavra. Sua função não é inferior à do pastor ou do evangelista. É atividade necessária para o bom ordenamento das atividades das igrejas locais. O presbítero é obreiro que colabora com o pastor da igreja, ajudando-o no cuidado do rebanho do Senhor Jesus Cristo.

I – A ESCOLHA E TRATO COM OS PRESBÍTEROS

1. SIGNIFICADO DE PRESBÍTERO

A palavra presbítero, em sua origem significa “Forma comparativa” de *presbys* (gr.), que tem o significado de “*mais velho*, como substantivo, uma pessoa mais velha; especialmente um membro do *Sinédrio* israelita (também figurado, membro do conselho celestial) ou um “*presbítero*” cristão — ancião, mais velho, “um título de dignidade” “Anciãos de igrejas cristãs, presbíteros, encarregados da administração e governo das igrejas individuais”. Equivale a “*episkopos*, supervisor, bispo. Também *didaskolos*, professor; *poimén*, pastor”.¹

Nos primórdios da Igreja, o presbítero era “o pastor” local, fazendo parte de um grupo de obreiros, responsáveis pelo cuidado das novas igrejas que surgiam em decorrência da evangelização intensiva. O apóstolo Paulo, que também era pastor e presbítero, teve o cuidado de organizar a administração das igrejas por ele abertas em suas viagens

¹ CPAD. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave*, p. 2369. Nota 4245, Dicionário do Novo Testamento.

missionárias. Escrevendo a Tito, seu discípulo, orientou-o quanto ao estabelecimento de presbíteros, nos diversos lugares, onde havia igrejas, indicando que eles seriam de fato os responsáveis pela liderança das novas igrejas.

2. A NECESSIDADE DOS PRESBÍTEROS

O crescimento das igrejas, como fruto da evangelização e do discipulado, exige a delegação de atividades a pessoas que tenham condições de liderar o rebanho do Senhor Jesus (Tt 1.5,7). Os pastores não podem abarcar tudo para si, sob pena de não darem conta das inúmeras responsabilidades que a igreja local requer. Como a referência a presbíteros, no NT, sempre é feita no plural “presbíteros”, “bispos” ou “anciãos”, dá a entender que, em geral, o presbítero não agia isoladamente, mas como um corpo de ministros, ou de líderes, que cuidava da igreja local. “Sempre são citados no plural, isto é, não é mencionada uma só igreja onde houvesse apenas um presbítero (At 11.30; 15.2,4,6; 20.17; Tg 5.14; 1 Pe 5.1).”²

Certamente, pela inexistência de pessoas qualificadas com o dom ministerial de pastor, havia a necessidade de uma liderança, formada por um grupo de irmãos mais idosos, para cuidar da igreja local. Entende-se, assim, que os presbíteros têm um ministério de grande importância, auxiliando os pastores, designados por Deus para apascentarem e cuidarem da Igreja do Senhor sob seus cuidados.

3. A ESCOLHA E AS QUALIFICAÇÕES

A missão do presbítero é de tanta importância que o Novo Testamento dedica vários textos a respeito das qualificações que se devem exigir dos obreiros que são escolhidos para essa função ministerial. Não é um “dom de Deus”, como já vimos no estudo sobre Efésios 4.11. Mas é um ministério, no sentido a que Paulo se refere, ao dizer que “há diversidade de ministérios” (1 Co 12.5).

“O papel dos oficiais da igreja era variável e flexível na época do Novo Testamento. Até o período patrístico primitivo³, tais funções

² MENDES, José Deneval. **Esboço de teologia pastoral**, p. 76.

³ Período, “da doutrina elaborada pelos teólogos dos primeiros seis séculos desta era, conhecidos como os pais da Igreja”. **Dicionário de Teologia**, p. 202.

ainda não tinham sido padronizadas e regulamentadas”.⁴ Tendo em vista a origem do presbítero, como acentuado em item anterior, sua importância é indiscutível. E suas qualificações são das mais relevantes. Em sua escolha, segundo a Palavra de Deus, devem ser observadas algumas qualidades ou qualificações, com base no texto de Tito 1.6-9, que equipara o presbítero ao “*bispo*”:

1) “*Aquele que for irrepreensível*”. O presbítero, ou bispo, deve ser uma pessoa de caráter cristão ilibado, íntegro, exemplar. Um “obreiro que não tem de que se envergonhar” (2 Tm 2.15).

2) “*Marido de uma mulher*”. Significa que o candidato ao presbitério ou ao episcopado deve ser um homem fiel à sua esposa. O renomado comentarista Matthew Henry, em seu Comentário Bíblico sobre o Novo Testamento, diz sobre ser “marido de uma mulher” o bispo não deve ser bigamo, tendo duas ou três mulheres, “de acordo com a prática pecaminosa comum daquela época, por uma imitação perversa dos patriarcas”.⁵

3) “*Que tenha família ajustada*”. Paulo dá destaque especial à criação dos filhos do presbítero ou bispo (cf. 1 Tm 3.4,5).

4) “*Não soberbo*”. É sinônimo de “arrogante, orgulhoso, presunçoso”. Um presbítero não deve ser orgulhoso. Quando Jesus, Mestre dos mestres, e “Sumo Pastor”, lavou os pés dos discípulos, quis dar uma grande lição aos pastores, e aos presbíteros ou bispos. É bom lembrar que cargo ministerial não é sinônimo de grandeza espiritual (1 Pe 5.5).

5) “*Nem iracundo*”. Uma pessoa iracunda é raivosa, colérica, furiosa. Um presbítero deve ser pessoa que sabe refrear seus impulsos emocionais. A ira é a pior opção para ser cultivada. Um iracundo perde os melhores amigos e afasta a muitos de seu convívio. Jesus oferece um curso de mansidão (Mt 11.29). Há vaga para todos.

⁴ ARRINGTON, French L. ; STRONDSTAD, Roger. **Comentário bíblico Pentecostal — Novo Testamento**, p. 1454.

⁵ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico — Novo Testamento**, p. 727.

6) *“Nem dado ao vinho”*. Ou seja: não dado a fazer uso de bebida alcoólica (ver Ef 5.18). Não deve beber vinho embriagante, nem ser tentado ou atraído por ele, nem comer e beber com os ébrios (Mt 24.49). (1) A abstinência total de vinho fermentado era a regra para reis, príncipes e juizes, no Antigo Testamento (Pv 31.4-7).⁶ Não há necessidade de o presbítero, bispo ou pastor tomar vinho. Um suco de uva puro tem as mesmas propriedades terapêuticas que o vinho, exceto o teor alcoólico.

7) *“Nem espancador”*. Ou não violento, agressivo. O obreiro precisa ter o fruto da temperança ou do domínio próprio, para não dar lugar a seu temperamento agressivo. O servo de Deus não deve guiar-se por seu temperamento, mas pelo Espírito Santo (Gl 5.16). Alguém pode espancar outro com palavras, ou ferir com agressões verbais ou psicológica (cf. Jr 18.18). Sempre houve pastores grosseiros, prepotentes, alguns que cometeram “assédio moral” contra pessoas a seu redor. Isso é reprovável sob todos os aspectos. O presbítero ou bispo deve ser ordeiro, humilde, de bom trato para com todos.

8) *“Nem cobiçoso de torpe ganância”*. A ganância por bens materiais ou pelo poder tem sido a causa de muitos escândalos e descrédito contra o ministério pastoral. O apóstolo Pedro deu a mesma exortação aos presbíteros (1 Pe 5.2).

9) *“Mas dado à hospitalidade”*. O bispo deve ser hospitaleiro (Hb 13.2). Um presbítero, bispo ou pastor deve ser uma pessoa acolhedora; que sabe receber bem, com cortesia e amabilidade, qualquer pessoa, em sua casa, na igreja, ou em qualquer lugar. Não deve ser grosseiro nem fazer acepção de pessoas (At 10.34; Tg 2.1, 9).

10) *“Amigo do bem”*. O presbítero deve ter o fruto do Espírito da “benignidade”, que é a qualidade daquele que se dedica a fazer o bem (Sl 37.27; Gl 6.9, 10). Quem faz o bem colherá os frutos do que semeou.

11) *“Moderado”*. É sinônimo de “comedido, prudente, contido”. O presbítero ou o bispo deve ser uma pessoa assim, sem afetação, sem

⁶ CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Nota de 1 Tm 3.3: versão eletrônica.

exibicionismo; ter uma vida sem exagero, seja na vida ministerial, seja na vida pessoal; sem ser radicalista ou liberalista, evitando os extremos. Não deve ser precipitado no falar, no agir, mas deve ter autocontrole em suas atitudes e ações. Deve ter o fruto do Espírito da temperança (Gl 5.22).

12) “Justo”. É sinônimo de “imparcial, isento, neutro, justiceiro”. É qualidade indispensável ao líder. O Sumo Pastor nos guia “pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (Sl 23.3). O presbítero ou bispo, que apascenta as ovelhas do Senhor, deve ter o mesmo cuidado, de ser justo e não praticar qualquer ato de injustiça. Nunca usar os “dois pesos e duas medidas”.

13) “Santo”. É qualidade e condição indispensável para que uma pessoa seja salva. Ser santo é ser separado ou consagrado para Deus. Um líder tem o dever de zelar pela santidade. Para isso precisa estar sempre exercitando o processo da “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14; 1 Pe 1.15).

14) “Temperante”. É qualidade de quem tem “temperança”, ou domínio próprio, autocontrole. Que sabe dominar seus impulsos e paixões, seja na área dos relacionamentos, na área afetiva, sexual, ou nos apetites carnis. O intemperante em qualquer área acaba prejudicando a si ou aos outros. O bispo ou presbítero precisa ser um exemplo na temperança.

Após enumerar as quatorze qualificações para a escolha de um presbítero ou bispo, Paulo diz a condição para que ele possa exercer sua nobre missão, de cuidar, zelar e alimentar o rebanho:

1) “Retendo firme a fiel Palavra, que é conforme a doutrina (1.9a)”. Para que todas as qualificações do ministro tenham valor é necessário que ele seja “exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza” (1 Tm 4.12).

2) “Para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes” (1.9b). Guardando ou retendo a “Fiel Palavra” de Deus, o líder tem autoridade para admoestar os que aceitam a “sã doutrina” e para “convencer os contradizentes”, ou

opositores da liderança. Paulo sabia o que era esse tipo de gente (1 Tm 1.20; 2 Tm 2.17; 4.14).

Para que as qualificações do presbítero ou bispo sejam completas, é interessante reunir as qualidades aqui estudadas com as da lista de Paulo a Timóteo, no capítulo 2.1-7. Uma complementa a outra.

II – OS DEVERES DOS PRESBÍTEROS (1 PE 5.1-4; TG 5.14)

A natureza e o significado honrosos do cargo ou da função do presbítero ou bispo lhe confere muitas responsabilidades. Seus deveres são inerentes às suas qualificações, como foi visto no item I, deste comentário. A seguir, resumimos alguns desses deveres, conforme indicam os textos bíblicos sobre o presbítero.

1. APASCENTAR A IGREJA

Os presbíteros, como pastores, na igreja local, têm o dever de alimentar o rebanho de Cristo, com a sã doutrina, que é o alimento puro, saudável e nutritivo para sua vida espiritual, social, moral, familiar, como cidadão do céu e da terra. O apóstolo Pedro exorta muito bem aos presbíteros quanto a esse dever primordial de sua missão: “Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós...” (1 Pe 5.2a).

2. CUIDAR DO REBANHO

Diz Pedro aos presbíteros que devem apascentar “o rebanho de Deus”, “tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1 Pe 5.2,3). Os cuidados pastorais com as ovelhas requer muita graça e capacidade, concedidas por Deus. O presbítero deve ter a consciência de que não é dono do rebanho. Ele cuida de ovelhas que pertencem ao Senhor Jesus e não a ele.

1) *Não “por força”*. Por isso, o presbítero, pastor ou bispo não tem o direito de usar “a força” ou o autoritarismo para dirigir a igreja

local. Já ouvimos de obreiro que, aborrecido com alguma atitude de um ou outro crente, esbraveja, no púlpito: “Aqui, quem manda sou eu; quem quiser pode sair”. Esse tipo de comportamento revela um obreiro fracassado; que não tem autoridade nem competência para cuidar do rebanho de Deus. O líder cristão não deve agir “por força”, mas pelo poder do Espírito de Deus (cf. Zc 4.6).

2) *“Mas voluntariamente”*. O trabalho do presbítero deve ser voluntário, ou espontâneo. Não deve ser feito por obrigação imposta. Os obreiros que mais progridem em seus ministérios e as igrejas sob seu cuidado crescem são aqueles que o fazem por satisfação em servir. Quem serve voluntariamente enfrenta as lutas próprias do ministério, mas não sofre tanto desgaste quanto aqueles que executam as atividades “por obrigação”.

3) *“Nem por torpe ganância”*. Uma das qualificações do presbítero ou bispo é não ser “cobiçoso de torpe ganância” (Tt 1.7). É não ter apego “ao lucro desonesto”, ao uso indevido dos recursos financeiros da igreja que dirige.

4) *“Mas de ânimo pronto”*. Essa recomendação fala de disposição mental para servir à igreja, com prontidão. Deus chamou Davi para ser rei, porque, entre suas qualidades pessoais ele era “valente e animoso” (1 Sm 16.18). Uma das piores coisas para uma igreja é um obreiro desanimado, sem coragem, sem interesse em ver a obra crescer. Há obreiros que estão à frente de uma igreja, apenas para ter um emprego, uma fonte de renda. Não deve ser indicado para presbítero um obreiro sem ânimo.

5) *“Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus”*. É um terrível engano, quando o obreiro acha que é dono da igreja local. Jesus não chama o obreiro para que ele “mande” na igreja, mas para ser servo da igreja. Autoritarismo não faz parte da liderança cristã. A resposta de Jesus ao desejo de grandeza (Mt 20.21) foi uma lição eloquente para todos os líderes cristãos (Mt 20.25-28).

6) *“Mas servindo de exemplo ao rebanho”*. O presbítero ou bispo deve ser um líder. E o verdadeiro líder não é o que “manda”, mas o

que vai à frente dos liderados. O Bom Pastor não manda as ovelhas irem à frente. Ela vai “... adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (Jo 10.4). O líder é o que influencia com seu exemplo as ovelhas e elas o seguem para o seu objetivo.

3. LIDERAR A IGREJA LOCAL

O presbítero ou bispo tem o dever de cuidar “da Igreja de Deus” (1 Tm 3.5). Para tanto, precisa saber “governar a sua própria casa” (1 Tm 3.4). Daí, deduz-se que um dos seus deveres é “governar” (cf. 1 Tm 5.17a) ou liderar a igreja local.

4. ENSINAR A IGREJA

O presbítero como homem mais experiente tem o dever de ser um ensinador na igreja local. “Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente *os que trabalham na palavra e na doutrina*” (1 Tm 5.17 — grifo nosso).

5. PRESERVAR A IGREJA CONTRA OS ERROS

Em todos os tempos, as igrejas foram alvo das heresias e dos falsos ensinamentos. Nos tempos presentes, não é diferente. Multiplicam-se como ervas daninhas os ensinamentos distorcidos, os modismos e as práticas estranhas à ortodoxia bíblica. O presbítero, como líder do rebanho, deve preservar a igreja local das investidas dos falsos mestres, “...retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes” (Tt 1.9; 1 Tm 4.1).

6. UNGIR OS ENFERMOS

A unção com óleo é um ato de fé que acompanha a “oração da fé”, feita por homens de Deus, que, liderando a igreja local, ou auxiliando os pastores-líderes, atendem aos que se encontram enfermos, e oram por sua cura, “em nome de Jesus” (Mc 16.18c). Orar pelos enfermos e curá-los é sinal de fé para “os que crerem”, independente de serem obreiros regulares. Mas orar com unção com óleo é confiado aos presbíteros.

CONCLUSÃO

Os termos presbítero, bispo ou ancião são equivalentes, na organização eclesiástica neotestamentária. Os presbíteros ou bispos sempre formaram um corpo de obreiros com a finalidade de contribuir para a edificação da igreja local, ao lado do pastor-líder do rebanho. Nas Assembleias de Deus, os presbíteros prestam excelente serviço, dirigindo as congregações, que se criam como fruto da evangelização. São eles que cuidam da execução das principais tarefas da Igreja, que são a evangelização e o discipulado. Por isso, devem ser bem selecionados e valorizados pela liderança eclesiástica.

Capítulo 12

O DIÁCONO

“Porque os que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus” (1 Tm 3.13).

Em seus ensinamentos, Jesus não especificou como seria a organização da Igreja, nos diversos lugares por onde seu evangelho haveria de promover a conversão de muitas pessoas pelo poder do Espírito Santo. Ele garantiu que haveria de edificar a sua Igreja e “as portas do inferno não prevaleceriam contra ela” (Mt 16.18). E a Igreja cresceu e se expandiu pelo mundo todo. E seu crescimento demandou o estabelecimento de medidas e providências jamais experimentadas por qualquer organização humana.

Para começar o grandioso trabalho, só restavam onze apóstolos. Judas, o traidor, perecera de maneira trágica, indo para “o seu próprio lugar” (At 1.25). A equipe de Jesus era pequena e diminuía. Mas a obra precisava ser feita. Em lugar de Judas foi eleito Matias, que tomou “o seu bispado” (At 1.20). (Esse texto mostra que o apóstolo também era bispo). Resolvido o problema da substituição de Judas, os apóstolos encetaram a grande missão de prosseguir com a obra de Jesus. No cenáculo, receberam o poder do Alto, sendo batizados com o Espírito Santo. Com a pregação cheia de unção, quase *três mil novos crentes* agregaram-se ao pequeno grupo de cristãos (At 2.37-41).

O crescimento vertiginoso trouxe diversos problemas. Entre os conversos, havia pessoas de outros lugares, além de judeus. Os problemas não tardaram a surgir. O evangelista Lucas, escritor dos Atos dos Apóstolos, registrou o que ocorria naqueles dias, quando a comunidade cristã cresceu grandemente, e surgiram diversos problemas, inclusive de ordem social (cf. At 6.1-7). E os líderes da Igreja resolveram reunir a assembleia e buscar a solução para o atendimento social aos irmãos carentes. A tarefa era um grande desafio. Ou eles cuidavam da evangelização e do discipulado, ou cuidavam da parte social.

Por decisão sábia e unânime, escolheram sete homens, com qualidades exemplares, para cuidarem daquele “importante negócio”, que era dar assistência aos novos convertidos nas suas necessidades básicas. Muitos que aceitavam a Cristo ficavam em situação difícil, rejeitados por suas famílias, expulsos de casa e desprezados da sociedade. Assim, ante uma crise de caráter humano, os apóstolos tiveram que tomar medidas que serviram de base para a criação do cargo ou da função de diácono que faz parte, até hoje, do ministério ordenado, nas igrejas cristãs.

I – A DIACONIA DE JESUS CRISTO

Diaconia significa “ministério, serviço”. Jesus Cristo foi exemplo para a Igreja em todos os aspectos. Em sua Diaconia, Ele foi “apóstolo... da nossa confissão” (Hb 13.1). Foi profeta (Lc 24.19); foi evangelista (Lc 4.18-19); foi Pastor (Jo 10.11) e também foi *diácono*. Ele demonstrou seu caráter e sua personalidade, dando exemplo de humildade. Para cumprir sua missão sacrificial em favor dos homens, Jesus despojou-se temporariamente de sua glória plena (Jo 17.14). Paulo diz que Ele assumiu *a forma de servo*, mais que isso, a forma de “escravo”. Jesus, “... sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, *tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens*; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.6-8 — grifo nosso). A expressão “tomando a forma de servo”, “significa aparecer em uma condição humilde e desprezível”.¹

¹ CPAD. *Bíblia Palavras-Chave*, p. 2156.

II – A INSTITUIÇÃO DOS DIÁCONOS

1. A INSTITUIÇÃO DOS DIÁCONOS

O ministério ou serviço dos diáconos surgiu a partir de uma bênção, de um problema e de uma murmuração. *A bênção* foi o crescimento extraordinário dos que criam em Jesus e o aceitavam como Salvador, deixando o judaísmo e outras religiões e tornavam-se cristãos. *O problema* foi causado pela situação social de muitos que aceitavam a fé, especialmente envolvendo viúvas dos gregos ou gentios, que aceitavam o evangelho. *A murmuração* foi a reclamação desses, que se julgavam discriminados pelos líderes da Igreja, em relação ao atendimento de suas necessidades básicas. Diz o texto:

“Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas *no ministério cotidiano*. E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. *Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio*. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra. E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia; e os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos. E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé” (At 6.1-7 — grifo nosso).

Mas os líderes da Igreja foram sábios. Não procuraram resolver tamanha questão sozinhos. Reuniram a multidão, em assembleia, *a ecclésia*, e elegeram sete homens com qualidades exemplares sobre aquele “importante negócio”, para que os líderes pudessem perseverar “na oração e no ministério da palavra”. Na maioria das igrejas, os diáconos estão desviados da função para que foram instituídos, que foi cuidar da assistência social dos carentes. Mas sua escolha é de grande valor para o funcionamento ministerial das igrejas cristãs.

III - O PERFIL DO DIÁCONO

Na conceituação de “diáconos”, vimos que, além de serem considerados “servos”, “serviçais”, e até “escravos”, há também a conceituação de “ministros”. Paulo considerou a si próprio e a Apolo como “ministros” de Cristo. “Pois quem é Paulo e quem é Apolo, senão *ministros pelos quais crestes*, e conforme o que o Senhor deu a cada um?” (1 Co 3.5 — grifo nosso). Na verdade, eles eram diáconos da igreja em Corinto, usados por Deus para a ministração da palavra aos crentes daquela igreja local.

1. QUALIFICAÇÕES DO DIÁCONO

Os diáconos tiveram papel muito honroso nos primórdios da Igreja. Os bispos e os diáconos eram líderes da igreja. Paulo usou o termo *diáconos* como favorito para si e para seus cooperadores (cf. Rm 16.1; 1 Co 3.5 — “ministros”; Cl 1.23 — “ministro”; Cl 4.7 — “fiel ministro”). Todos esses termos correspondem a “diácono”. Além das qualidades exigidas em Atos 6.1-7, Paulo indica outros importantes requisitos para o diaconato. Após enumerar as qualificações para bispo ou presbítero, Paulo aproveita o ensino para discorrer sobre as qualificações dos diáconos ou ministros que serviam nas igrejas. E o faz de modo imediato, sem lacuna ou pausa em sua ministração, dizendo que os diáconos, “da mesma sorte” que os bispos ou presbíteros, deveriam ter as seguintes qualificações (1 Tm 3.8-10, 11-13):

1) **“Sejam honestos”**. Isso significa que devem ser “honrados, dignos, corretos, íntegros”. Corresponde à “boa reputação”, indispensável ao indicado para diácono, quando houve sua instituição (At 6.3); nas igrejas, hoje, os diáconos recolhem dízimos e ofertas; alguns são tesoureiros, em congregações ou igrejas. Se forem desonestos, podem cair no laço do Diabo de roubarem até os dízimos, como já aconteceu em várias ocasiões. Para sua maldição (Zc 5.3,4).

2) **“Não de língua dobre”**. Isto é, que não sejam homens de duas palavras, ou de “duas caras”; que diz uma coisa sobre um assunto, e diz outra coisa sobre o mesmo problema. Jesus disse: Seja, porém, o vosso

falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna (Mt 5.37). Um animal que tem língua dobre (dupla) é a serpente.

3) *“Não dados a muito vinho”*. No tempo de Paulo, a exemplo do que ocorria no tempo de Jesus, o vinho era uma bebida familiar. Havia o vinho fermentado e o não fermentado, o suco da uva (gr. *guenematos tês ampèlou*), que Jesus tomou na instituição da Ceia. Não fica bem para o diácono (ministro, servo), ser habituado a tomar vinho ou qualquer bebida alcoólica.

4) *“Não cobiçosos de torpe ganância”*. Um diácono não deve ser ganancioso, ou seja, cobiçoso, ávido por dinheiro, ou qualquer outro tipo de vantagem ou lucro pessoal, na obra do Senhor, ou em sua vida pessoal. Muitos têm afundado moralmente, por causa da desonestidade, que resulta da ganância por riquezas materiais (1 Tm 6.10).

5) *“Guardando o mistério da fé em uma pura consciência”*. Esse “mistério” é a revelação de Deus, através de Cristo (cf. Rm 16.25). É “a sabedoria de Deus oculta em mistério”, “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus” (1 Co 2.9,10). O diácono deve ter consciência de que não é um serviçal qualquer, mas um “servo de Deus” a serviço da sua Igreja.

6) *“Que sejam primeiro provados”*. Só deve ser indicado para ser diácono pessoa que seja avaliada pelo ministério, ou pela liderança. “Depois sirvam, se forem irrepreensíveis”. Tal recomendação demonstra a responsabilidade de quem indica um crente para o diaconato. Ele não vai fazer um trabalho qualquer, mas um “importante negócio” (At 6.3). Deve ser “irrepreensível” (íntegro, fiel).

7) *“Maridos de uma mulher”*. A interpretação para esta qualificação é a mesma que foi feita para os bispos ou presbíteros. Os diáconos devem ser homens fiéis às suas esposas. Não significa que está inapto

para o ministério ou diaconia, se foi vítima de uma infidelidade conjugal. Se for o causador da infidelidade fica desqualificado para o diaconato. O radicalismo não constrói bom entendimento das Escrituras. Um diácono não pode ser bígamo ou infiel.

8) Que “governem bem seus filhos e suas próprias casas”. A exemplo dos bispos ou presbíteros, os diáconos também devem ser bons donos de casa, bons esposos e bons pais; que saibam cuidar de seus filhos, para poderem cuidar das atividades que lhes forem confiadas na casa de Deus.

Após enumerar essas qualificações para o diaconato, Paulo conclui, dizendo que os que as possuírem alcançam uma avaliação positiva para servirem na igreja: “Porque os que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus” (1 Tm 3.13).

2. O TRABALHO DOS DIÁCONOS

Em sua origem, os diáconos foram instituídos para cuidar da assistência social aos irmãos carentes, especialmente das viúvas (At 6.1). Com as qualificações já vistas, os diáconos poderão realizar diversas tarefas, na Casa do Senhor, com dignidade, cuidado e zelo, “*de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens*” (Cl 3.23). A função principal dos diáconos, atualmente, é auxiliar o pastor ou ao dirigente da congregação, nas atividades espirituais, ligadas ao culto ou não, bem como nas atividades sociais e materiais da igreja, para as quais for designado.

O diácono pode sentar-se no espaço do púlpito, pregar ou ensinar, quando confiado para tal, desde que não prejudique a sua função primordial. Diante de uma função tão importante, o diácono deve conhecer bem a história e a cultura da igreja local; conhecer as doutrinas ensinadas. No seu trabalho, pode realizar as seguintes tarefas:

1) Auxiliar na filantropia: visita a enfermos, necessitados. É tarefa de grande valor espiritual, que contribui para melhorar o atendimento a essas pessoas, comunicando as necessidades observadas ao pastor ou ao dirigente da congregação. O *Manual do Diácono* sugere várias ações filantrópicas: “campanha do agasalho”; “campanha do

material escolar”; “campanha missionária”, em prol dos missionários; “promoção de empregos” (p. 104,105). O diácono pode exercer uma tarefa importante na área da assistência social. Jesus deu grande valor à filantropia (ler Mt 25.34-44); normalmente, quem faz essa tarefa são as irmãs das “comissões de visitas”, como verdadeiras diaconisas.

2) *Auxiliar na visita aos desviados e novos convertidos.* É função do mais alto valor no auxílio ao pastor da igreja. Um diácono pode coordenar esse trabalho, levantando os endereços e a situação espiritual dos desviados e dos novos convertidos; auxiliando o Discipulado.

3) *Servir na distribuição do pão e do vinho, na Ceia do Senhor.* Nessa ocasião, ter consciência de que está desempenhando uma elevada função, de caráter espiritual, fazendo-o com todo o respeito e reverência.

4) *Recolher as contribuições para a obra do Senhor.* Os diáconos devem recolher com zelo e cuidados os dízimos e ofertas para o trabalho do Senhor. Para tanto, precisam ser dizimistas fiéis.

5) *Auxiliar na boa ordem do culto.* Os diáconos poderão ser designados para se postarem junto às portas principais da igreja, a fim de manter a boa ordem do culto, evitando a correria de crianças, os grupos de conversa, aos lados da igreja, bem como outros comportamentos inadequados.

6) *Auxiliar na segurança do templo, durante as reuniões.* Os diáconos poderão se designados para ficar em lugares estratégicos, observando o movimento das pessoas, principalmente de estranhos, a fim de coibir comportamentos prejudiciais, como assédio sexual, namoros no templo ou ao seu redor.

7) *Realizar outras tarefas para as quais forem convocados.* Os diáconos poderão auxiliar, quando convocados, para ajudar na zeladoria do templo, abrindo e fechando portas e janelas, desligando ventiladores e aparelhos eletrônicos; movimentando bancos e cadeiras; efetuando a limpeza e a manutenção do templo, *quando houver necessidade que justifique tal trabalho.*

3. QUALIFICAÇÕES PARA DIACONISAS

De modo incomum, Paulo insere, em 1 Timóteo 3.11, qualificações relativas a “mulheres”, equiparando-as aos diáconos em suas qualificações. Diz o apóstolo: “*Da mesma sorte as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo*” (1 Tm 3.11 — grifo nosso). Por que Paulo fez essa inserção? Quem seriam essas mulheres? Seriam as mulheres em geral? Certamente, não, pois o contexto anterior e posterior refere-se aos diáconos. São as esposas dos diáconos? Poderiam ser.

Mas há uma terceira interpretação, a de que Paulo se refere a mulheres diaconisas, visto que o assunto em apreço são as qualificações para o diaconato. A expressão “da mesma sorte” dá a entender que se tratam de mulheres que devem ter as mesmas qualificações para a diaconia. Seriam diaconisas. E suas qualificações teriam que ser as mesmas, exigidas para os diáconos (“da mesma sorte...”), destacando apenas quatro:

1) “**Honestas**”. Qualidade idêntica à que se exige dos diáconos, no que tange à integridade, honradez, decoro, decência, dignidade. Mulheres “sérias no seu viver” (Tt 2.4).

2) “**Não maldizentes**”. No original, maldizente é *diabolos*, que tem o sentido de acusar, caluniar, difamar, falar com malícia. As mulheres cristãs, em função de diaconia, ou não, jamais devem emprestar sua boca para caluniar, difamar ou falar mal da vida de quem quer que seja.

3) “**Sóbrias**”. Qualificação idêntica que se exige do bispo ou do diácono. É ser moderada, contida, comedida, simples, sem exageros; essa sobriedade deve ser cultivada no falar, no agir, no modo de vestir, de entrar e sair, diante da igreja, para que não deem motivo para murmurações ou críticas.

4) “**Fiéis em tudo**”. Fiel é aquele “Que guarda fidelidade, que cumpre seus contratos: fiel a suas promessas. Constante, perseverante” (Dicionário Aurélio online). Uma serva de Deus, que executa importante trabalho, na igreja, precisa ter essa qualidade cristã. Fiel na igreja, fiel em casa, fiel com o esposo, com os filhos, ou com os de fora. Assim fazendo, glorificará a Deus com sua vida.

Tradicionalmente, as igrejas cristãs em geral não consagram mulheres a diaconisas. Mas, nos últimos anos, é grande o número de igrejas que o fazem, dando às mulheres a oportunidade de servirem como diaconisas. Nas epístolas, vemos exemplo bem marcante de que, na Igreja Primitiva, havia diaconisa. Um exemplo significativo é o de Febe. Escrevendo aos romanos, Paulo faz recomendação especial acerca dela: Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual *serve na igreja* que está em Cencreia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo” (Rm 16.1,2).

CONCLUSÃO

O diácono é um oficial da igreja que pode exercer diversas tarefas, todas muito importantes, nas igrejas locais. Não deve ser considerado um “subalterno” dos “superiores” da igreja. Os diáconos foram instituídos para cuidar de “importante negócio”, quando a comunidade cristã cresceu e surgiram problemas que demandavam atenção e cuidado, principalmente quanto aos necessitados e carentes sociais. Hoje, eles são utilizados em trabalhos diferentes, mas seu valor deve ser considerado pela liderança das igrejas. Em sentido lato, todos somos diáconos, pois todos somos servos de Deus.

Capítulo 13

A MULTIFORME SABEDORIA DE DEUS

“Para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Ef 3.10).

Após o estudo sobre os dons de Deus, podemos constatar que sua sabedoria transcende a tudo o que se pode entender com a limitada percepção do homem. Enquanto a sabedoria humana é compartimentada ou segmentada em áreas do conhecimento, a sabedoria de Deus é multiforme. Ele a manifestou desde a criação, quando sua mente divina imaginou trazer à realidade as coisas criadas, incluindo o universo imenso, formado de planetas e estrelas, bem como o homem e os seres vivos da natureza, numa demonstração de planejamento perfeito, jamais alcançado pela mente humana.

O salmista teve a visão da sabedoria e do poder criador de Deus, ao exclamar: “Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas” (Sl 104.24). Só o homem incrédulo, em sua arrogância e presunção, não percebe que a grandeza do universo, ou do macrocosmo, bem como a imensa complexidade do microcosmo, observado nos microuniversos das células ou das moléculas dos elementos da natureza, não podem ter sido fruto do acaso cego, mas de uma mente sobrenatural, dotada de sabedoria e inteligência além da imaginação limitada do homem. O sábio Salomão, em suas reflexões sobre o universo, declarou:

“O Senhor, com sabedoria, fundou a terra; preparou os céus com inteligência” (Pv 3.19). A sabedoria de Deus e sua inteligência divina sempre agiram juntas para que o Eterno alcançasse seus objetivos e propósitos, ao criar todas as coisas.

Mas foi no plano espiritual, que transcende às coisas materiais do universo, que Deus demonstrou sua multiforme sabedoria de forma tão elevada, que é considerada um verdadeiro mistério que só a revelação divina pôde trazer à luz, ao conhecimento do homem, por meio do Espírito Santo. Paulo diz que esse mistério foi revelado de maneira muito especial, por misericórdia e bondade de Deus, pelo Espírito Santo, “aos seus santos apóstolos e profetas”, bem como à Igreja do Senhor:

Essa multiforme sabedoria de Deus, que tudo criou pelo poder sobrenatural de sua palavra, a ponto de trazer à existência todas as coisas, a partir do nada absoluto, transformou-se em uma relação de amor para com o homem. Mesmo sabendo de antemão que o homem iria cair em desobediência, em seu plano divino, por sua graça e misericórdia, Deus enviou Jesus, para salvar o homem da tragédia do pecado. E Cristo manifestou-se como a encarnação da sabedoria de Deus: “Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, *poder de Deus e sabedoria de Deus*” (1 Co 1.24 — grifo nosso).

A Igreja — o Corpo de Cristo, reúne os “chamados, tanto judeus como gregos” ou gentios, para proclamar a salvação de Deus à humanidade. Por ser a representante de Deus na Terra, ela é alvo dos mais terríveis ataques do Inimigo de Deus, que, mesmo condenado em última instância, no Tribunal Divino, e sabendo que seu fim é o inferno, procura destruir a comunidade dos salvos e remidos por Cristo. Diante dessa realidade, Deus tem concedido à igreja recursos especiais, que são os dons espirituais e os dons ministeriais, já estudados nos capítulos anteriores, para edificação e força para cumprir a sua missão. O dom de sabedoria, ao lado dos outros dons, concede parte da multiforme sabedoria de Deus a seus servos para que saibam como agir, como viver, como proceder e atuar, diante da missão que lhes foi confiada de proclamar o evangelho por todo o mundo a toda a criatura. Os dons ministeriais fazem parte da capacitação de Deus a homens chamados e preparados para exercer a liderança nas igrejas que reúnem os salvos em Cristo Jesus, até à sua vinda em glória para reinar para sempre.

I – QUANTOS SÃO OS DONS ESPIRITUAIS

Os dons espirituais são variados, como recursos usados pelo Espírito Santo para manifestar o poder de Deus e sua multiforme sabedoria, através de instrumentos humanos, usados para a edificação e o fortalecimento espiritual da igreja. Os dons devem ser buscados com humildade e discernimento. “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1 Co 14.12). A lista de dons espirituais pode ser vista em dois sentidos: restrito e amplo, como resumimos a seguir.

1. NO SENTIDO ESTRITO

Normalmente, quando se tratam dos dons espirituais, entende-se que eles são em número de nove. Essa conclusão baseia-se na contagem dos dons, com base em 1 Coríntios 12: “Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas” (1 Co 12.8-10).

De fato, a relação acima indica que há nove *tipos* de dons espirituais. Entretanto, quando se tratam dos dons de curar, no plural, não se pode precisar quantas manifestações desse dom podem existir. Não há um só dom de curar, nem uma única maneira de se fazer uso desses dons. Sua pluralidade certamente denota a vontade de Deus para que seu povo tenha saúde e qualidade de vida, tanto espiritual, quanto emocional ou física. A experiência cristã nos mostra que há homens de Deus que parecem ter capacitação para orar por determinados tipos de enfermidades, enquanto outros oram por outras doenças. Não podemos ser dogmáticos a respeito dos dons, mas não se veem operadores de milagres com plena capacitação para orar eficazmente por todos os tipos de males ou doenças. Dessa forma, os tipos de dons espirituais são nove. E podem ser ampliados por causa da pluralidade dos dons de curar. A Bíblia não nos autoriza especificar os dons de curar.

2. NO SENTIDO AMPLO

Considerando-se que a sabedoria de Deus é “multiforme”, e que seu poder é ilimitado, e que, de igual forma ele concede à Igreja a sua “multiforme” graça, podemos inferir que Deus não está limitado a um número fixo ou fechado de dons. Após ensinar sobre os dons espirituais, no capítulo 12 de 1 Coríntios, o apóstolo Paulo dirige sua doutrina para a “excelência do amor fraternal”, no capítulo seguinte. Certamente, podem ser considerados dons espirituais tantas outras dádivas de Deus à sua igreja. Dessa forma, o leque dos dons de natureza espiritual pode ser ampliado.

1) O dom do amor. A maior manifestação do amor de Deus foi o ter enviado a Jesus Cristo para salvar o perdido. Ele próprio declarou de modo solene e incisivo: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira *que deu o seu Filho unigênito*, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16 — grifo nosso). Esse amor, traduzido como o amor “ágape”, é a mais profunda demonstração de Deus, que se doou, em Cristo, para redimir o homem da sua constrangedora situação como caído e longe do criador. Cristo é o amor encarnado, que se “fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14).

2) O dom da filiação divina. Através da fé em Cristo, Deus torna o pecador seu filho, integrando-o na família de Deus. João registrou esse fato: “Mas a todos quantos o receberam *deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus*: aos que creem no seu nome” (Jo 1.12 — grifo nosso). Ninguém pode conquistar esse poder (ou direito). É resultado da graça e do amor de Deus. “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos Santos e da família de Deus” (Ef 2.19).

3) O dom do batismo com o Espírito Santo. Na casa de Cornélio, enquanto Pedro ministrava a palavra, o Espírito Santo caiu sobre os que ali estavam, conforme Pedro afirmou: “como nós no princípio”; sem dúvidas com o sinal exterior de línguas estranhas (cf. At 2.4). “Portanto, *se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós*, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?” (At 11.17; At 1.5; 1 Ts 4.8).

4) *O dom do crescimento.* Doutrinando a igreja em Corinto, Paulo reprovou a atitude de certos grupos que se levantaram na congregação, causando dissensão, divisões internas e partidarismo em torno dos apóstolos. Havia, certamente, quem atribuía a Pedro, a Apolo e a Paulo a preeminência pelo sucesso da evangelização. Mas Paulo, como bom servo de Deus, lhes afirmou: “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.6,7). Esse crescimento é acima de tudo espiritual.

5) *O ministério da reconciliação.* Em sua segunda carta aos coríntios, Paulo, escrevendo sobre a nova vida do salvo em Cristo, explica que o milagre da salvação, que inclui a regeneração, a justificação e a santificação, “provém de Deus”, que nos concedeu o “ministério da reconciliação”. “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2 Co 5.17-19 — grifo nosso).

6) *O espírito de fortaleza, de amor e de moderação.* Podemos dizer que Deus nos dá o equilíbrio espiritual, quando nos submetemos à sua vontade. De um lado, concede o “espírito de temor”, para que o sirvamos com profundo respeito e reverência (Sl 128.1); de outro, dá-nos o “espírito de fortaleza”, ou de poder; mas, para que esse poder não fique sem controle, concede o “espírito de amor e de moderação” (cf. 2 Tm 1.7). Nenhum dom espiritual, no sentido estrito ou amplo, tem seu exercício aprovado por Deus, se não for por amor e com a devida e sábia moderação. Quando isso não acontece, o detentor do dom tende a aproveitar-se dele para sua promoção pessoal. O Espírito Santo não autoriza a glória para ninguém, exceto para Cristo, o que é a sua missão (Jo 16.14).

II – SEJAMOS BONS DESPENSEIROS DOS MISTÉRIOS DIVINOS

Despenseiros são as pessoas que tomam conta da despesa de uma casa, ou do lugar onde são guardados os alimentos e outros itens necessários

à manutenção da família. O apóstolo Pedro exorta os destinatários da sua primeira carta, quanto à iminente vinda de Jesus, fazendo solene advertência sobre como os cristãos devem comportar-se, “como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pe 4.10).

1. O DESPENSEIRO DEVE SER SÓBRIO E VIGILANTE

Deve guardar a sobriedade e vigilância, em oração (1 Pe 4.7); essa advertência refere-se à simplicidade que deve caracterizar um servo de Deus, sobretudo aquele que tem a liderança, na casa do Senhor. Fala da constante vigilância sobre a vida cristã, ante os ataques diuturnos do Adversário. Ele anda como leão, buscando destruir vidas preciosas. O que administra o rebanho de Deus deve saber retirar da “despensa” de Deus o melhor alimento. E vigiar por suas vidas. É Pedro quem dá idêntica advertência em sua primeira carta: “Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8; Mt 26.41).

2. O DESPENSEIRO DEVE SER AMOROSO

Em segundo lugar, o despenseiro de Cristo deve ter “ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobrirá a multidão de pecados” (1 Pe 4.8); todo crente fiel deve ser despenseiro de Deus; mas, como já refletimos, o obreiro, pastor, dirigente, ou líder de uma igreja, pastoreia ovelhas que não são suas. E cada ovelha é diferente da outra, em temperamento, formação, visão das coisas, e nem sempre é dócil e obediente. Há crentes que dão muito trabalho aos líderes. Como despenseiro da graça de Deus, o obreiro deve demonstrar amor em todas as ocasiões, no trato com todo o tipo de ovelha. Com as mais fracas, deve ser mais compreensivo; com as mais fortes, deve ser incentivador de sua fé e testemunho; com as feridas, deve ter sempre o bálsamo do amor e da compreensão; e com as que pecam, fazer uso da disciplina com amor, sem abuso de autoridade. Enfim, em qualquer situação o despenseiro deve ter amor. É característica do verdadeiro discípulo de Jesus (Jo 13.34,35).

3. O DESPENSEIRO DEVE SER HOSPITALEIRO

Deve ter hospitalidade para com “os outros, sem murmurações” (1 Pe 4.9); já foi visto que hospitalidade é acolhimento, bom trato

com todas as pessoas, na administração da igreja local; ou do crente com seus irmãos, familiares, amigos e pessoas em geral. “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos” (Hb 13.2). Há quem faça acepção de pessoas, discriminando os mais humildes ou menos favorecidos na vida humana. Essa não é atitude do despenseiro da casa de Deus. Esse deve ser sempre atencioso com todos, ajudando-os em suas necessidades espirituais emocionais e físicas, dentro de suas possibilidades. Não agir assim, é pecado (Dt 16.19; Tg 2.9).

4. O DESPENSEIRO DEVE ADMINISTRAR BEM A GRAÇA DE DEUS

Aqui, entendemos que cada crente é um despenseiro de Deus. Pedro adverte quanto a sua mordomia, dizendo: “Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém” (1 Pe 4.10, 11).

5. O DESPENSEIRO DEVE SER FIEL

Escrevendo aos coríntios, Paulo ensina que devemos ser vistos pelos homens, todos os crentes, como “ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus” (1 Co 4.1). A palavra ministro vem de *diáconos*, ou servo. Diante de Deus, cada um deve ser servo a serviço da igreja e de sua missão na Terra. Tendo em vista sua grande missão, diante de Deus, da Igreja e dos homens, os despenseiros devem ser fiéis em tudo. Os “mistérios de Deus” não têm nada a ver com coisas ocultistas, esoteristas ou místicas. A Bíblia nos declara que significa esse mistério. Paulo, aos colossenses, diz: “o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, *foi manifesto aos seus santos*; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, *que é Cristo em vós, esperança da glória*” (Cl 1.26,27). Aí, temos “o mistério” revelado: “Cristo em vós, esperança da glória”! Esse mistério foi revelado “para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Ef 3.10).

III – A NECESSIDADE DOS DONS E DO FRUTO DO ESPÍRITO (1 Co 12.31; 13;1-13; GL 5.22).

1. A NECESSIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

No capítulo 2, vimos o Propósito dos Dons Espirituais. Neste item, podemos identificar a necessidade dos dons para as igrejas em todos os tempos e lugares. Hoje, mais do que nunca, com o esfriamento do amor e a multiplicação da iniquidade (cf. Mt 24.12), a Igreja do Senhor Jesus necessita de mais poder, de mais unção, de “mais demonstração do Espírito e de poder” (1 Co 2.4). Os teólogos cessacionistas, que ensinam que os dons espirituais cessaram com o fechamento do Cânon do Novo Testamento, e não há mais necessidade deles. Cometem equívoco elementar em sua exegese sobre a atualidade dos dons. O fechamento do Cânon nada tem a ver com doutrina. Quer dizer que não se pode acrescentar mais nenhum livro ao Novo Testamento.

No que concerne aos dons espirituais, os ensinamentos cessacionistas não se firmam na boa interpretação da Bíblia, porque carecem de fundamento escriturístico. Eles se baseiam em premissas equivocadas, que aprenderam com seus mentores, nos seminários, ou em seus tratados teológicos. Para esses teólogos, suas conclusões cessacionistas tornaram-se dogmas, a exemplo do que ocorreu na teologia católica. São postulados intocáveis, sagrados, infalíveis. Eles defendem, corretamente, o postulado da “Sola Scriptura”, fundamento da Reforma, mas, em seus estudos, valorizam mais a opinião dos teólogos do que a própria Palavra de Deus. Em nenhum lugar, na Bíblia, está escrito que os dons espirituais deixaram de operar na igreja. Os dons espirituais, hoje, são mais necessários do que no tempo dos apóstolos. Há uma “frente fria”, passando pelos seminários, por faculdades teológicas, e por muitas igrejas, em que não se vê a presença de Deus, através dos dons espirituais, ou dos sinais do poder de Deus, na vida das pessoas.

2. OS DONS ESPIRITUAIS E O AMOR CRISTÃO

No capítulo 12, de sua primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo discorre de maneira inigualável sobre os dons espirituais. Ele termina o capítulo sobre os dons, dizendo: “Portanto, procurai com zelo

os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente” (1 Co 12.31). Na sequência do tema dos dons espirituais, ele continua seu ensino, demonstrando o valor do amor em ação, ou da caridade, no uso dos dons espirituais. E prova, de modo cabal, que os dons sem o amor de Deus não significam nada. O amor, no exercício dos dons espirituais, é o “caminho mais excelente”.

No capítulo 13 de Coríntios, sobre a “excelência do amor”, Paulo refere-se a vários dons espirituais, afirmando que sem amor de nada adianta ter tais dons (1 Co 13.1-3).

3. A NECESSIDADE DO FRUTO DO ESPÍRITO

Este estudo não estaria consistente, se não fosse abordado, ainda que resumidamente, o tema do fruto do Espírito Santo na vida dos salvos. Acima, vimos que os dons espirituais sem amor nada significam para Deus. E o fruto do Espírito — O amor (Gl 5.22) — é o que faz a diferença entre um crente salvo e um crente perdido. O que tem dons de Deus, ou dons do Espírito Santo, necessita ser coberto pelo amor de Deus em seu coração, e em suas ações. Por isso, Paulo diz que “A caridade [*o amor*, em outras versões] é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal” (1 Co 13.4,5 — colchete inserido).

A prática da caridade, ou do *amor em ação*, age no caráter do crente. Não admite inveja, irresponsabilidade, orgulho, indecência, e “não busca seus interesses”, ou seja, não é egoísta (1 Co 13.5), “não se irrita”, ou seja, não permite que o crente viva irritado com os outros, o tempo todo, e não dá lugar a suspeitas infundadas, como o texto citado bem evidencia. O dom do Espírito deve ser exercido com amor e humildade, sem presunção ou orgulho (1 Co 13.4).

O uso dos dons deve dar lugar a um exercício constante em busca da maturidade cristã. A falta de maturidade leva os detentores de dons a serem carnis e infantis na fé. A igreja de Corinto possuía em seu seio todos os dons, mas os crentes não estavam maduros na fé. Diz Paulo: “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, *mas como a carnis, como a meninos em Cristo*. Com leite vos criei e não com manjar, porque ainda não podéis, nem tampouco ainda agora podeis; porque

ainda sois carnis, pois, havendo entre vós *inveja, contendas e dissensões*, não sois, porventura, *carnis* e não *andais segundo os homens?*” (1 Co 3.1-3 — grifo nosso).

Exortando a igreja, Paulo diz da necessidade de deixarem de ser meninos na fé. “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino” (1 Co 13.11). A prática do fruto do Espírito, aliada ao exercício dos dons, é o que evita a meninice espiritual, e leva o crente a alcançar a maturidade espiritual, como diz Paulo: “logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino”. É a falta do fruto do Espírito da temperança, da bondade, da benignidade e acima de tudo do amor, que tem sido causa de escândalos e decepções nas igrejas.

CONCLUSÃO

A multiforme sabedoria de Deus manifesta-se, no meio da igreja, através da intervenção sobrenatural do Espírito Santo, através dos dons espirituais, dos dons ministeriais, e de outros dons, necessários ao crescimento espiritual dos crentes. Sejam quais forem os dons, os que os possuem devem fazer uso deles com humildade e fidelidade, não buscando seus interesses. Todos os dons são necessários à edificação e segurança dos salvos em Cristo Jesus.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Claudionor de. **Dicionário de teologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

ARRINGTON, French L. et STRONDSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal — Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CABRAL Elienai. **Carta aos Efésios**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

CPAD. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. *Tudo para edificação*. Nota sobre 1 Coríntios 14.26. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CPAD. **Bíblia de estudo Palavras-Chave. Hebraico-grego**. Rio de Janeiro, 2011.

CHOWN, Gordon. **Os dons do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: CPAD.

SILVA, José Apolônio da. **Sintetizando a Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

GEE, Donald. **Os Dons do Ministério de Cristo**. Rio de Janeiro: LIVROS EVANGÉLICOS, 1961.

GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Bíblica Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

_____. *Pneumatologia — a doutrina do Espírito Santo*, in **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HANEGRAAFF, Hank. **Cristianismo em Crise**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico — Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HORTON, Stanley M. **I e II Coríntios — Os Problemas das Igrejas e suas Soluções**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KENNEDY, D. James & NEWCOMBE Jerry. **As Portas do Inferno não Prevalecerão**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

LIMA, Elinaldo Renovato de. **Perigos da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

M. BOYD, Frank. **Introdução e Comentário — Carta aos Coríntios**. Rio de Janeiro: CPAD.

MENDES, José Deneval. **Esboço de Teologia Pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

PATZIA Arthur G., **Novo comentário Bíblico Contemporâneo — Efésios, Colossenses, Filemom**. São Paulo: VIDA, 1995.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1963.

PFFEIFER, Charles F. *et al.* **Dicionário bíblico Wicliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PIERATT Alan B.. **O Evangelho da Prosperidade**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

VINE W. E. *et al.*, **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

Ao criar o ser humano, homem e mulher, deu-lhes o sopro divino, o primeiro dom, o dom da vida. Não apenas a vida biológica, mas a vida espiritual, a vida eterna, com a qual o homem poderia desfrutar para sempre da gloriosa presença do Criador, sem sofrer os males decorrentes do pecado. A Queda foi a tragédia de dimensão espiritual, humana e cósmica que mudou a história. Mas Deus provou que tem um plano especial para o homem, na face da Terra.

As habilidades dadas a cada pessoa pelo Espírito Santo são chamadas de dons espirituais. Nesta análise, de natureza introdutória, chamamos de “dons de Deus” a todos os carismas concedidos por Deus, de diversas formas, como recursos de origem divina, que têm o propósito de capacitar os salvos em Cristo Jesus no cumprimento da missão da Igreja.

Sendo assim, o objetivo desta obra é adentrar um pouco na essência das manifestações espirituais, indispensáveis para que haja dinamismo na vida da Igreja e dos seus membros em geral.

Esta é uma obra fundamental – que não pode faltar em seu crescimento espiritual e intelectual.

